

Revista

RAÍZES

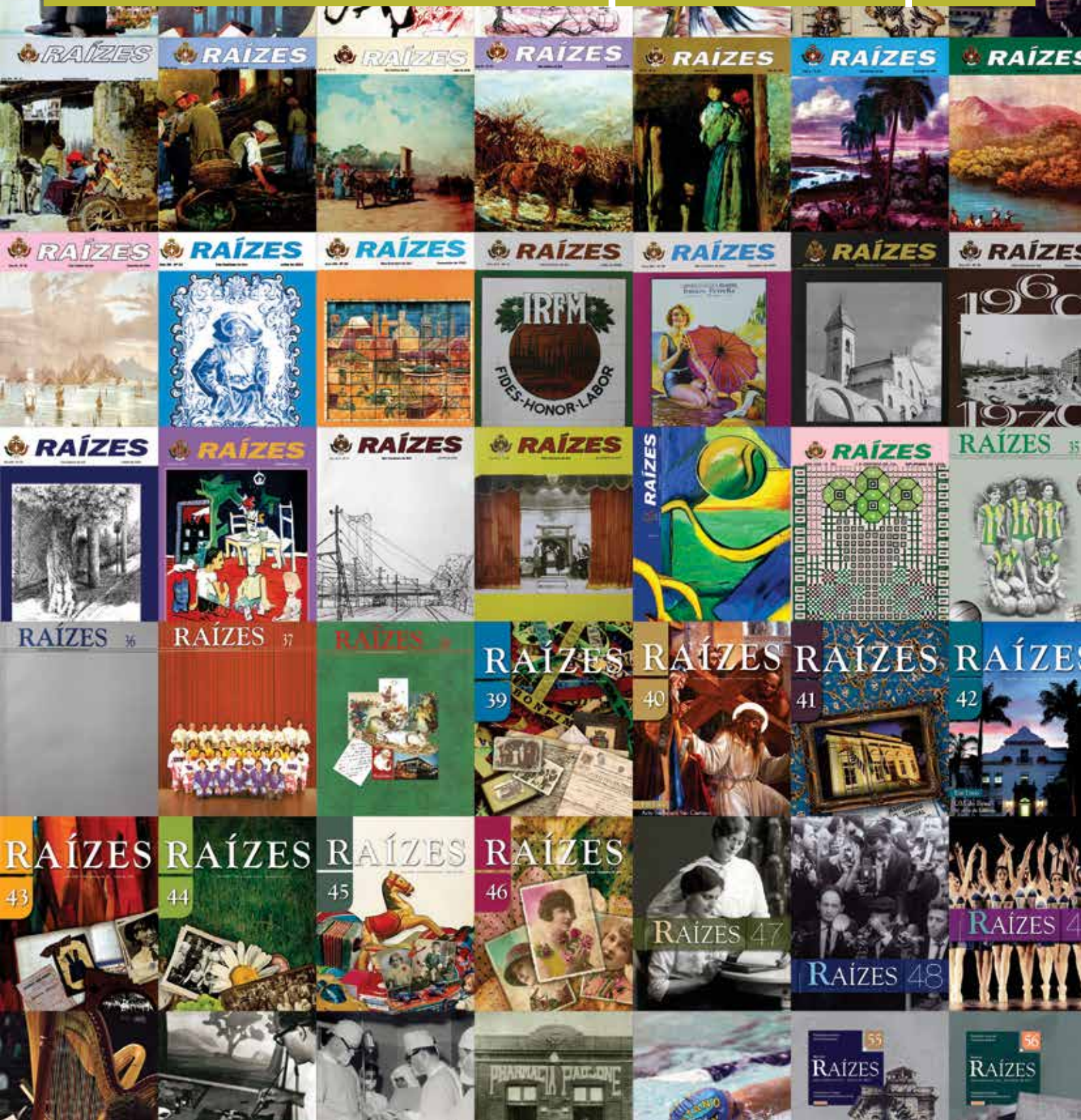
59

Publicação Semestral
Distribuição gratuita

Julho de 2019

Publicação da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

ANO XXXI






Antonio José da
Silva, na frente
do Grupo Escolar
Senador Fláquer,
na década de 1950

FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA

Há 28 anos
preservando
sua memória

Palavra do Presidente

 Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

TEMPOS MAIS QUE MODERNOS. A nova era da tecnologia. Muitas são as formas de adquirir conhecimento e a informação chega de maneira cada vez mais rápida, e se apresenta cada vez mais enxuta e direta. Em busca de atualização, de estar cada vez mais perto de seu leitor, e, ainda, alcançar novos públicos, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul entra em uma nova era do projeto editorial da revista *Raízes*.

Todos os detalhes dessa nova empreitada poderão ser vistos nas próximas páginas da publicação. Esta edição traz muitas novidades. Investimos em uma nova abordagem visual e em novas seções, resultados do trabalho de nossa equipe, empenhada em apresentar o melhor para o leitor de *Raízes*.

Ressaltamos aqui a valiosa contribuição dos articulistas e colaboradores desta edição, que nos oferecem múltiplos enfoques de diferentes aspectos da história da cidade e da região. A Fundação Pró-Memória centraliza a organização e a edição da revista, mas, na verdade, a publicação é feita por diversas mãos e mentes. E assim vislumbramos nossa continuidade, sempre com a participação da sociedade, seja relatando suas histórias, seja ouvindo e escrevendo as histórias de outros.

Juntos, seguimos construindo uma São Caetano melhor, que reconhece seu passado e projeta seu futuro. ■

Ano XXXI – Número 59
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Prefeito Municipal: José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** João Manoel da Costa Neto. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Coordenação Geral da Fundação Pró-Memória:** Márcia Gallo. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Anna Figueira, Breno Diorrener Pereira, Eva Bueno Marques, Francisco José Gripp Bastos, João Manoel da Costa Neto, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Monica lafrate, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Cláudio Prieto, Issao Toyoda Kohara, Ivo Pellegrino, José Luiz Cabrino, José Ramos Vitorino, Maria José Amaral Pante, Mário Porfírio Rodrigues, Mauro Vincenzi Laranjeira, Newton Mori, Sueli Bimbachi, Teruo Fujita, Valdo Armindo Rechele

RAÍZES

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). **Edição e Revisão:** Cristina Toledo de Carvalho, Paula Fiorotti. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Ana Luisa Nóbrega Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo Canhoni, Caio Bruno Siqueira de Paula, Cristina Toledo de Carvalho, Humberto Domingos Pastore, Isabel Cristina Ortega, João Alberto Tessarini, João Manoel da Costa Neto, Mário Porfírio Rodrigues, Monica lafrate, Nelson Albuquerque Oliveira Júnior, Paula Ferreira Fiorotti, Roberta Sernagiotto Soares. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Roberta Giotto. **Serviço de Difusão Cultural:** Caio Bruno, Cristina Ortega, Cristina Toledo de Carvalho, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari. **Fotografia, Digitalização e Restauração de Imagens:** Antonio Reginaldo Canhoni. **Apoio à Pesquisa Iconográfica:** Jacqueline Nakagawa, Jussara Ferreira Muniz, Monica lafrate

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2019

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Mudanças e permanências



Paula Fiorotti

EDITORA

ENTRAMOS NO TRIGÉSIMO PRIMEIRO ANO de *Raízes*, e para celebrar as três décadas de existência da publicação, a equipe do Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória e a Comissão Editorial da instituição se reuniram e conversaram detalhadamente sobre os próximos passos da revista. Decidimos que era hora de mudar e o desafio estava lançado!

Apresentamos a vocês uma nova *Raízes*. Em um conceito visual totalmente novo, fontes, cores e elementos foram renovados, com o objetivo de traduzir uma proposta mais dinâmica, leve e ilustrada. Algumas alterações editoriais foram contempladas neste novo projeto, inovações que emprestam à publicação um formato mais atual. Mas a essência de *Raízes* permanece consolidada.

Entre mudanças e permanências, conservam-se os propósitos de divulgar e incentivar as pesquisas referentes à história da cidade, e de reconhecer e valorizar o patrimônio cultural do município. Permanece a determinação de seguir contribuindo para a construção da identidade social e cultural do município, democratizando e valorizando aspectos do nosso passado.

De acordo com o projeto, uma das principais mudanças é a exclusão da seção *Em Foco*. Em seu lugar entra *Capa*, editoria que, como o próprio nome diz, ilustra a capa da revista. Não teremos mais uma série de artigos sobre o mesmo tema, mas somente uma produção terá destaque. Algumas seções foram repaginadas, com o intuito de oferecer conteúdo de leitura mais ágil, como *Curiosidades*, que explora fatos curiosos, modos de fazer e costumes locais que marcaram o cotidiano da população sul-são-caetanense. E *Quem foi*, que é dedicada a apresentar pequenas biografias de patronos e logradouros e prédios públicos.

A partir de uma imagem do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória,

a seção *Ensaio* apresenta um texto de formato variado inspirado na imagem escolhida. O objetivo de *Transformações* é mostrar a evolução da paisagem urbana local, com imagens antigas e atuais de locais da cidade. Já *Memória e Afeto* resgata as nossas melhores lembranças afetivas e simbólicas, publicando imagens de lugares ou tradições presentes em São Caetano nos anos passados.

Os acervos da instituição, do Museu Histórico Municipal e da Pinacoteca Municipal, são revelados na seção *Nosso Acervo*, que mostra detalhes e a história de objetos e obras de arte. Promover interação da revista *Raízes* com o site e as redes sociais da entidade é o propósito da editoria *#hashtag*. Uma nova seção é *Visitas*, que vai destacar dois grupos de visitantes que tenham conhecido os espaços expositivos da Pró-Memória. Outra novidade é uma editoria dedicada a mostrar, com mais profundidade, projetos e ações desenvolvidos pela Fundação, denominada *Projetos*.

A seção *Registro* aparece renovada e com outro nome: *Aconteceu*. Já *História Oral*, *Artigos*, *Memória*, *Esportes*, *Personagens*, *Poesias e Crônicas*, *Homenagem*, *Cultura*, *Regionais*, *Memória Fotográfica*, *Bau de Memórias* e *Raízes e Retratos* foram mantidas neste novo perfil. Já a capa vem com novo cabeçalho e um design que permite mais intervenções nas fotografias escolhidas.

Apresentamos o resultado desse projeto nesta edição. Mudanças fazem parte de todo processo de crescimento. Em seus 30 anos, *Raízes* passou por diversas alterações e reformulações, evoluções que garantiram sua continuidade de sucesso. No momento atual, cada vez mais conectado e transformador, é preciso estar aberto a novas ideias, para fazer diferente. E é isso que esperamos ter alcançado, uma nova *Raízes*, mas que continuará a ser leitura imprescindível para os interessados na história de São Caetano do Sul. ■

**4**
#HASHTAG**5**
ENSAIO
Na mira do olhar
Cristina Toledo de Carvalho**22**
TRANSFORMAÇÕES**25**
MEMÓRIA
**Sete oferecimentos...
Sete instrumentos... Sete
sacramentos**
João Tarcísio Mariani**31**
MEMÓRIA
**80 anos do Instituto de
Ensino Sagrada Família**
Ivana Colognesi Sanchez
Renato Astolfi Raposo**35**
MEMÓRIA
**Argal Química: negócio
de família e de sucesso**
Sílvio José Buso**37**
MEMÓRIA
**Quando uma amizade se
torna um negócio bem
sucedido**
Luiz Domingos Romano**42**
HISTÓRIA ORAL
**Minha vida na Cerâmica
São Caetano**
Valter Mariano**48**
HISTÓRIA ORAL
**Dona Minervina, uma
cidadã da história de
São Caetano do Sul**
Cristina Toledo de Carvalho**10**
CAPA
**Revista Raízes: três
décadas de muitas
memórias e histórias**
Cristina Toledo de Carvalho
Paula Fiorotti**51**
HISTÓRIA ORAL
A tradição dos Baader
Cristina Ortega**54**
HISTÓRIA ORAL
Esporte, política e história
Caio Bruno**62**
HOMENAGEM
Uma grande saudade...**64**
HOMENAGEM
**Luiz Emiliani: o farmacêutico,
o político e o homem**
Caio Bruno**67**
MEMÓRIA E AFETO**68**
ARTIGOS
**Os calções de couro de um
índio de São Caetano - 1760**
José de Souza Martins**71**
ARTIGOS
**Notas sobre cultura
e migração**
Lilian Crepaldi**76**
QUEM FOI**78**
ESPORTES
**75 anos de dois
patrimônios do esporte
sul-são-caetanense**
Rodrigo Marzano Munari**86**
ESPORTES
**Coutinho, um craque
desfilando sua categoria
em São Caetano**
Renato Donisete Pinto**93**
POESIAS E CRÔNICAS
Barcelona Notívaga
Marcos Eduardo Massolini**99**
REGIONAIS
**Eleições do ABC no
século 19: votantes de São
Bernardo e de São Caetano
em uma lista de 1847**
Rodrigo Marzano Munari**106**
REGIONAIS
Cine Tangará em Santo André
Letícia Polli e Priscila F. Perazzo**110**
PROJETOS
**Conhecer a história
de sua cidade é
exercício de cidadania**
Nereide Schilaro Santa Rosa**114**
NOSSO ACERVO
Museu Histórico Municipal**115**
NOSSO ACERVO
Pinacoteca Municipal**116**
NOSSAS VISITAS**117**
ACONTECEU**122**
MEMÓRIA
FOTOGRAFICA**9, 90**
CURIOSIDADES**23, 39, 41, 59,
61, 77, 91, 109**
RAÍZES E RETRATOS**24, 40, 60, 92**
BAÚ DE MEMÓRIAS

(#) HASHTAG



No primeiro semestre de 2019, a Fundação Pró-Memória lançou em seu Facebook e Instagram a hashtag #meulugaremsaocaetano. O objetivo era que os moradores de São Caetano compartilhassem fotos de locais do município que marcaram sua vida e história. Lembranças da infância, da escola, de romances e celebrações em geral foram algumas das recordações enviadas por nossos seguidores.



[instagram.com/
fpmcs_oficial](https://www.instagram.com/fpmcs_oficial)



[facebook.com/
promemoria.caetano](https://www.facebook.com/promemoria.caetano)



f José Luiz Cabrino

“Recordações de quando estudei na EMEF Dom Benedito Paulo Alves de Souza no início dos anos 1960. Ainda quando não havia salas mistas.”



“Tenho todas as lembranças. Nasci em São Caetano do Sul, no Hospital Beneficência Portuguesa. Morei numa casa na Rua São Paulo, onde hoje está o Hospital Márcia Braido, no mesmo ano da inauguração da Cidade das Crianças, em 1971. Morei também num sobrado na esquina das ruas Amazonas e Castro Alves. Estudei no Instituto de Ensino Sagrada Família. Lembro-me bem do Cine Vitória e do Aeromodelismo. Moro aqui até hoje.”

Edgar Silva

“Tantos lugares. A Concha Acústica, Cine Lido, Hipnoses, Zangão, o posto Texaco da Goiás. Aliás, sou do tempo em que a Goiás tinha só uma pista de ida e volta e recebia os desfiles de 7 de Setembro. Lembro-me também da doceria do tio Vicente, na Rua Baraldi, e estudei no Instituto de Ensino Sagrada Família, usando saia plissada e quadriculada. E por aí vai...”

Elaine Trindade

“Lembro-me bastante das brincadeiras na Rua Roma com amigos. Tenho muitas lembranças de São Caetano.”

Carmen Romera

“Meu primeiro encontro com meu marido foi no Cine Vitória, em 1970. Fomos assistir ao filme *O Dólar Furado*. Meu marido já faleceu, restaram as lembranças.”

Idê Couto Nogami

“Da minha adolescência é inevitável lembrar da danceteria Twist's, na Avenida Goiás.”

Blenda Flores

“Lembro-me muito da Avenida Tijucussu antes da canalização do córrego. Nadávamos nele na década de 1950.”

Wilson Pezzo

“Meu lugar é e sempre será a Festa Italiana. Foi lá que me encantei com a cidade, suas tradições e história. Encontrei meu amor lá, casei e tive minha filha. Muita magia e verdade.”

Simone Moz



f Marco Aurélio Sanches

“Inauguração dos refletores do Estádio Anacleto Campanella em comemoração ao centenário de São Caetano do Sul (1977). Eu e o folclórico ex-presidente do Corinthians, Vicente Matheus.”



f Mario Zoleti

“Eu e meu pai em 1965, na Avenida Goiás, na esquina com a Rio Grande do Sul e, ao fundo, a antiga Concha Acústica.”







Uma fotografia e algumas breves reflexões sobre a produção do conhecimento histórico

Na mira do olhar

A FOTOGRAFIA COMPORTA UM UNIVERSO CULTURAL RICO E INESGOTÁVEL de possibilidades e aspectos, o qual transporta para a seara da produção do conhecimento proveitosas interlocuções com as chamadas Ciências Humanas. A Sociologia, a Antropologia e a História são apenas alguns desses segmentos do saber que oferecem os seus referenciais teóricos e metodológicos para a elaboração de trabalhos

cujas temáticas contemplam o material fotográfico como objeto de estudo ou fonte de pesquisa.¹

No que tange à Fundação Pró-Memória, é desnecessário ressaltar a importância do seu acervo iconográfico frente às propostas delineadas pela instituição em relação à produção e difusão da história de São Caetano. As imagens constitutivas de tal acervo apresentam um potencial de inserção no processo de construção de narrativas historiográficas atinentes à cidade, podendo, assim, para além de uma função meramente ilustrativa, dialogar com os assuntos, questões e problemáticas colocadas em tela pelas mencionadas narrativas. Ao participarem incisivamente da fabricação do conhecimento histórico local, as fotografias fornecem um rol de informações ao pesquisador. Este, por sua vez, a partir de sua perspicácia e do auxílio de fontes de natureza diversa, como os documentos, a imprensa, os relatos orais, entre outros registros, utiliza essas informações em seu trabalho de pesquisa historiográfica. Conforme esclarece Cláudio de Sá Machado Júnior, “o conhecer de uma fotografia passa pela informação indireta, ou seja, não somente o que a imagem significa em si, mas o que outras fontes podem falar sobre ela.”²

Há cerca de três anos, durante os trabalhos rotineiros de pesquisa na Pró-Memória, a foto que consiste na maior representação da vitória do ideal autonomista em São Caetano esteve no centro de uma apurada e criteriosa análise, da qual resultou uma importante constatação. Tirada na Avenida Conde Francisco Matarazzo, a imagem em questão focaliza um grupo de pessoas em um momento de comemoração e euforia, que, até então, era atribuído ao episódio da conquista da emancipação política de São Caetano junto a Santo André, por meio do plebiscito de 24 de outubro de 1948.



Compondo a cena registrada na foto, uma infinidade de papéis (os famosos santinhos de propaganda eleitoral) cobrindo o chão, além de alguns cartazes fixados no poste, ao centro da fotografia. Entre as dezenas de pessoas, sobressai um rapaz, em primeiro plano, portando um material impresso, no qual aparece a seguinte inscrição: “Para Prefeito Pellegrino.”

A imagem que, há quase sete décadas, vinha representando a vitória do movimento autonomista foi objeto de uma análise que promoveu a desconstrução de tal representação. Como ficou constatado, trata-se ela das primeiras eleições municipais, realizadas em 13 de março de 1949, e não da comemoração do povo frente ao resultado do plebiscito de 24 de outubro de 1948

(...) “Para Prefeito Pellegrino.” A referida informação foi crucial para que se chegasse à conclusão de que a imagem faz alusão às primeiras eleições municipais

A referida informação foi crucial para que se chegasse à conclusão de que a imagem faz alusão às primeiras eleições municipais (e não ao plebiscito de 24 de outubro de 1948), realizadas no dia 13 de março de 1949, e que sagraram Ângelo Raphael Pellegrino vencedor, com a marca de 4.094 votos, contra 1.017 de José Luiz Fláquer Netto.

Pela elucidação exposta, atesta-se que a metodologia que cerca a pesquisa histórica deve servir-se de referenciais teóricos capazes de desvelar, em toda a sua complexidade e profundidade, o conteúdo das fontes à disposição. No caso da fotografia, vale ressaltar que, assim como outros registros documentais, ela também detém uma riqueza de especificidades e nervuras que desconstroem a ideia acerca de sua pretensa e ilusória fixidez. Dela, emerge um leque significativo de informações, que, articuladas

ao repertório de conhecimento do pesquisador e à gama documental que ele tem disponível, dialogam, dinamicamente, com as questões que movem o processo de escrita da história.

Graças aos dados que foram trazidos à baila durante a análise da imagem em discussão neste texto, foi possível corrigir a informação a ela correspondente, informação esta que transformara a aludida fotografia na representação emblemática do êxito da causa autonomista. Porém, mesmo com a desconstrução de tal informação, não se pode negar a estreita conexão entre o fato a que, verdadeiramente, a imagem se refere e aquele que, em algum momento, disseram que ela representava. Sem a organização do movimento autonomista, que redundou na criação do município de São Caetano do Sul, não teriam ocorrido as eleições municipais de 13 de março de 1949, responsáveis pela constituição dos poderes executivo e legislativo sul-são-caetanenses.

Considerando que a história é repleta de meandros, engendramentos e conjunturas, compreensível que não menos complexa seja a produção do seu conhecimento. Uma historiografia comprometida com a reflexão, a ponderação e o senso crítico mostra-se imprescindível para o despertar de uma consciência nos cidadãos frente às questões que permeiam a vida em sociedade. Que essa valiosa premissa não esmoreça diante do conturbado cenário político nacional, sobrepondo-se a dogmatismos ideológicos, a insanos embates e a descabidos revanchismos. Enfim, que o saber histórico cumpra a sua função social e não deixe de apontar os caminhos pelos quais a humanidade nunca mais deverá enveredar-se. **(Cristina Toledo de Carvalho)**

Notas

¹ CARVALHO, Cristina Toledo de. Para além da imagem: o universo cultural inerente às fotografias de moradores de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 48, p. 8-18, dez. 2013, p. 9.

² MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. Escrevendo a história com imagens fotográficas: historiografia das principais tendências no Brasil, p. 3. Disponível em: eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/contente/janeis/1217344386_ARQUIVO_EscrevendoHistoriacomImagensFotograficas.pdf. Acesso em: 20 set. 2013 apud CARVALHO, Cristina Toledo de, op. cit., p. 9.



NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO 20, faziam parte do cotidiano de muitos moradores de São Caetano do Sul as visitas ao tradicional Jardim da Luz, em São Paulo. A facilidade de acesso, via trem, e a beleza dos jardins, com coreto, lagos e ampla área verde, transformaram o destino em um dos preferidos da população local.

Mas esse era um costume refinado para a época, portanto, era preciso vestir o melhor traje para o passeio, que, geralmente, acontecia aos domingos. A elegância era tamanha, que muitas famílias, casais de namorados e grupos de amigos contratavam um fotógrafo ambulante, o chamado lambe-lambe, para registrar as visitas naquele belíssimo cenário. ■

Francisco Rodrigues, Adelina Rodrigues, Maria Conceição Rodrigues, José Rodrigues, Josefina Rodrigues e Vildo Rodrigues, durante passeio ao Jardim da Luz, em 1926

Acervo/FPMSCS



Jardim da Luz



Revista Raízes: três décadas de muitas memórias e histórias

Cristina Toledo de Carvalho

Paula Fiorotti

PODE-SE AFIRMAR que a preocupação com a valorização da memória local é uma questão que marcou lugar no horizonte de São Caetano desde o período anterior ao de sua constituição municipal. Entre os registros que embasam tal constatação, destacam-se os do ano de 1927, relativos às comemorações do cinquentenário da chegada do primeiro grupo de imigrantes italianos à localidade. Para festejar esse jubileu, uma comissão foi organizada, tendo em vista o estabelecimento de um calendário de eventos. Composto por uma programação que compreendeu, entre outras iniciativas, o lançamento dos livros *Pagine di verità e di vita* (escrito, predominantemente, em italiano) e *O 50º aniversário da fundação de São Caetano (1877-1927)*, de Renato Bellucci e Roberto Capri, respectivamente, o mencionado calendário de eventos contribuiu para o início do processo de construção de uma identidade pública local, que tinha nas narrativas triunfalistas acerca do passado imigrante de São Caetano a sua grande marca.

Se antes da criação do município sul-são-caetanense a atenção dispensada à memória da localidade já era uma realidade, com o

advento deste, no final de 1948, começou a observar-se a intensificação de ações destinadas a recuperá-la. A busca identitária acoplava-se à vida do recém-criado município de São Caetano do Sul, que, uma vez autônomo, não mediria esforços para contar a sua história e eleger os seus personagens, datas e marcos. A despeito, assim, das motivações ideológicas e dos significados políticos por trás de orientações de culto ao passado, a imprensa local, por meio do *Jornal de São Caetano*, assumiu a responsabilidade pela recuperação, produção e difusão da memória sul-são-caetanense, dando margem, nas edições de aniversário da cidade, à publicação de textos que exaltavam, a partir de uma perspectiva de interpretação heroica, o papel dos imigrantes italianos no processo de construção da localidade. À luz dessa memória triunfalista e eurocêntrica, a história oficial de São Caetano foi concebida, impondo-se como narrativa autorizada do passado local, a qual, por sua vez, fazia *jus* ao prognóstico de desenvolvimento então vislumbrado na urbe sul-são-caetanense, por força de seu quadro econômico promissor. Apresentava-se, portanto, como uma autoimagem¹, capaz de espelhar a conjuntura em curso na cidade e a constituição hegemônica de uma São Caetano pujante e grandiosa.

Além do *Jornal de São Caetano*, o próprio poder público municipal tratou também de criar condição para a divulgação da história da localidade. Em 1952, a prefeitura patrocinou a publicação do almanaque *Isto é São Caetano*, que trazia, entre outras informações sobre a cidade, como a relação de suas indústrias e estabelecimentos comerciais, uma compilação de caráter histórico, de autoria do jornalista José Luiz Salvador Victor Marinaro. O mesmo já havia tido os seus trabalhos sobre a história local publicados, em capítulos, naquele jornal, a partir de edições do segundo semestre de 1951.

No contexto dessas iniciativas em prol da recuperação da memória sul-são-caetanense, encontra-se mais uma advinda da municipalidade. Trata-se ela da criação do Museu Histórico Municipal, cuja inauguração ocorrera no dia 23 de julho de 1960, em prédio situado na Rua Baraldi, nº 929, esquina com a Rua Rio Grande do Sul. Sob o comando de José de Souza Martins, pesquisador que vinha se notabilizando na cena intelectual local, sobretudo pelo lançamento, em 1957, do livro *São Caetano do Sul em IV séculos de história*, que inaugurou o que se pode chamar de historiografia da cidade, aquela instituição museológica teve existência breve. Após mais de uma década



Lançamento do segundo número de *Raízes*, de dezembro de 1989. Em destaque, ao centro, discursando, Glenir Santarneckchi, que, posteriormente, tornar-se-ia um dos colaboradores da publicação. Foi também membro de seu Conselho Editorial, além de seu jornalista responsável, entre dezembro de 2007 e dezembro de 2008. Na imagem, entre outros, aparecem ainda Yolanda Ascencio (a terceira, a partir da esquerda), o então prefeito Luiz Olinto Tortorello (de camisa escura) e Sonia Maria Franco Xavier, na ocasião, diretora do Museu Histórico Municipal, conselheira e articulista da revista

fechada, seria reaberta apenas em 1977, durante os festejos do centenário da localidade, com a denominação de Museu Histórico Municipal e da Imigração Italiana Oswaldo Samuel Massei. Sua instalação deu-se em um espaço localizado nas dependências do Bosque do Povo (Parque Municipal José Alves dos Reis), na Estrada das Lágrimas. Em tal endereço permanecera até o final da década de 1980, quando se transferiu para a sede atual, inaugurada no dia 29 de dezembro de 1988, no número 122 da Rua Maximiliano Lorenzini, no Bairro da Fundação. Desde 2005, essa instituição cultural, que hoje compõe a Fundação Pró-Memória, atende pelo nome de

Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul.

A partir da segunda metade da década de 1960, São Caetano do Sul passou por significativas transformações. A adoção de políticas em favor de um planejamento urbano que objetivava dotar o município de equipamentos e serviços necessários ao seu desenvolvimento e modernização promoveu a reestruturação da urbe. Um novo cenário foi, dessa forma, arquitetado.

Em uma conjuntura efervescente, dinâmica e repleta de pluralidades e tensões, como a que se desenhava na cidade então, a produção difusa e diversa de memórias em seu cotidiano criou e alimentou questões que sinalizavam para aspectos alusi-

vos, sobremaneira, à apropriação, seleção e preservação de tais memórias, com vistas à recuperação de representações, valores e referências que pudessem rediscutir pontos condizentes à identidade do município.

A essa altura, a memória triunfalista, centrada na figura do imigrante italiano, embora detentora de uma supremacia junto ao imaginário local, mostrou-se limitada e deficitária. As suas narrativas, excludentes na essência, não seriam capazes de abarcar e interpretar, de forma aprofundada, toda a efervescência impressa pelas mudanças que vinham sendo verificadas na localidade. Demandas, novos sujeitos, interesses, forças e conflitos emergiam, contundentemente, na vida cotidiana de São Caetano, destoando das imagens fixadas por sua história oficial. A memória local deveria, assim, ser repensada e a busca pela identidade sul-são-caetanense, retomada. A produção de novas histórias sobre o passado da cidade impunha-se, impreterivelmente.

Somente em 1989, com o lançamento da revista *Raízes*, esse desafio começou a materializar-se eficazmente. A publicação, que completa 30 anos neste ano, foi uma de algumas outras ações empreendidas pela administração municipal em prol da recuperação e valorização da memória local. Em 1991, pouco tempo depois do início da circulação de *Raízes*, o então prefeito Luiz

Olinto Tortorello (1989-1992) dava mais um importante passo no sentido da valorização da memória de São Caetano, ao conceder aval para a efetivação de um projeto editorial a cargo da antiga Assessoria de Comunicação Social da prefeitura (hoje Subsecretaria Municipal de Comunicação Social), o qual preconizava a publicação de livros sobre a história da cidade,² e para a criação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Saliente-se que as referidas iniciativas encontram-se arroladas na esteira de ações verificadas também em outros municípios do Grande ABC no período, as quais deflagraram, conjuntamente, um movimento integrado em favor da história regional. Um dos frutos desse movimento e uma de suas mais notórias expressões é o Congresso de História do Grande ABC. Idealizado em face de todo um apelo existente em torno da memória da região, do qual são tributárias as instituições criadas para salvaguardá-la e o Grupo Independente dos Pesquisadores da Memória do Grande ABC (Gipem), teve sua edição inaugural realizada em Santo André, em 1990, durante a gestão do então prefeito Celso Daniel (1989-1992). Promovido de dois em dois anos em cada um dos sete municípios da região, já se encontra em sua 14ª edição, sob a denominação de Congresso de História e de Estudos Regionais do Grande ABC.

Em reconhecimento à relevante marca de três décadas ininterruptas de circulação da revista *Raízes*, uma das referências dessa movimentação verificada no âmbito da memória da região, a publicação abre espaço, nesta edição, para contar a sua própria história. Tema amplo e repleto de possibilidades de abordagem, o assunto em questão é apresentado, no presente artigo, a partir de alguns aspectos e prismas, como os de caráter histórico e jornalístico. Convergentes e em diálogo, ambas as perspectivas são aqui problematizadas e discutidas, de modo que se privilegiem reflexões acerca de questões atinentes à construção das memórias sul-são-caetanenses e aos meandros, motivações, interesses e conjunturas que a envolvem.

O surgimento da revista *Raízes*—No final da década de 1980, a preocupação com a pauta relativa à memória local veio com força à tona, colocando-se junto a outros assuntos de interesse na agenda pública municipal. Assim sendo, em 1985, a prefeitura sul-são-caetanense lançou o projeto Pró-Memória de São Caetano do Sul (não confundir com a instituição de mesmo nome, criada em 1991, sobre a qual o artigo discorre mais adiante) com o objetivo de promover a recuperação da memória histórica da cidade, por meio de ações de valorização de seu patrimô-

nio cultural.³ A par da proposta de captação de materiais que fizessem menção ao passado do município, como fotografias, documentos e objetos, tendo em vista o enriquecimento do acervo do museu local, o aludido projeto organizou, com o apoio da General Motors do Brasil e da unidade de São Caetano do Serviço Social do Comércio (Sesc), o concurso fotográfico *Revele a História de São Caetano do Sul*. Além desse concurso, o Pró-Memória compreendeu também o programa *Viva São Caetano*, que consistiu na promoção, durante o mês de outubro daquele ano de 1985, de uma série de eventos culturais, como exposições históricas e de artes plásticas e apresentações musicais, teatrais e de dança.⁴ O projeto previa ainda a realização de um concurso de monografias, voltado para o público estudantil

do município, a quem cumpriria percorrer a respeito da história dos bairros locais.⁵

Conclui-se que o projeto Pró-Memória de São Caetano do Sul atendeu às expectativas, uma vez que a municipalidade deu continuidade a ele, conforme atesta um impresso de 1987, em que constam o regulamento, o calendário e a ficha de inscrição para participação no mesmo. Embora com uma proposta de atividades distinta da encaminhada pela primeira versão do projeto, o escopo de reunir elementos concernentes a aspectos históricos da cidade manteve-se. De acordo com o seu regulamento, os materiais deveriam ser levantados a partir de tarefas sugeridas, semanalmente, aos participantes, no molde de uma gincana.⁶

Por meio de iniciativas como as do mencionado projeto, deflagram-se no município ações de

coleta, registro e divulgação de fontes referentes ao passado local, criando um ambiente favorável à valorização de seu patrimônio histórico. Já com um cabedal documental em franca formação e com a observância de uma orientação de apoio do poder público municipal a empreendimentos de caráter histórico-patrimonial, a implementação de mais uma ação oficial na área serviria para fortalecer ainda mais o processo de institucionalização da memória sul-são-caetanense. Sob essa conjuntura, a revista *Raízes* foi idealizada, passando a circular em julho de 1989.

A cargo da então Assessoria de Comunicação Social da prefeitura, a publicação teve como primeiro editor o jornalista Aleksandar Jovanovic, que,

O então prefeito Tortorello (à esquerda) com o jornalista Aleksandar Jovanovic, primeiro editor da revista *Raízes*, durante o lançamento de sua 19ª edição, de julho de 1999



Foto tirada durante de lançamento da edição de número 7 da revista *Raízes*, de julho de 1992, ocorrido na Academia de Letras da Grande São Paulo, que, na época, estava localizada no primeiro andar do Teatro Santos Dumont, na Avenida Goiás, nº 1.111. Na ocasião, foi também lançado o livro *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha* (obra integrante do projeto editorial inaugurado, em 1991, pela prefeitura), de autoria de José de Souza Martins. A partir da esquerda, José de Souza Martins, Lauro Garcia e Oscar Garbelotto, então presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, articulista e membro do Conselho Editorial de *Raízes*. Ao fundo, sentado, Paschoal Giardullo

ao lado de Oscar Garbelotto e Sonia Maria Franco Xavier (na ocasião, diretora do Museu Histórico de São Caetano), articulou a criação da revista.

(...) havia um projeto editorial para a criação de uma revista que ajudasse no resguardo e na recuperação da memória do município. Em 1989, Garbelotto, Aleksandar Jovanovic e Sonia Maria Franco Xavier realizaram um projeto editorial, que foi aprovado pelo prefeito. Surgia *Raízes* (...) De acordo com Jovanovic, o projeto tinha o intuito de recuperar a memória, o patrimônio imaterial da cidade.⁷

Quando do lançamento de seu primeiro número, *Raízes*

apresentava um Conselho Editorial constituído pelos seguintes membros: Aleksandar Jovanovic, Oscar Garbelotto, Sonia Maria Franco Xavier, Claudinei Rufini, Henry Veronesi, Mário Botteon e Valdenízio Petrolli.

Alguns meses antes do início da circulação da publicação, quatro componentes de seu Conselho Editorial (Jovanovic, Garbelotto, Sonia Xavier e Botteon) foram designados pelo prefeito Luiz Olinto Tortorello para integrar a comissão instituída pela portaria nº 11.395, de 2 de março de 1989, com o objetivo de “estudar o destino histórico a ser dado à área expropriada do Buracão da Cerâmica (...)”⁸. No dia 16 de maio daquele ano, a referida comissão, sob a presidência de

Oscar Garbelotto, encaminhava ao prefeito uma minuciosa proposta de concepção de cenas representativas da história de São Caetano, segundo padrões museográficos, em parte daquele espaço (que, na ocasião, já abrigava instalações do Centro de Lazer, Esportes e Recreação Senador José Ermírio de Moraes, ou, simplesmente, Espaço Verde Chico Mendes), com ênfase em uma cronologia que privilegiaria as principais etapas do desenvolvimento econômico da localidade.⁹

Naquela mesma oportunidade, a citada comissão apresentou ao prefeito Tortorello estudos necessários à implantação, manutenção e gestão da obra cultural em questão, o que acabou abrindo caminho, poste-

EVOLUÇÃO GRÁFICA

Nº

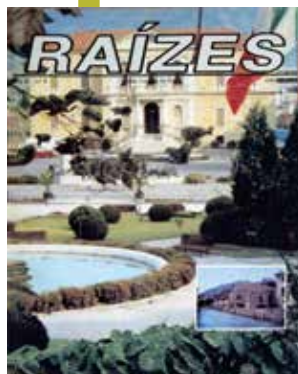
05

Nº

01



A primeira edição apresentou a imagem de um broche de lapela utilizado por membros da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, entidade de cunho mutualista fundada, em 1892 na cidade, exclusivamente para dar assistência às famílias dos colonos italianos. Até a edição de número 8, a capa de *Raízes* foi ilustrada com imagens da cidade, com exceção do número 5, que apresentou um registro fotográfico da cidade italiana de Serravalle.



A partir da *Raízes* nº 5, com um registro fotográfico da Piazza del Popolo e do Palazzo Comunale, em Serravalle, região de Vittorio Veneto, a revista passou a ilustrar suas capas com imagens relativas a algum artigo ou nota publicados na respectiva edição. Neste caso, um texto de autoria de Oscar Garbelotto intitulado *Imagens Vênetas (breve história da trajetória dos homens simples que fundaram uma cidade na América)*.

riormente, para a elaboração do projeto de lei referente à criação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. A decisão da municipalidade de instalar o Palácio da Cerâmica, sede do executivo municipal, naquele espaço esvaziou parte da proposição formulada, mas não impediu que a ideia alusiva ao estabelecimento de uma entidade como a Pró-Memória, encarregada do gerenciamento e divulgação do patrimônio histórico da cidade, fosse concretizada. Com o seu nascimento, em 1991, observou-se a consolidação do processo de institucionalização da memória sul-são-caetanense, do qual a revista *Raízes* é parte integrante essencial. A publicação, aliás, passou a ficar sob a responsabi-

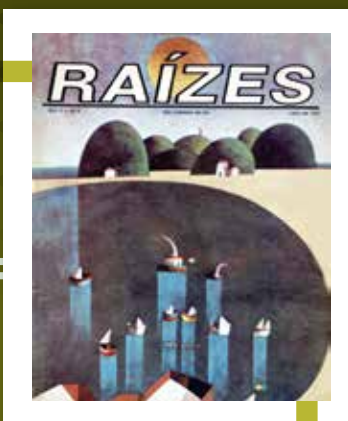
lidade da Fundação Pró-Memória a partir de sua 15ª edição, de julho de 1997, firmando-se, no decorrer dos anos, como o principal produto da instituição, o carro-chefe de seu projeto editorial. A simbiose verificada entre ambas foi muito bem sintetizada por Lilian Crepaldi de Oliveira Ayala, para quem “não há construção da memória social de São Caetano do Sul sem *Raízes* e sua instituição publicadora, a Fundação Pró-Memória.”¹⁰

Uma mescla de abordagens: historiografia e memória - No editorial do primeiro número de *Raízes*, Aleksandar Jovanovic, jornalista então responsável pela revista, assim se manifestou a respeito da publicação,

vislumbrando os seus principais propósitos e linhas temáticas de abordagem:

O lançamento da revista *Raízes* marca uma nova e importante etapa na divulgação e incentivo a pesquisas referentes à História – antiga e recente – de São Caetano do Sul. (...)

Raízes vem impregnada da idéia de que o homem comum não é apenas ator da História, mas seu autor diário. Concebida como publicação semestral, visa difundir, ao mesmo tempo, o trabalho que vem sendo elaborado pelo Museu Histórico Municipal, pelo grupo de pesquisadores da região e por pesquisadores que atuam no âmbito acadêmico. Expansão urbana, a ascensão social de diversos gru-

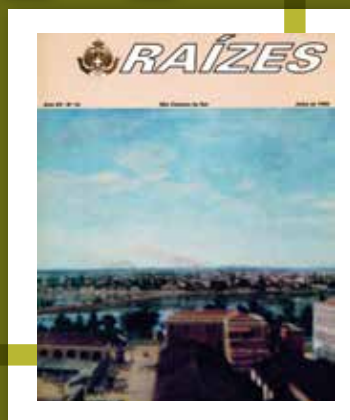


Nº 09

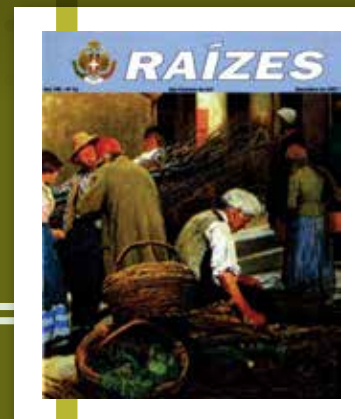
Com a revista número 9, *Raízes* deu início a uma série de capas que apresentavam reproduções de obras de arte, sendo a primeira uma tela de Inos Corradin, artista italiano que chegou a viver em São Caetano. Na sequência, até a edição de número 12, foram destacadas obras de alunos da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes de São Caetano do Sul.

Mudanças no visual da revista foram marcantes a partir do número 14. Na capa, o brasão da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli voltou a aparecer, fazendo parte do logotipo da revista. Na parte interna, *Raízes* passou a apresentar uma quantidade maior de fotografias e ilustrações.

Nº 14



Nº 16



Obras do pintor italiano Pietro Pajetta (1845-1911), da região de Vittorio Veneto, ocuparam as capas de *Raízes* do número 16 ao 19. Pajetta era considerado uma espécie de observador da realidade cotidiana da Itália.

pos, a alteração do meio ambiente e a necessidade de preservá-lo, a manutenção de tradições culturais heterogêneas são temas que devem merecer atenção. [...]¹¹

O aparecimento de *Raízes* deu vazão à produção de uma gama de textos oriundos de um grupo de memorialistas. A cidade passou a ser lida pelos olhares desse rol de autores, cujo crivo que pautava suas ideias e interpretações era o proveniente de suas reminiscências e lembranças. Estas, por sua vez, criaram narrativas que apresentavam um leque temático que contemplava dimensões das trajetórias de tais memorialistas no cenário de São Caetano, em que se imbricavam as esferas do público e do priva-

do. Nesta perspectiva, memórias de espaços e lugares, como as relativas a ruas, bairros, indústrias, instituições esportivas, recreativas e culturais, ganharam destaque nas páginas da publicação, mesclando-se com as lembranças abarcantes da vida familiar e pessoal dos que escreviam aquelas memórias.

Do rol de colaboradores da revista, em seus primeiros anos, fazem parte José de Souza Martins, Ademir Medici, Antônio de Andrade, Jayme da Costa Patrão, Gisberto Grigoletto, Glenir Santarnecchi, Sílvio José Buso, Arnaldo Trebilcock, Jocimara Sperate, José Roberto Gianello, entre tantos outros. Isso sem falar dos nomes que já foram destacados anteriormente, que

compuseram o primeiro Conselho Editorial da publicação e cuja contribuição foi igualmente significativa e efetiva, extrapolando, em alguns casos, a fase inicial da história do periódico.

Embora reserve lugar, desde o seu primeiro número, a uma produção de viés acadêmico, com respaldo documental e embasamento teórico, os textos de cunho memorialístico são predominantes na revista, dialogando, muitas vezes, com os enunciados imagéticos e discursivos inerentes à concepção triunfalista da história local. Por tal razão, muitos artigos, principalmente os que se encontram nas edições iniciais de *Raízes*, remetem a temas que fazem menção à presença italiana na cidade.

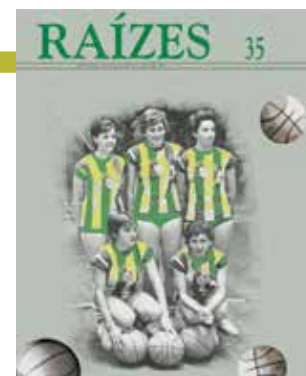
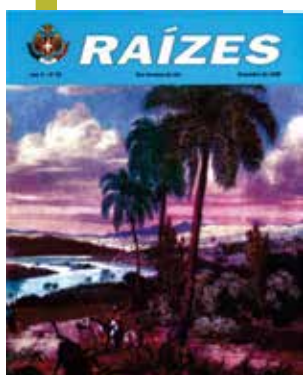
Johann Moritz Rugendas (1802 – 1858), pintor alemão que viajou pelo Brasil e que retratou o povo e seus costumes, teve suas obras nas capas da revista em suas edições de números 20, 21 e 22. A partir deste último número, *Raízes* passou a contar com a seção *Dossiê*, uma editoria fixa, que abordava um tema a partir de diferentes perspectivas e de textos de diversos autores.

Nº 24



A partir desta edição, *Raízes* passou a ter sua capa quase sempre relacionada à seção *Dossiê*, com exceção dos números 29 e 30. Na revista em destaque, que teve na capa a reprodução de um mural de litocerâmica presente nas antigas instalações da Cerâmica São Caetano (hoje ele pode ser apreciado no Espaço Cerâmica), o tema principal abordou a produção cerâmica na cidade.

Nº 20



Nº 35

Uma nova mudança de visual aconteceu no número 35 com a retirada do brasão da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli do logotipo da revista. Outro ponto importante foi a mudança da fonte do logotipo, que passou a ser inspirada em uma caligrafia mais clássica, originária do início do século 20, e que permanece sendo utilizada até hoje em *Raízes*. O número de cada edição, que antes aparecia discretamente em um cabeçalho, ganhou destaque ao lado do nome da revista.

Em contraposição a essa abordagem triunfalista, aparecem os artigos de José de Souza Martins e alguns outros de caráter acadêmico, que propõem a desconstrução daquela perspectiva triunfalista ao trazer outros sujeitos, períodos, interpretações e problemáticas para o debate historiográfico, diversificando as propostas temáticas do periódico e encaminhando novas reflexões acerca do passado da localidade. Sob esse contexto, trajetórias de vida de personagens anônimos, como operários, donas de casa, parteiras, costureiras, imigrantes de outras nacionalidades e origens, migrantes, entre outros sujeitos, ganharam visibilidade por meio, sobretudo, da metodologia da história oral.

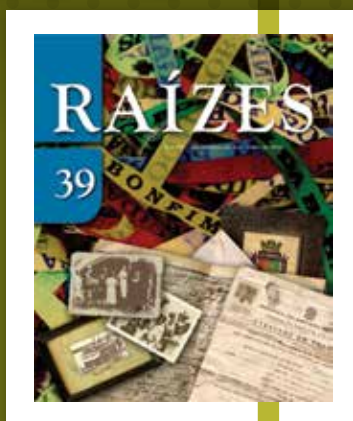
Se, em um primeiro momento, o jornal foi o veículo que deteve a hegemonia frente ao desenrolar dos processos de constituição e disseminação da memória local, posteriormente, em virtude da institucionalização desta, outros instrumentos do periodismo ganharam também protagonismo e importância, como os livros do projeto editorial comandado, inicialmente, pela Assessoria de Comunicação Social da prefeitura e, depois, pela Fundação Pró-Memória, e a própria revista *Raízes*. Esta, indiscutivelmente, vem, há três décadas, ocupando posição de destaque em relação à construção, registro e difusão do conhecimento histórico e da memória atinentes a São Caetano do Sul.

“*Raízes* veio para ficar”, conforme prognosticou o seu primeiro editor já na edição de número 2 da publicação.¹²

E alguns números mostram que, desde sua primeira edição, a revista *Raízes* vem traçando um caminho de continuidade, longevidade e de compromisso com sua proposta. Desde 1989, mais de 280 pessoas já contribuíram com a publicação, assinando artigos, reportagens, crônicas e entrevistas, que totalizam quase 1.300 produções, que foram ilustradas por cerca de 10 mil fotografias.

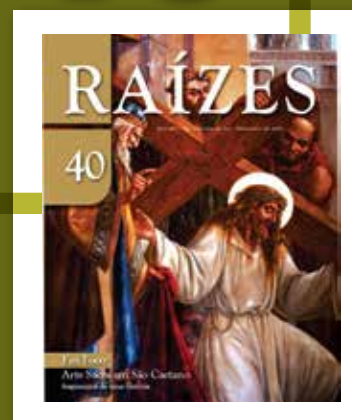
Editorias - Desde seu primeiro número, não havia uma organização determinada de editorias na revista. Algumas seções como *Homenagem* e *Depoimento*

Nº 39



O novo design da capa da revista aplicado a partir desta edição nos apresentou, em geral, fotomontagens criativas e coloridas em um projeto de identidade visual mais apurado. O logotipo permaneceu com a mesma fonte, mas ganhou mais destaque, assim como a numeração. Ambos apoiados em um elemento gráfico na parte superior esquerda. Nas páginas internas, o conteúdo começou a ser impresso em duas cores.

Nº 40



Na edição de número 40, a revista *Raízes* veio totalmente colorida, capa e páginas internas. As editorias passaram a ser organizadas de acordo com uma paleta cromática, para que fossem diferenciadas umas das outras.

aparecem em algumas edições com mais frequência, mas não há uma regularidade na inserção das seções. Editorias como *Meio Ambiente* e *História Econômica* podem ser vistas somente em um número.

A seção *Memória Fotográfica*, que apresenta imagens legendadas, selecionadas a partir do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, é a única presente desde o primeiro número de *Raízes*. E podemos afirmar que é uma das partes da revista que desperta maior interesse por parte dos leitores.

A partir da edição de número 14, de julho de 1996, percebemos a definição das editorias. Os textos passam a ser apresen-

tados, no índice, de maneira setorizada. *Artigos*, *Depoimentos*, *Memória*, *Imigração* e *Memória Fotográfica* são as seções que aparecem com mais frequência.

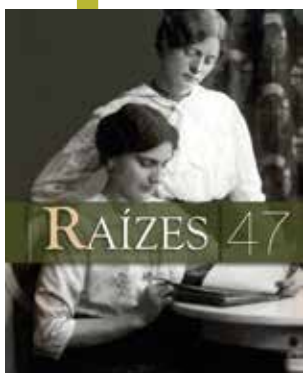
Registro, editoria com caráter institucional que apresenta um resumo das atividades da instituição no semestre anterior ao lançamento da revista, teve sua primeira publicação no número 11, de julho de 1994. Mas a intenção de divulgar projetos e ações da área de memória, patrimônio e imigração italiana se faz presente desde o primeiro número que, na página 39, traz uma matéria sobre a programação do Museu Histórico Municipal para o ano de 1989. *Raízes* chegou a apresentar, em apenas

quatro números (7, 8, 9 e 10), resenhas de livros de diversas editoras, das áreas de cultura, história e antropologia.

Em julho de 1998, a revista passou a contar com um registro ISSN (*International Standard Serial Number*, em português: Número Padrão Internacional para Publicação Seriada). Obtido junto ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, é um código para individualizar o título de uma publicação editada com periodicidade, como revistas, periódicos, entre outros, e de caráter científico ou não.

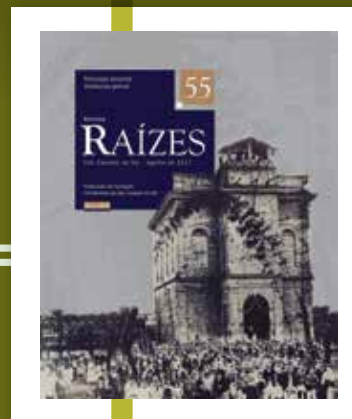
Temas principais - Na edição de número 22 surge a seção

Nº 47



A partir da revista nº 47, a publicação mudou o visual novamente. Fotografias inteiras, sem recortes, passaram a ocupar a extensão completa da capa. O logotipo, aplicado agora em uma tarja volante colorida, continuou com a mesma fonte, mas aparecendo em tamanho menor, com a primeira letra em destaque de acordo com as cores da edição. Para contrastar, o número ficou mais leve, com uma fonte mais moderna e sem serifas.

Nº 55



Um visual mais sóbrio foi adotado a partir da revista *Raízes* nº 55. Cores neutras aplicadas a fotografias recortadas em preto e branco. O logotipo passou a ser aplicado em novo cabeçalho, com as informações mais concentradas em um elemento gráfico colorido. Nova fonte foi aplicada nas chamadas e o índice ganhou diferente configuração.

Dossiê, agrupando tematicamente uma série de artigos e “oferecendo aos leitores uma visão panorâmica a respeito de um assunto relevante”, conforme comentário do editor da revista, Aleksandar Jovanovic, que continua:

Existem diversas questões embutidas nesta mudança. Em primeiro lugar, fica evidente que a evolução - para algo que busca tornar-se melhor e mais completo - seja o destino claro de qualquer trabalho continuado. Portanto, *Raízes* ganha um diferencial, sem prejuízo de seu formato anterior. De outro lado, similar processo de produção possibilita pôr em destaque, e debaixo das lentes de uma análise consistente e diversificada (na justa medida em que o espaço físico da publicação o permite), uma longa série de aspectos interessantes da vida da comunidade. O caleidoscópio integra pontos de vista divergentes, não desconstrói; multiplica, não fração.¹³

Na revista *Raízes* nº 40, de dezembro de 2009, a seção *Dossiê* teve seu nome alterado para *Em Foco* - denominação que permaneceu até o número 58 -, mas a mudança não afetou a proposta original da editoria, que continuou apresentando e discutindo temáticas, sob diferentes prismas e perspectivas. A seguir, a relação dos temas contemplados até o momento:

- Raízes 22 (dez. 2000):** São Caetano entre o final da década de 1940 e o início dos anos 1950;
- Raízes 23 (jul. 2001):** A década de 1930 e seus reflexos em São Caetano;
- Raízes 24 (dez. 2001):** A produção cerâmica em São Caetano;
- Raízes 25 (jul. 2002):** Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo;
- Raízes 26 (dez. 2002):** Comércio;
- Raízes 27 (jul. 2003):** Jubileu de Ouro da Paróquia Nossa Senhora da Candelária;
- Raízes 28 (dez. 2003):** As gestões de Oswaldo Samuel Massei;
- Raízes 29 (jul. 2004):** Jubileu de Ouro da Diocese de Santo André;
- Raízes 30 (dez. 2004):** O industrial belga Prudente Noél;
- Raízes 31 (jul. 2005):** Projeto Poeticidade;
- Raízes 32 (dez. 2005):** O teatro amador da cidade;
- Raízes 33 (jul. 2006):** As Copas do Mundo e São Caetano do Sul;
- Raízes 34 (dez. 2006):** A produção de pastilhas cerâmicas na cidade;
- Raízes 35 (jul. 2007):** O basquete feminino de São Caetano do Sul, entre o final da década de 1960 e meados dos anos 1970;
- Raízes 36 (dez. 2007):** Os bailes da cidade;
- Raízes 37 (jul. 2008):** Centenário da Imigração Japonesa no Brasil;
- Raízes 38 (dez. 2008):** Os Natais de antigamente;
- Raízes 39 (jul. 2009):** Migração nordestina;
- Raízes 40 (dez. 2009):** Arte sacra;
- Raízes 41 (jul. 2010):** O Bairro da Fundação;
- Raízes 42 (dez. 2010):** Os 80 anos da General Motors na cidade;
- Raízes 43 (jul. 2011):** Os 80 anos do Externato Santo Antônio;
- Raízes 44 (dez. 2011):** Lazer e diversão na São Caetano de antigamente;
- Raízes 45 (jul. 2012):** A infância na história de São Caetano;
- Raízes 46 (dez. 2012):** As mulheres na história de São Caetano;
- Raízes 47 (jul. 2013):** A produção literária local no século passado;
- Raízes 48 (dez. 2013):** O universo cultural inerente às fotografias de moradores de São Caetano;
- Raízes 49 (jul.2014):** A história da dança na cidade e seus personagens;
- Raízes 50 (dez. 2014):** Panorama do desenvolvimento musical em São Caetano;
- Raízes 51 (jul. 2015):** O desenvolvimento das artes plásticas no município;
- Raízes 52 (dez. 2015):** O universo da saúde em São Caetano, na primeira metade do século passado - médicos e hospitais;
- Raízes 53 (jul. 2016):** O universo da saúde em São Caetano - dentistas, farmacêuticos, dentistas e entidades;
- Raízes 54 (dez. 2016):** O esporte na história de São Caetano;
- Raízes 55 (jul. 2017):** Os 300 anos do início da construção da Capela de São Caetano, nas terras da antiga Fazenda do Tijucuçu;
- Raízes 56 (dez. 2017):** Os 50 anos da Fundação das Artes de São Caetano do Sul;
- Raízes 57 (jul. 2018):** Os 50 anos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul;
- Raízes 58 (dez. 2018):** As gestões do prefeito Hermógenes Walter Braido.

Em algumas edições, *Raízes* apresentou encartes coloridos inseridos nas páginas centrais, nem sempre relacionados ao tema principal da revista. O primeiro foi publicado na revista de número 28, de dezembro de 2003, e destacou os brasões

Novidades - O ano de 2011 foi marcado por algumas novidades relacionadas ao projeto da revista. A edição nº 43, lançada no mês de julho daquele ano, apresentou as seções em uma nova organização, sendo: *Em Foco, Memória, História Oral, Personagens, Homenagem,*

seridas ou não em cada edição da revista. Este arranjo permaneceu até o número 58, com pequenas alterações, como no caso de *Crônicas*, que passou a ser chamada de *Poesias e Crônicas*.

Outro marco de 2011 foi a disponibilização de todas as edições da revista *Raízes* no site da Fundação Pró-Memória. Com isso, passou a ser possível fazer *download* do conteúdo completo da publicação, desde o número 1. O projeto permanece até os dias de hoje e, desde 2018, alguns livros editados pela instituição também podem ser baixados pelo site. Desde agosto do ano passado, já foram feitos cerca de 30 mil downloads, entre os livros e a revista *Raízes*. Nesse mesmo período, a equipe que faz parte do Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória organizou a normatização da revista, com o objetivo de padronizar os artigos dentro de algumas diretrizes, melhorando a qualidade da revista e aprimorando seu conteúdo, e a instituição passou a ter dois períodos anuais para submissão de artigos.

Em 2013, percebendo a necessidade de incentivar a participação da comunidade mais diretamente na revista, a Pró-Memória criou o projeto *Raízes e Retratos*, que publica fotografias de famílias e lugares da cidade, emprestadas pelos proprietários, permitindo que

Público retira exemplares da revista *Raízes* nº 57, lançada em julho de 2018, no campus Centro da Universidade Municipal de São Caetano do Sul



oficiais das sete cidades do Grande ABC. O último encarte foi publicado na edição nº 38 e, tendo relação com a seção *Dossiê*, que retratou os Natais de antigamente, mostrou registros fotográficos de celebrações e decorações natalinas pela cidade, assim como cartões de Natal de décadas passadas.

Ofícios, Cultura, Moda de Outrora, Artigos, Regionais, Crônicas, Memória Fotográfica e Registro. Outras editorias como *Curiosidades, Recordando nossas Raízes, Esportes, Baú de Memórias* e *Raízes e Retratos* também integravam o projeto, mas, assim como as citadas anteriormente, eram volantes, ou seja, não eram fixas, podendo ser in-

as pessoas contem suas histórias de vida por meio de fotografias e legendas mais elaboradas. Além disso, a iniciativa visa ao enriquecimento e à ampliação da seção *Memória Fotográfica*, uma vez que mais histórias são compartilhadas por meio de imagens.

Edições especiais - Além das 59 edições de *Raízes* já publicadas, a Fundação Pró-Memória já elaborou três revistas especiais. Nestes casos, o conteúdo é completamente dedicado a um único tema. A primeira, lançada em outubro de 1998, celebrou os 50 anos da conquista da autonomia política e administrativa do município. No mês de agosto do ano 2000, os 70 anos da inauguração oficial da General Motors em São Caetano, que aconteceu em 12 de agosto de 1930, ganharam as páginas de mais uma edição especial. O último lançamento da publicação com conteúdo específico aconteceu em maio de 2014, e comemorou os 100 anos do São Caetano Esporte Clube, fundado em 1º de maio de 1914.

Projeto gráfico - No decorrer de sua publicação, *Raízes* também passou por alterações em seu projeto gráfico, que mostramos com mais detalhes em uma linha do tempo que acompanha este artigo, seguindo as tendências de cada período e sempre com o

objetivo de atrair a atenção do público leitor. O editor Aleksandar Jovanovic, na edição de número 13, explica uma das primeiras mudanças visuais a que *Raízes* foi submetida: “(...) aos poucos a revista vai sofrendo alterações que lhe permitam tornar-se mais leve, de leitura mais agradável; enfim, de acordo com os padrões gráficos vigentes em nossa época”. Reestruturação que teve início na edição mencionada e se consolidou no nº 14: “A partir do número 13, a diagramação das páginas internas começou a sofrer mudanças com o objetivo de permitir leitura mais fácil, melhor aproveitamento do material iconográfico e adaptação às técnicas mais recentes de diagramação”.

Uma nova Raízes – Em 2019, completando seus 30 anos de existência, *Raízes* vem reestruturada, apresentando mudanças não somente em seu design gráfico mas também em sua composição editorial. Em busca de mais dinamismo e de despertar o interesse de outros públicos, e na tentativa de acompanhar tendências do jornalismo, cada vez mais rápido e informativo, a edição de número 59 pode representar um marco na história da publicação. Que venham mais 30 anos! ■

Notas

¹ LOFEGO, Sílvio Luiz. 1954 – A Cidade Aniversariante e a Memória Coletiva. O IV Centenário da Cidade de São Paulo. *Projeto História*, São Paulo, n. 20, p. 301-314, abr. 2000, p. 302.

² Publicada em 1991, a coletânea de crônicas *Nostalgia*, de autoria de Manoel Cláudio Novaes, foi o trabalho inaugural do projeto editorial da prefeitura. Na sequência, vieram dois livros de cunho acadêmico, lançados em parceria com a editora Hucitec. Um deles, datado de 1992, consiste no aclamado *Subúrbio*, de José de Souza Martins. O outro, por sua vez, trata-se da pesquisa de mestrado de Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, defendida junto ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1988. Intitulado *Dietário dos Escravos de São Bento* (originários de São Caetano e São Bernardo), foi publicado em 1991. Ambos confirmam a orientação abraçada, na época, por tal projeto editorial, que era a de divulgar obras acadêmicas simultaneamente com as de teor memorialístico.

³ PROJETO Pró-Memória lançado em São Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XD, n. 2.406, p. 3-B, 27 e 28 jul. 1985.

⁴ CARVALHO, Cristina Toledo de. Espaços de arte na cidade: relances de inspiração e memória. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 51, p. 29-35, jul. 2015, p. 31.

⁵ SÃO Caetano preserva patrimônio. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 16, 30 jul. 1985.

⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Concurso Cultural Pró-Memória de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul, 1987.

⁷ AYALA, Lillian Crepaldi de Oliveira. *Babel nas terras alagadiças: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul*. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Portaria* (Processo 1.157/1989). São Caetano do Sul, 2 mar. 1989.

⁹ GARBELOTTO, Oscar. *Projeto referente à destinação histórica a ser dada ao chamado Buracão da Cerâmica* (Processo 1.157/1989). São Caetano do Sul, 16 mai. 1989.

¹⁰ AYALA, Lillian Crepaldi de Oliveira, op. cit., p. 99.

¹¹ JOVANOVIC, Aleksandar. Sinal verde para divulgar pesquisa. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 1, jul. 1989, p. 2.

¹² Idem. Resgate contínuo, questão essencial. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 2, dez. 1989, p. 2.

¹³ Idem. Evoluir, um destino natural do trabalho. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 22, dez. 2000, p. 4

Cristina Toledo de Carvalho

é doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP e mestre em História Social por esta mesma universidade. É colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atuando na área de pesquisa histórica, e autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado por tal instituição em 2015.

Paula Fiorotti

é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul e é colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul atuando na área editorial.

Apoio à pesquisa: Maria Aparecida Teixeira Paes

AS CIDADES ESTÃO EM CONSTANTE PROCESSO DE MUDANÇA. Esta seção nos apresenta a evolução da paisagem urbana de São Caetano do Sul. Mostraremos como alguns pontos mudaram ao longo dos anos em fotos de *passado x presente*. Muita gente ainda lembra dos velhos tempos da cidade, então, vamos viajar no tempo!

ANTES

Acervo/FPMSCS

Foto da década de 1950



Estabelecimentos comerciais a todo vapor, rua asfaltada e repleta de veículos estacionados, dezenas de pedestres circulando. É o que mostra o registro fotográfico de 2017 da Rua Rio Grande do Sul, no trecho localizado no Bairro Centro. Mas esta paisagem nem sempre foi assim. Na década de 1950, sua pavimentação era de paralelepípedos e a via já apresentava uma tendência ao perfil comercial, mas muitas residências ainda estavam ali instaladas. A imagem destacada denota um clima de tranquilidade e podemos até ver as torres da Igreja Matriz Sagrada Família. ■

DEPOIS

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Foto de 2017

Acervo Luiz Romano



Equipe feminina de basquete do Clube Atlético Monte Alegre consagrada campeã estadual de basquete em 1968. Na imagem vemos, em pé, a partir da esquerda: Mario Romano (massagista), Arthur Laviaguerre (diretor), Norminha, Elzinha, Célia, Deise, Cláudio Musumeci, Miguel Di Nardi (diretor) e Valdir Pagan Peres (técnico). Agachados estão, da esquerda para a direita: Antonio Jurado Luque (diretor), Delci, Marlene, Odete, Simone e Angela

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação Luiz Poveda Martin



Lúcio Domingues Apparício, em foto da década de 1940, nas instalações da fábrica da General Motors de São Caetano. Apparício foi proprietário de uma das primeiras empresas de ônibus da cidade, chamada Auto Viação Lúcio. Depois passou a ter carros de passeio



Famílias Martin Del Rey, Domingues e Cardoso. As crianças, em primeiro plano, a partir da esquerda, são: Antonio Cardoso, José Maria Cardoso, Manoel Cardoso, Matheus Cardoso e Izabel Cardoso. Na segunda fila, vemos: Ignacia Martin Domingues, Catalina Martin Longo, Camilo Martin Del Rey, Maria Manoela Del Rey, Nicolasa Cardoso (com Amélia Cardoso no colo) e Manoel Cardoso. Ao fundo, estão: Lúcio Domingues Apparício (à esquerda) e Mateo Martin (à direita, de bigode). Foto do início da década de 1920



Funcionários da Companhia Brasileira de Mineração e Metalúrgica de São Caetano, em foto do início da década de 1920. O primeiro, a partir da esquerda, na primeira fila, é Camilo Martin Del Rey

Sete oferecimentos... Sete instrumentos... Sete sacramentos

João Tarcísio Mariani

A REVISTA *RAÍZES*, em edições passadas, teve oportunidade de se referir a um personagem e à sua decisiva contribuição para a evangelização de São Caetano do Sul. Personagem esse que, apesar das referências feitas até aqui, estava merecendo ter outro aspecto de sua vida abordado. Por isso, aqui está apenas uma tentativa de fazer um resgate histórico de um determinado período de sua trajetória, a fim de, mais uma vez, enaltecer a imagem e a obra do personagem em questão: Alessandro Grigolli.

Nascido em Verona, norte da Itália, em 4 de agosto de 1881, ordenou-se sacerdote em 21 de agosto de 1904. Veio para o Brasil em 1910, e aqui o jovem padre Alessandro virou Alexandre Grigolli. A história deveria começar no ano de 1910, quando ele desembarcou em terras brasileiras, e ano em que se deu a pas-

sagem do cometa Halley, o que provocou deslumbramento na população por conta da visão do cometa, e encheu o céu do Brasil de uma luminosidade poucas vezes vista com tanta nitidez.

A propósito, a imprensa, na época, divulgou notícias sobre um gás venenoso presente na cauda do cometa, o qual mataria todos os habitantes da Terra. O temor, quase transformado em pânico, disseminado por muitos, aqui no Brasil, provocou manchetes alarmantes de jornal. Enquanto isso, em Verona, na sede da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou simplesmente, Congregação Estigmatina, foi decidido enviar ao Brasil os primeiros missionários estigmatinos: dois padres, Alexandre Grigolli (29 anos) e Henrique Adami (27 anos), e o irmão Domingos Valzacchi (42 anos).



Alexandre Grigolli: personagem marcante da história da fé de São Caetano

Veio para o
Brasil em
1910, e aqui
o jovem
padre
Alessandro
virou
Alexandre
Grigolli.

Para quem acha que essa foi uma decisão simples de ser tomada, na época, em 1910, vamos contar a verdadeira novela que precedeu a vinda de membros da congregação ao Brasil. Mas para entender as circunstâncias e as tentativas da decisão de enviar os pioneiros estigmatinos ao país, porém, é preciso retroceder até o ano de 1886. Pela primeira vez, neste ano, a Congregação Estigmatina havia sido convidada, por meio do cardeal Luís de Canossa, na época internúncio do Brasil na Santa Sé, para uma fundação estigmatina em Cuiabá, no Estado de Mato Grosso, na qual assumiriam a direção do seminário. Este primeiro convite foi recusado e, dez anos depois, em 1896, houve outro pedido de fundação no país. O bispo de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, pedia a abertura de uma casa para a assistência religiosa a 200 mil

italianos que moravam em sua cidade e faziam parte da diocese. Novamente, não houve interesse por parte dos estigmatinos.

O nome da Congregação Estigmatina fora sugerido pelo padre Domingos Vicentini, que pertenceu à casa estigmatina até 1890, quando saiu para se tornar missionário da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos, em Piacenza, na Itália, fundada por Dom João Batista Scalabrini. Este era o bispo daquela cidade e ele se preocupava em assistir espiritualmente os italianos emigrados. Lembrando que foi de seu sobrenome que saiu a denominação de sua congregação: religiosos escalabrinianos. O pedido foi renovado em 1897, pelo bispo de Porto Alegre, em pessoa, por ocasião de sua visita à Itália. O padre Domingos Vicentini escreveu do Rio Grande do Sul, exortando os estigmatinos a aceitarem. Todavia, por julgarem que o pessoal da Congregação

era reduzido, a vinda ao Brasil não ocorreu no terceiro convite.

Em 1905, o bispo de São Paulo, Dom José de Camargo Barros, atendendo à sugestão, novamente, dos Missionários de São Carlos, solicitou três padres para uma fundação em sua diocese e ofereceu um local adequado, que seria Campinas, interior do Estado. Inicialmente tudo levava a crer que seria aceita a fundação, mas os estigmatinos declinaram da quarta proposta.

Em 1906, Dom José foi à Itália e teve uma conversa com o superior geral dos estigmatinos, padre Pio Gurisatti, na qual ele lamentou que não tivesse sido aceita a proposta de vinda ao Brasil, feita anteriormente. Renovou o pedido e o superior ficou de decidir até o final daquele ano. Na viagem de volta ao Brasil, o bispo morreu em um naufrágio e a vinda dos estigmatinos ao Brasil foi postergada após o quinto convite.

O secretário do bispo falecido, Dom Leopoldo Duarte e Silva, o sucedeu na Diocese de São Paulo. Então, em 1907, ele escreveu ao superior geral estigmatino para confirmar a fundação que havia sido combinada. Oferecia um lugar encantador, um dos melhores de toda a diocese. Padre Luís Capra, que havia sido noviço estigmatino e nessa época estava no Brasil, foi à Itália e disse que o local era ótimo, em meio à popu-

Reprodução/http://stigmatines.com/wp-content/uploads/2018/12/2018_12-Carta.pdf



A partir da esquerda, os padres Henrique Adami e Alexandre Grigolli e o irmão Domingos Valzacchi: os primeiros estigmatinos no Brasil

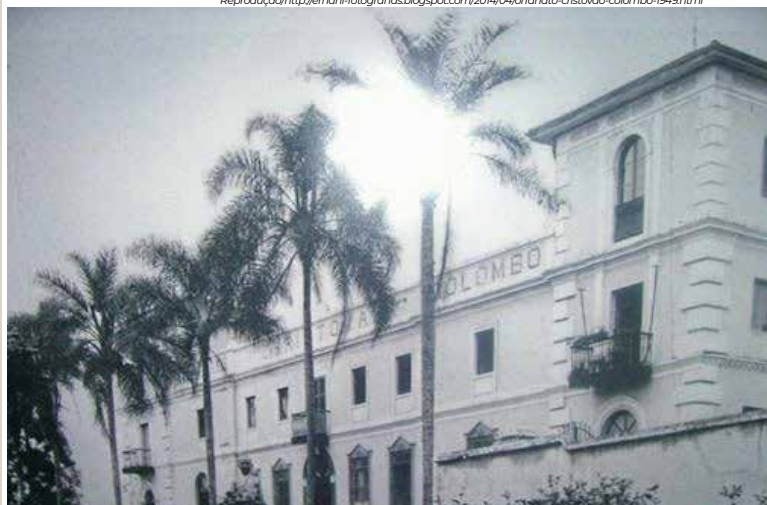
lação italiana, quase toda oriunda da região vêneta e muito religiosa. Contudo, o Conselho decidiu, em 1908, desistir da oferta, sendo a sexta declinação.

Finalmente, em 1910, por ironia do destino, apresentou-se em Trento, na Itália, o sacerdote Antônio Sanson, que se dizia enviado do bispo da cidade mineira de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta, com a finalidade de abrir uma colônia de italianos na cidade de Sete Lagoas, também em Minas Gerais. Garantiu o padre Sanson que trabalhava em plena sintonia com o governo brasileiro. Pedia alguns padres estigmatinos para os cuidados espirituais da colônia e a direção de um pequeno seminário. Para conseguir seus propósitos havia espalhado pela região de Trento uma circular que trazia a aprovação do bispo. O modo de agir do padre Sanson, porém, não inspirava confiança sobre a veracidade de seus objetivos.

Por isso, decidiu-se consultar o Ministério do Exterior da Itália para obter informações a respeito e também para pedir, se possível, subsídios para a viagem. O Comissariado para a emigração respondeu que, desde 1902, estava proibida a emigração gratuita para o Brasil, por conta da situação difícil em que eram deixados os colonos italianos naquele país.

Apesar disso, e depois de tantos convites recusados, o Conselho Estigmatino decidiu, finalmente, pela vinda ao Brasil, em 1910. A notícia espalhou-se por toda a congregação e muitos padres se dispuseram para o trabalho. No entanto, as semanas e os meses passavam e não se chegava a uma decisão definitiva sobre a instalação da congregação em território brasileiro. Com o passar do tempo, alguns padres que tinham se oferecido para partir voltaram atrás e abandonaram o propósito. Até que, no dia 25 de outubro de 1910, o padre Henrique Adami recebe a visita e a comunicação do padre Alexandre Grigolli, em Parma (Itália), de que estava incluído na expedição da trindade estigmatina, com o irmão Domingos Valzacchi.

Reprodução/<http://emani-fotografias.blogspot.com/2014/04/orfanato-cristovao-colombo-1949.html>



Orfanato Cristóvão Colombo, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo. Local de encontro de Adami, Grigolli e Valzacchi, no final de dezembro de 1910

Reprodução/<https://sites.google.com/site/provinciasantacruz/os-scalabrini-ans-no-historia-estigmatina-do-brasil?tmpl=%2Fsystem%2Fapp%2Ftemplates%2Fprint%2FshowPrintDialog-1>



Padre Domingos Vicentini: grande incentivador da vinda dos estigmatinos para o Brasil

Em 8 de novembro daquele ano, os três partiram do porto de Trieste, na época pertencente à Áustria, e desembarcaram no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1910. A vinda se concretizou, finalmente, após sete oferecimentos!

Após se desembaraçarem do serviço de imigração, pernoitaram em um hotel e, no dia seguinte, partiram de trem para Sete Lagoas, em Minas Gerais. Na cidade, saíram à procura do assentamento e do seminário. Depois de três ho-

ras a cavalo chegaram, em meio ao mato selvagem, a uma casinha de madeira e uma casa de barro, velha e caindo. Isso era tudo!

O padre Grigolli, inconformado e indignado, dirigiu-se, com o padre Adami, à cidade de Mariana, para conversar com o bispo Dom Silvério Gomes Pimenta. Alexandre Grigolli foi enviado pelo bispo de volta a Sete Lagoas, padre Adami ficou sozinho em Mariana, e o irmão Valzacchi, dias depois, se juntou ao padre Grigolli. A situação foi muito bem descrita pelo padre Adami, em um desabafo sofrido e carregado do carisma do fundador dos estigmatinos, padre Gaspar Bertoni (em 1989, proclamado Santo pelo Papa São João Paulo II): “Que dias terríveis! Que horas pavorosas! No meu quartinho, sozinho como um condenado à dura prisão, após cansativos dias viajando de trem, longe dos meus companheiros e o pensamento... na Itália, no Brasil, nos entes queridos distantes... no futuro in-

certo e confuso... Chorei! E o fiz muitas vezes! Porém, nem um só instante de arrependimento, nem o menor desejo de retornar para a Itália. Não! Deus o quis! Os superiores nos escolheram para começar a obra no Brasil e a obra tinha que vingar. Deus estava conosco!”.

Padre Alexandre Grigolli, sem que ninguém por lá soubesse informar sobre o tal padre Sanson, visivelmente constrangido pela situação, homem firme em suas decisões, deixou Sete Lagoas sem voltar a falar com o bispo e veio para São Paulo, onde obteve a acolhida dos padres escalabrinianos. Depois, o irmão Domingos Valzacchi também deixa aquela cidade mineira e vem para São Paulo encontrar com o padre Grigolli. Por último, padre Henrique Adami vem se juntar aos dois.

No final de dezembro de 1910, os três estigmatinos se reúnem na cidade de São Paulo, junto aos padres escalabrinianos, no Orfanato Cristóvão Colom-

bo, no Bairro do Ipiranga, cujo diretor era então o padre Faustino Consoni. Este, com o seu coração de ouro, sempre demonstrou um grande afeto pela Congregação Estigmatina, dispensando inestimável apoio aos que chegavam da Itália.

O superior geral escalabriniano, padre Domingos Vicentini, já citado anteriormente, como egresso da Casa dos Estigmatinos, em visita a São Paulo, resolve ir com o padre Alexandre Grigolli até Curitiba para conversar sobre a possibilidade de assumir Tibagi, no Paraná, e para isso, os dois foram falar com o bispo D. João Francisco Braga.

Dias depois, padre Adami e irmão Valzacchi receberam um telegrama de Curitiba com a seguinte mensagem do padre Grigolli: “Tibagi é nosso!”. Naquela época, o Brasil ainda era considerado “Terra de Missão”, porque abrigava ex-escravos, indígenas e imigrantes europeus, tidos como pagãos ou, no mínimo, sem acesso fácil a uma evangelização.

Fonte: Prefeitura Municipal de Tibagi
Reprodução: <https://tibagi.pr.gov.br/turismo/religiosos.html>



Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, em Tibagi, no Paraná, onde padre Grigolli ficou de 1911 a 1915

Tibagi, no final de 1910, apresentava, em sua área urbana, pouco mais de mil habitantes, aproximadamente, e mais de 40 mil espalhados na zona rural. Isso exigiu que, além do trabalho na paróquia, os estigmatinos fixassem nove viagens por ano em missão, numa área de 32 mil km² (quase uma vez e meia maior que o Estado de Sergipe). Cada missão durava, em média, um mês ou mais, além de visitas a acampamentos de índios que, no total, possuíam uma população de cerca de 18 mil indígenas.

Padre Alexandre Grigolli orientou esse trabalho e ficou em Tibagi de 1911 até 1915. Em 15 de outubro de 1915, ele toma posse na igreja de Santa Cruz, em Rio Claro, interior de São Paulo. E seria Rio Claro o alicerce da Congregação Estigmatina no Brasil, pois foi a casa onde se configurou todo o futuro dos estigmatinos em terras brasileiras, não por acaso, hoje lá está a Cúria (sede) da Província Estigmatina, que leva o nome da igreja, Santa Cruz.

No início de 1924, os religiosos da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo recebem a Paróquia de São Caetano, no Bairro da Fundação, e o padre João Baptista Pelanda, vindo da Itália, assume como vigário, contando com a ajuda do padre Alexandre Grigolli, que chegou a São Caetano em 9 de fevereiro de 1924. Aqui, entre 1924 e 1946, Gri-

golli desenvolve e dá asas às suas aptidões como pintor, escultor, músico, compositor, artesão, arquiteto e visionário.

Como arquiteto, desenhou com detalhes o esboço do templo do que seria a Matriz Nova de São Caetano, hoje Paróquia Sagrada Família, acompanhando e orientando a sua construção, desde a pedra fundamental, em 1930, até a inauguração oficial, em 1937.

Como pintor, escultor e artesão, entre outros trabalhos, destaca-se a confecção da belíssima cruz, por ele entalhada em madeira e pintada, que, na inauguração e durante alguns anos, sobressaiu-se no altar principal daquela igreja. Atualmente, essa cruz pertence ao acervo do Museu Sagrada Família – Catequese e Arte, ocupando lugar de realce, logo na entrada do Museu, onde também se encontra o busto em bronze do padre Alexandre Grigolli.

Como compositor e músico, embora suas partituras não tenham sido coletadas e/ou colecionadas, muitos ainda se recordam das composições dele, entre elas, uma belíssima *Ave Maria*. Como visionário, impossível não considerar a sua decisão de construir uma igreja tão grande, imponente, bela, artística, catequética e atual, como é o templo da hoje Paróquia Sagrada Família.

Em razão de seus dons artísticos, ao contratar os irmãos Gentili para pintar o referido templo, ele próprio esboçou o que queria que fosse representado. Assim, desenhou e deu aos irmãos Gentili a sua visão catequética, coerente com a época, uma vez que grande parte da população era analfabeta e, portanto, a evangelização deveria ser feita por meio das imagens pintadas.

Hoje, pode-se avaliar e admirar essa visão do padre Alexandre Grigolli ao se constatar que a igreja católica



Busto do padre Alexandre Grigolli, no Museu Sagrada Família



Cruz esculpida em madeira e pintada por Alexandre Grigolli, em exposição no Museu Sagrada Família

Arquivo Museu Sagrada Família

contemporânea está cada vez mais convencida de que a catequese permanente é o único caminho para recuperar a participação do povo nas nossas comunidades, estando a arte, que jamais deixará de andar de mãos dadas com a evangelização, entre as vias para que tal se concretize. Aprendi isso, muito claramente, com o padre Jordélio Siles Ledo, e aproveite a oportunidade para expressar que o Museu Sagrada Família, ao ser identificado como espaço de catequese e arte, evidencia a ótica visionária do padre Grigolli, e, merecidamente, também o homenageia. Homem e sacerdote de muitos talentos, o padre Alexandre Grigolli, em linguagem popular, tocava “sete instrumentos”!

Logo no início deste texto, mencionamos a decisiva contribuição do padre Grigolli para a evangelização de São Caetano do Sul e queremos complementar essa assertiva ao registrar a sua permanência aqui em nossa cidade, nos 22 anos em que atuou entusiasticamente como: coadjutor (auxiliar) do 1º vigário, padre Pelanda, de 1924 a 1929; coadjutor do 2º vigário, padre

José Tondin, de 1929 a 1931; e, finalmente, ele próprio como 3º vigário, de 1931 até 1946.

Batizados, confissões, primeiras comunhões, casamentos, missas comemorativas, missas de sétimo dia, quermesses, tudo era realizado pelo padre Alexandre Grigolli com muita dedicação, muita devoção e muito ardor. Sacerdote que honrou o seu próprio sacramento da ordem, foi pródigo e generoso ao distribuir os outros sacramentos à população de São Caetano, de modo a exaltar os . . . sete sacramentos!

Para completar a sua obra entre nós, no início do ano de 1939, padre Grigolli pensou em abrir uma escola, pois São Caetano era carente no campo do ensino. O estabelecimento escolar começou suas atividades com apenas três classes de crianças e, à noite, um curso de educação e instrução para adultos. Inicialmente, chamava-se Escola Paroquial São José. Mais tarde se tornaria a escola renomada que hoje é o Instituto de Ensino Sagrada Família, completando seus 80 anos de atividade.

Em 25 de abril de 1946, retorna definitivamente para a Itália o inesquecível padre Alexandre Grigolli, onde viveu até 17 de fevereiro de 1969, quando veio a falecer com quase 88 anos. Registramos ainda a lembrança do seu nome dado, em 1955, ao grupo escolar que atualmente é a Escola Estadual Padre Alexandre Grigolli, no Bairro Nova Gerty.

Padre Pelanda, o primeiro vigário da Paróquia de São Caetano, deixou registrado no livro de tombo, no tempo em que trabalhou com o padre Grigolli, que ele era um ser humano de múltiplas aptidões, porém, é possível que nem o próprio padre Pelanda imaginasse quantas e quais eram essas aptidões, aqui ressaltadas para dignificar esse personagem marcante da história da fé em nossa cidade.

O lema do primeiro centenário comemorativo da presença da Congregação Estigmatina no Brasil, em 2010, foi: “Do coração de São Gaspar Bertoni se acendeu uma luz para o Brasil!” Então, ousamos encerrar esta homenagem, pedindo licença para plagiar o lema: “Do coração do padre Alexandre Grigolli se abriram os caminhos do carisma estigmatino e da espiritualidade bertonianiana para São Caetano!”. ■

João Tarcisio Mariani
é consultor empresarial, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e vice-presidente do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).

80 anos do Instituto de Ensino Sagrada Família

Ivana Colognesi Sanchez

Renato Astolfi Raposo

A HISTÓRIA DESSA ESCOLA tão querida é permeada por sonhos, lutas e êxitos, tudo isso movido por um ideal: o amor à educação. O Instituto de Ensino Sagrada Família surgiu em 1939, e seu idealizador foi o padre Alexandre Grigolli, que convidou o professor Verino Segundo Ferrari para, juntos, fundarem essa instituição de ensino, ligada à ordem religiosa dos estigmatinos.

Inicialmente, a escola chamava-se Escola Paroquial São José. Em junho de 1943, mudou seu nome para Escola Paroquial São Caetano e, em 1961, finalmente, passou a se chamar Instituto de Ensino Sagrada Família.

Depois do padre Alexandre Grigolli, outros colaboradores assumiram a liderança do Sagrada (como costumamos chamar a escola atualmente) e, cada um deixou sua marca de amor e empenho, contribuindo para o sucesso que é a escola hoje. Foram eles: padre Ézio Gislimberti, padre Arthur de Vigilli, padre Aldo Belli, padre Luciano Dall Zoppo, professora Geny Voltarelli, professor Eugênio Voltarelli, professora Rose Voltarelli, professor Olyntho Voltarelli Filho, padre Mário José Filho, Elisabete Da Assunção José, Angela da Fonseca Pires, professora Maria Aparecida Russo Belezi e

(...)
tudo isso
movido
por um
ideal:
o amor à
educação.

Fachada do Instituto de Ensino Sagrada Família na década de 1960



o diretor atual, professor Renato Astolfi Raposo.

Em 1995, o ensino médio é implantado na instituição, a pedido dos pais dos alunos que se formavam no ensino fundamental, pois o prestígio, a credibilidade e a qualidade do ensino fizeram com que os alunos quisessem continuar os estudos nesta instituição.

A escola passou por transformações e ampliações, ao longo dos seus 80 anos, para melhor atender seu corpo discente e poder continuar oferecendo um ensino de qualidade e ambientes acolhedores. Em 2007, a Congregação dos Estigmatinos, mantenedora da escola, assume a direção, contando com as atuações do padre Mário José Filho, de sua irmã Elisabete Da As-

sunção José e da diretora Angela da Fonseca Pires, resgatando as raízes da instituição e redefinindo seu projeto educacional.

Nesse período, a escola recebeu o Prêmio em Excelência em Qualidade de Ensino (2007). O evento é uma realização do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Qualidade Gomes Pimentel. Esse prêmio, editado desde 1994, é conferido às 150 melhores instituições de ensino do país.

Um ano depois, a escola sofre um duro golpe na sua personalização e identidade: falece o grande mestre professor Olyntho Voltarelli, vítima de um aneurisma. A tristeza comoveu várias gerações. Ele foi imortalizado em 2009, quando uma escola municipal recebeu seu nome, em uma homenagem

mais que merecida. Ainda hoje, ele é lembrado e reverenciado por amigos, colegas e ex-alunos. Um expoente na área da educação na cidade e um ser humano único e exemplar.

Em 2010, torna-se diretora escolar a professora Maria Aparecida Russo Belezi, formando a equipe gestora com o padre Mário e sua irmã Elisabete. Infelizmente, em 2011, falece o padre Mário José Filho, vítima de um infarto. Outra grande perda para a instituição. A escola passa a ser gerida pela equipe do padre Nilton Pezzini, o qual nomeia como diretora financeira, em 2012, Lourdes Dal Bó Stacciarini. Como diretores escolares assumiram o professor Aurélio Santos Monteiro, o qual deixou o cargo meses depois, e o

professor Renato Astolfi Raposo, ex-aluno da instituição, que mantém a identidade e o amor que sempre pontuaram e caracterizaram nossa escola.

A nova equipe gestora soube unir à tradição e qualidade da escola grande habilidade e excelência na arte de ensinar, mantendo sua característica de um ensino individualizado, que atende necessidades e ritmos de cada aluno como um ser único e ímpar.

Na época, o colégio passava por uma forte crise somando apenas 134 alunos em todos os níveis educacionais. No início de 2013, foram iniciadas as obras de revitalização do edifício, o qual adquiriu uma nova fachada e novos espaços físicos internos. A renovada cantina com praça de alimentação possibilitou o oferecimento de refeições completas, como café da manhã, almoço e jan-

tar, sempre com um cardápio variado e saudável, formulado pela nutricionista do colégio. A escola mantém-se, até hoje, em constantes obras de expansão e revitalização.

A recente infraestrutura criou novas salas de aulas e espaços multifuncionais que possibilitaram a implantação dos períodos integral e semi-integral. Os alunos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental participam de aulas de informática, robótica e teatro, dentro do horário de aula. Também podem participar de aulas de balé, futsal, ginástica rítmica,



Acervo/FPMSCS

Alunos no pátio do Instituto Sagrada Família no ano de 1965



Acervo/FPMSCS

Alunos da Escola Paroquial São Caetano, atual Instituto de Ensino Sagrada Família, diante da Igreja Matriz Sagrada Família, na década de 1940. O professor Verino Segundo Ferrari aparece à direita, e, à esquerda, o padre Arthur De Vigilli

circo, yoga, *taekwondo*, natação, judô e do projeto inglês-bilíngue, nos períodos integral e semi-integral. Os alunos dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio podem participar de aulas de vôlei, basquete, ginástica artística, ginástica rítmica, futsal, handebol, circo, *taekwondo*, teatro, banda e natação.

Atualmente a escola encontra-se em uma fase de crescimento, com, aproximadamente, 600 alunos. Com estrutura e projeto pedagógico renovados, o colégio continua a sua missão, ao longo destes 80 anos de vida: levar educação de qualidade a todas as famílias. O colégio oferece um ensino cristão e humanizado, pautado na família, propondo um processo de ensino-aprendizagem humano e individualizado capaz de formar cidadãos críticos que façam a diferença na sociedade moderna.

Nos últimos anos, a escola renovou conceitos, ampliou e reformou as instalações, contratou talentos, e vem trabalhando com empenho para que o colégio mantenha sua identidade em excelência em Educação, priorizando a criança em todas as suas necessidades, acadêmicas e pessoais, empunhando a bandeira da ética e moral, para que formemos alunos de caráter e preparados para a vida, tornando-se cidadãos felizes e realizados. ■

Fachada da instituição, na década de 1990



Acervo/Instituto de Ensino Sagrada Família

Aspectos atuais do pátio da escola



Acervo/Instituto de Ensino Sagrada Família

Instituto de Ensino Sagrada Família, em foto de 2019



Ivana Colognesi Sanchez
é pós-graduada em Linguística e Gestão Escolar e atua como professora de Língua Portuguesa no Instituto de Ensino Sagrada Família.

Renato Astolfi Raposo
é bacharel e licenciado em Química, mestre em Ciências e pós-graduado em Gestão Escolar. É professor de Química e diretor administrativo e pedagógico do Instituto de Ensino Sagrada Família.

Argal Química: negócio de família e de sucesso

☰ Sílvio José Buso



Fachada da Argal Química em dois momentos: na década de 1960 e na atualidade

A ARGAL QUÍMICA S/A Indústria e Comércio é uma empresa instalada em São Caetano do Sul, situada na Rua Major Carlos Del Prete, nº 1596/1608. Seu histórico tem início a partir do sonho de um valoroso homem que, desde jovem, tinha em seus projetos a criação de sua própria empresa. Seu nome: Edward Nahkur.

Natural da Estônia (que até 1991 fazia parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e formado em Administração de Empresas, após trabalhar por 25 anos em empresas no Brasil, resolve, em 5 de novembro de 1960, fundar a Argal. É eleito diretor-presidente, tendo como sócio Ago Sarev, também estoniano, eleito diretor-superintendente.





Azerov/Família Nahkur

Edward Nahkur: sonho de fundar sua própria empresa

A princípio montada em um galpão já em seu endereço atual, a empresa inicia o seu processo de produção, voltado a agentes químicos para tratamento de águas de caldeiras, vernizes gráficos e colas para calçados. Edward Nahkur tinha outras atividades, pois, incansável, gostava de exercer procedimentos coletivos junto a outros empresários da cidade, em benefício dos municípios do Grande ABC. Foi membro permanente da Comissão Intermunicipal de Controle da Poluição das Águas e do Ar (CICPAA).

Os sócios Edward Nahkur (à esquerda) e Ago Sarev, em ano não identificado

De 1966 até 1974, foi conselheiro do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). No biênio 1970-1971, foi presidente do Rotary Clube de São Caetano do Sul. Nahkur também atuou como presidente do Conselho Deliberativo do Clube de Xadrez e foi conselheiro do São Caetano Esporte Clube.

Edward Nahkur teve dois filhos: Eduardo Alberto Nahkur e Edson Douglas Nahkur. Com muito esforço por parte do pai, os jovens conseguiram estudar, formando-se no ensino superior, e foram nomeados assistentes da diretoria da Argal. Estes fizeram jus ao cargo, pois não havia tempo perdido para brincadeiras de jovens.

Após o falecimento de Edward Nahkur, os filhos assumiram a diretoria da Argal, projetando e concluindo a ampliação das instalações da empresa e lançando novos produtos para o mercado. Como os irmãos tinham aprendido com o pai que trabalhando é que se progride, os diretores nomearam Eduardo Alberto Nahkur Júnior, filho do Eduardo Alberto, e Lucas de Petta Nahkur, filho do Edson, para assistentes de diretoria. Alexandre Sarev Siqueira, neto do sócio anterior, permaneceu na sociedade da empresa. Até os dias de hoje a Argal Química Indústria e Comércio Ltda. está em plena atividade. ■

Silvio José Buso

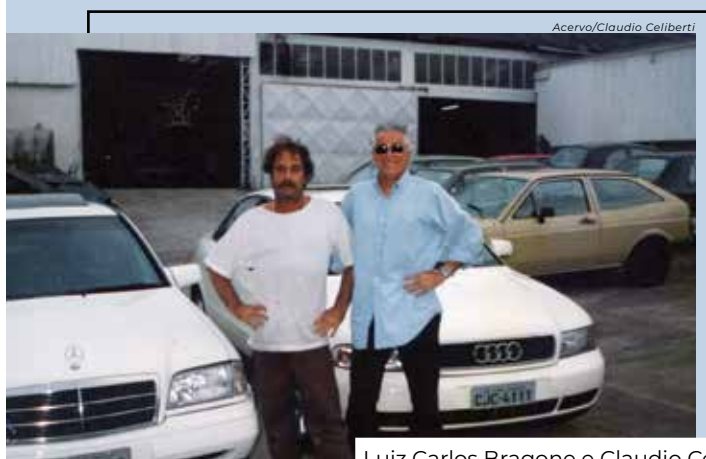
é aposentado e colabora com a revista *Raízes* desde suas primeiras edições.



Azerov/Família Nahkur

Quando uma amizade se torna um negócio bem sucedido

 Luiz Domingos Romano



Luiz Carlos Bragone e Claudio Celiberti em foto de 1997, no pátio interno da empresa

Luiz Carlos Bragone em foto de 2012



Claudio Celiberti até hoje atua na Braceli. Foto de 2019



FUNDADA EM 12 DE ABRIL DE 1981, a Braceli Serviços Automotivos sempre esteve no mesmo endereço, na Rua Lourdes, nº 388, no Bairro Nova Gerty, em São Caetano do Sul. Especializada na área de funilaria e pintura de automóveis, iniciou suas atividades em um espaço de 600m², e hoje está instalada em uma área de 1.800m².

O nome da empresa surgiu da junção de partes dos nomes de seus sócios, Claudio Celiberti e Luiz Carlos Bragone (falecido em 12 de junho de 2015). O “Bra” vem dos três caracteres do início do sobrenome Bragone, e o “celi”, das quatro letras iniciais de Celiberti.

Celiberti e Bragone se conheceram quando trabalhavam em uma concessionária da marca Volkswagen, que ficava localizada na Rua Maranhão. Claudio Celiberti atuava no departamento de vendas e Luiz Bragone era encarregado na área de funilaria e pintura. Ambos trabalharam nessa empresa durante 14 anos, até se desligarem, no ano de 1981. Foi quando resolveram montar seu próprio negócio, graças aos seus conhecimentos adquiridos nas respectivas áreas de atuação.

Essa sociedade durou 35 anos, até o falecimento de Bragone. “Foram anos de muita amizade, união, entendimento e que geraram bons frutos

para o engrandecimento da empresa”, conta Claudio Celiberti. Ele relata também que um dos primeiros desafios da empresa foi pintar um carro importado, uma Mercedes, modelo SL-500, cujo proprietário era o goleiro Emerson Leão, seu amigo desde 1972, e cliente até hoje.

Em sua trajetória, a Braceli teve vários clientes ilustres. No início das atividades, o cantor e compositor Antonio Marcos (falecido em 1992) era atendido pela dupla. Luís Pereira, que foi jogador da Sociedade Esportiva Palmeiras, do Atlético de Madri (Espanha), da Associação Desportiva

São Caetano, da seleção brasileira, entre outros clubes, também foi cliente na época, relacionamento que se mantém até os dias atuais. Celiberti ressalta a satisfação de todo esse período de trabalho, e o grande número de amigos que angariou nesses 38 anos.

Uma Paixão - Uma das paixões de Claudio Celiberti é o futebol. Ele foi jogador profissional do Cerâmica São Caetano Futebol Clube, do Transauto Futebol Clube e do General Motors Esporte Clube. Do esporte vem seu apelido Espiga, pelo qual é conhecido até hoje.

Diante desse entusiasmo, Celiberti montou uma equipe de futebol de salão da Braceli, que disputava jogos pela Liga de Futebol de São Caetano do Sul. Outro fato inédito, é que durante 25 anos essa equipe jogou contra a Sociedade Beneficente Esportiva e Recreativa Oswaldo Cruz de São Caetano do Sul (Sberoc), cujo presidente é Serafim Sanches Monteoliva.

Esses jogos eram realizados uma vez por mês. Durante o ano, a equipe que ganhasse mais partidas ganhava um troféu como prêmio. Após cada jogo era realizada uma confraternização entre as equipes.



Acervo/Claudio Celiberti

Equipe de futebol de salão da Braceli, em foto de 1995. Em pé, a partir da esquerda, vemos: Tuim, Espiga, Bizzuti, Keko e Serafim. Agachados, da esquerda para a direita, vemos: Jô, Balila e Luizinho (Burro)

Em 2010, Claudio Celiberti foi agraciado com a Medalha de Honra Di Thiene, homenagem feita pela prefeitura municipal aos cidadãos e entidades que se destacaram e marcaram as páginas da história da cidade. No ano de 2017, a Braceli Serviços Automotivos recebeu o diploma de Pequeno Grande Empreendedor, concedido pela Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul. ■

Luiz Domingos Romano é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em Comunicação Visual. Atualmente é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Memória do Futebol), em São Paulo e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Fachada da Braceli Serviços Automotivos, na Rua Lourdes, nº 388

Acervo Oswaldo Nadal



Equipe juvenil de futebol do General Motors Esporte Clube (GMEC), em 1954, quando conquistou o título de Campeã Juvenil de Futebol da Liga Esportiva Comércio e Indústria de São Paulo. Em pé, da esquerda para a direita, vemos: um dos dirigentes do GMEC, Valdeci Camioto (Nim), Elcio José Mainardi (Pipe), Arnaldo Conceição, Oswaldo, Oswaldo Nadal (Vidraça), Wison e outro dirigente do clube. Agachados, a partir da esquerda, estão: Givaldo, Oswaldo Garcia Veiga (Veiguinha), Paulo Boldrini, Antonio Genciugovas (Gobas), Wilson de Carvalho (Wilsinho) e Roberto Frojuello. Wilsinho foi jogador profissional do Clube Atlético Ypiranga e da Sociedade Esportiva Irmãos Romano. Já Roberto Frojuello, jogou profissionalmente no São Paulo Futebol Clube, chegando à seleção brasileira. Passou ainda pelo Club Atlético River Plate, da Argentina, pelo Club Social e Desportivo Colo-Colo, do Chile, e pela Sociedade Esportiva Palmeiras

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação Rosemeire Micheletti



Waldemar Micheletti, aos 18 anos, em foto para seu álbum de formatura da Escola Técnica de São Caetano, em 1952. Ele integrou a sétima turma do curso de auxiliar de escritório da instituição

Página do álbum de formatura de Waldemar Micheletti, com fotos do diretor tesoureiro, Celso Marchesani, e das professoras Frida Olga Rudinger e Tereza da Costa Guanciale



Acervo Sérgio Miliani



Casal Ângelo Moretto e Maria Roveri Moretto posa para foto na Praia Grande, na década de 1960



Foto do casamento civil de Sérgio Miliani (assinando livro) e Inês Moretto Miliani (segurando luvas pretas). O primeiro que aparece na foto, da esquerda para direita, é Serafim Migliani e o outro casal é Amabile Anzolin Miliani e Ângelo Moretto. O documento foi assinado em 19 de maio de 1967 no cartório da Rua Pará, nº 48

Minha vida na Cerâmica São Caetano

 Valter Mariano

Valter Mariano em sua residência, na Estrada das Lágrimas, em São Caetano do Sul. Foto de 3 de maio de 2019

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



ANTES DE COMEÇAR A CONTAR A MINHA TRAJETÓRIA na Cerâmica São Caetano S/A, não posso deixar de discorrer um pouco sobre o seu fundador, senador Roberto Cochrane Simonsen. Engenheiro, intelectual, administrador, empresário, político e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Le-

tras, nasceu em Santos, no dia 18 de fevereiro de 1889.

Sua primeira empresa foi a Companhia Construtora de Santos e, graças à sua amizade com o ministro de Guerra Pandiá Calógeras, do governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), executou a construção de inúmeros quartéis do Exército brasileiro, em diversos Estados do país, na década de 1920.

Como escritor, publicou vários livros. A produção de suas obras foi totalmente voltada para os aspectos econômicos e à sua atividade no magistério da Economia. Costumava refugiar-se na Vila Simonsen, em Campos do Jordão, e ali escreveu muitos livros, que até há pouco tempo eram essenciais nas faculdades de Economia.

Participou da fundação do Serviço Social da Indústria (Sesi), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Se-

nai) e de outras instituições, no período no qual foi presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Faleceu discursando em pleno salão nobre da Academia Brasileira de Letras, em 25 de maio de 1948, aos 59 anos de idade.

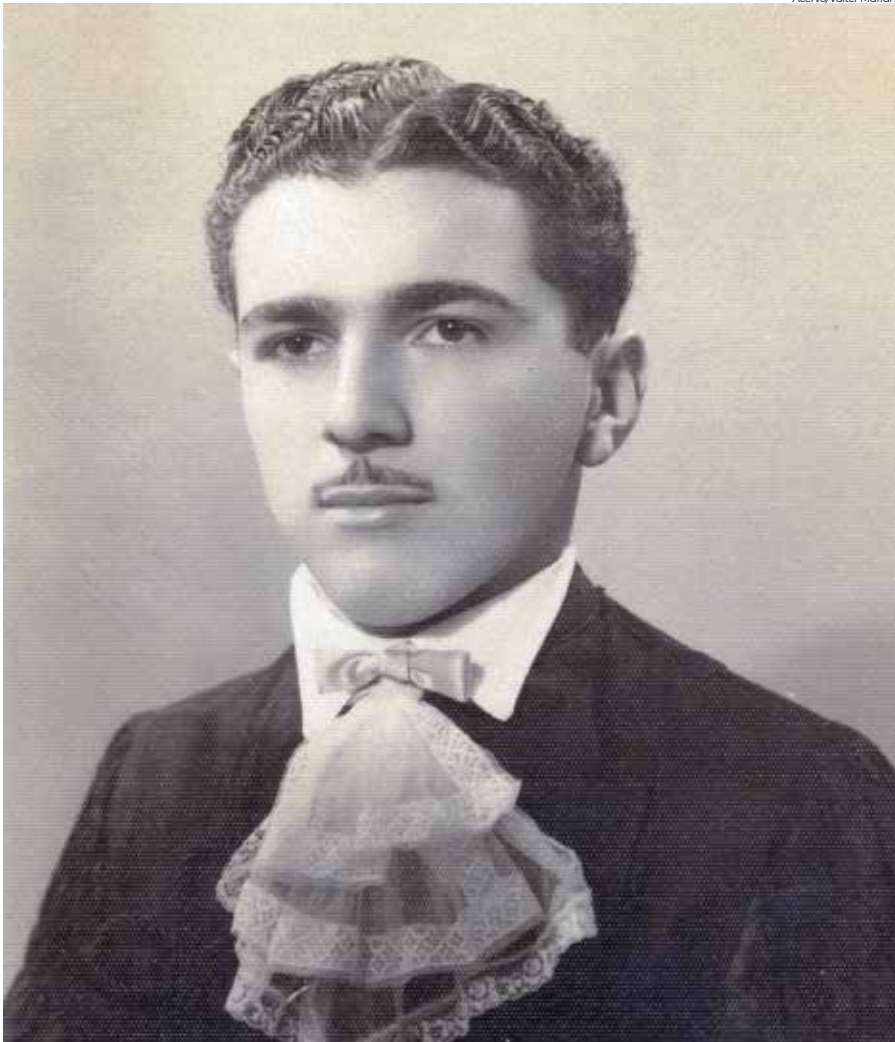
Valter Mariano – Eu trabalhei na Cerâmica São Caetano S/A de 1947 a 1992, portanto, 45 dos meus atuais 86 anos de idade, o que me dá muito orgulho. Comecei a trabalhar na empresa aos 13 anos, encaminhado por Adílio Montemurro, contador geral da Cerâmica. Este senhor havia comprado a casa de meu pai, na Rua Alencar Araripe, no Bairro do Sacomã, em São Paulo.

Nesta época, eu estudava no Colégio Anglo Latino, na Rua São Joaquim, no Bairro da Liberdade, em São Paulo, e, posteriormente, fui transferido para o Colégio São Paulo de Piratinin-



Família de Valter Mariano durante um passeio a Aparecida do Norte, em 1946. Vemos, da esquerda para a direita: Caetano Coppini (avô de Valter), José Mariano (pai), Luiza Masini Della Negra Coppini (avó), Maria Jacintha Rosseti (prima), Idozolina Coppini Mariano (mãe), Irio Coppini (tio), Armando Coppini (tio), Valter Mariano, Wilson Mariano (irmão), Brasília Rosseti (tio) e Genoefa Coppini Rosseti (tia)

Eu trabalhei na Cerâmica São Caetano S/A de 1947 a 1992, portanto, 45 dos meus atuais 86 anos de idade (...)



Registro da formatura do curso ginásial de Valter Mariano, no Colégio Piratininga, em São Paulo, em 1951

ga, na Rua Tamandaré. Antes do meu pai entregar a propriedade da Rua Alencar Araripe, lembro que, durante os finais de semana, vinham à minha casa Montemurro, carpinteiros e pedreiros, que estavam construindo viveiros de pássaros e realizando outros melhoramentos na residência. Em uma dessas visitas, o contador me viu fazendo os deveres escolares e perguntou ao meu pai se ele queria que eu trabalhasse na Cerâmica São Caetano. Com sua concordância, me dirigi à empresa, procurando por José Mazutti, chefe do departamento pessoal. Lá, fiz teste de cálculos simples e de redação e acabei sendo contratado como estafeta (nos dias atuais, o *office-boy*). Só que não fiquei na seção de contabilidade, mas fui encaminhado ao setor de refratários, cujos diretores eram Felipe José Vicente de Azevedo Franceschini e Urames Pires dos Santos.



Casamento de Valter Mariano e Ilma Dias Mariano, em 31 de maio de 1958, realizado na Igreja Matriz Sagrada Família, em São Caetano do Sul

A Cerâmica tinha duas divisões, o setor de terracota (pisos e revestimentos) e o de refratários. Entrando pelo portão principal da empresa, do lado direito, ficava o setor de refratários e, à esquerda, a linha de pisos cerâmicos. Na área central, ficava a parte administrativa, o departamento técnico, o pessoal, a contabilidade, mecânica, modelaria, carpintaria, assistência social, almoxarifado e diretoria.

A empresa tinha cooperativa, contava com o trabalho de três assistentes sociais (Lavínia de Vasconcelos, Nanci Vargas e Luzia Couto), além de possuir departamentos médico e odontológico. A Cerâmica ainda mantinha uma Vila Operária, com 21 casas, e a Vila dos Engenheiros. Eu morei na Vila Operária, que ficava na

Avenida Engenheiro Armando de Arruda Pereira (onde hoje se encontra o Conjunto dos Radialistas), de 1960 a 1970. O aluguel das casas era simbólico e lá moravam funcionários encarregados e mestres. Cada casa da vila tinha um pé de ipê-amarelo, e suas floradas deixavam a rua inteira na tonalidade das flores.

Tínhamos uma relação de amizade muito grande com os funcionários e suas famílias. Lembro-me de um convésco-te, hoje piquenique, organizado pelo Serviço Social da empresa, em Santos. Lotamos 22 ônibus com colaboradores e familiares e saímos em direção à Praia do Canto do Forte, na Praia Grande. No preço da passagem estava incluída a refeição, que foi preparada no refeitório da fábrica.

Dona Lavínia, assistente social, pediu-me para organizar a excursão. Foi um trabalho satisfatório. Passeios como esse sempre aconteciam na empresa.

Meu primeiro chefe foi Urames Pires dos Santos e devo a ele o meu desenvolvimento cultural. Ele era responsável pela revista mensal *Acimarec*, bem como pelo Centro Juvenil Roberto Simonsen e pelo Centro Feminino Rachel Simonsen, ambos criados por ele. Para a publicação mensal da revista, tínhamos de providenciar todo o material. O incentivo vinha de Pires dos Santos, apreciador de cinema, teatro e literatura, que nos motivava muito. Escrevíamos artigos que eram revisados por ele. Quando saía a publicação da revista, sentíamos um orgulho imenso.

Durante certo período, fui presidente do Centro Juvenil Roberto Simonsen. Aos sábados, os jovens da Cerâmica se reuniam no Guarani, um salão alugado situado na esquina das ruas Castro Alves e Roberto Simonsen, e ali jogávamos *ping-pong*, dama, xadrez e, no final, era realizado um “bailinho” animado com os boleros da época.

Uma vez por mês o Serviço Social fazia uma reunião festiva no Centro Social, dentro da fábrica, testando os serviços de arte culinária das meninas, que também terminava sempre com um “bailinho”, abrilhantado pelo conjunto formado por garotos da empresa.

A primeira vez que fui a um teatro foi por meio da Cerâmica São Caetano, ocasião em que assisti à peça *Cabelo de Fogo*, interpretada por Cacilda Becker. Essa oportunidade de ir a eventos culturais era proporcionada aos jovens pelo Serviço Social.

No ano da minha admissão, em 1947, pouco tempo após o término da Segunda Guerra Mundial, as indústrias siderúrgicas, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e outras, estavam necessitando de produtos refratários, momento em que surgiu a oportunidade da Cerâmica oferecer seus artigos. Nessa época, 80% do faturamento da empresa advinham da linha de revestimentos e 20% do setor de refratários. Quando a Cerâmica São Caetano foi vendida para a Magnesita S/A, em 1973, o faturamento passou a ser o inverso.

Roberto Simonsen tinha a ideia de construir 200 casas para os operários e dez para os engenheiros. Também aventou a possibilidade de construir uma fábrica nova na cidade de Rezende, no Rio de Janeiro, para a fabricação de refratários, por estar próxima de Volta Redonda, cidade onde se localizava a Companhia Siderúrgica Nacional. São Caetano do Sul continuaria somente com a fábrica de revestimentos. Mas os planos de Simonsen não avançaram e então os despachos de refratários para a CSN continuaram a

O operário que completava 20 anos de trabalho recebia uma medalha e um adicional no salário de 10%. No Natal, era esperada uma grande festa, ocasião em que eram distribuídos brinquedos aos filhos de funcionários com até 10 anos.

ser feitos através da linha férrea. Caminhões levavam os produtos da fábrica de São Caetano para a estação ferroviária.

Os maiores compradores de refratários da Cerâmica eram a Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), Usiminas, Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, Aços Villares, Siderúrgica Aliberti, dentre outras.

Outra particularidade da Cerâmica São Caetano, no período anterior que regeu a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), era a de pagar aos funcionários uma gratificação de fim de ano, chamada de “Boas Festas”, e outra no mês de abril. Um iniciante como eu, recebia um salário extra em dezembro e outro em abril. Isso deixava, principalmente os jovens, muito felizes. O operário que completava 20 anos de trabalho recebia uma medalha e um adicional no salário de 10%. No Natal, era esperada uma grande festa, ocasião em que eram distribuídos brinquedos aos filhos de funcionários com até 10 anos.

Uma data também comemorada na Cerâmica era 7 de agosto, dia do padroeiro São Caetano. Neste dia, na hora da missa, todos os funcionários paravam de trabalhar para participar do evento.

A Cerâmica São Caetano tinha 18 jazidas de barro localizadas em cidades como Suzano e Guarulhos, em São Paulo, e em outros Estados Brasileiros, como na Bahia. No início, a extração do



Coquetel de final de ano do setor de refratários, no escritório de Felipe José Vicente de Azevedo Franceschini e Urames Pires dos Santos, na fábrica da Cerâmica São Caetano. Foram identificados, da esquerda para a direita: Valter Mariano, Eugênio Marcolongo, Udiano Martorelli, Armando Benites, Felipe José de Azevedo Franceschini, Urames Pires dos Santos, Antonio Marcandalle, Luiz Reis, Dionísio Furlan, Noé Benfica e demais encarregados e mestres dos setor. Foto do final da década de 1950

taguá (tipo de barro importante para a fabricação dos ladrilhões vermelhos) era somente feita em São Caetano, no “Barreiro Novo”, conhecido como Buracão da Cerâmica, onde hoje está localizado o Espaço Verde Chico Mendes. A extração nesse local foi encerrada na década de 1940, pois a matéria-prima se extinguiu.

A Cerâmica São Caetano tinha 18 fornos intermitentes, quatro fornos-túneis (contínuos), sendo um na área de cerâmica e três na área de refratário. Um dos fornos foi preservado como memória de uma grande fábrica, e hoje funciona como espaço expositivo da Fundação Pró-Memória.



Ilma, Mariano e o filho Valdemir, em foto de 1959, na residência da família, na Rua Conceição, em São Caetano do Sul

Com a instituição da CLT, muitas mudanças foram ocorrendo na fábrica. Funcionários com os mesmos cargos deveriam receber os mesmos salários, logo um colaborador que produzisse mais tijolos deveria ter o mesmo salário daquele que produzia menos. Para a indústria em geral foi uma conquista, mas para os funcionários que trabalhavam por contrato, foi uma tragédia. A produção caiu e o serviço de

controle de qualidade teve o seu trabalho triplicado. Começavam as dificuldades, com os encargos repassados para o governo não tendo o retorno adequado.

Em 1973, a Cerâmica foi vendida, ficando a administração a cargo da Magnesita S/A, sua compradora, com sede em Minas Gerais, resultando no fechamento da fábrica sul-são-caetanense. Mesmo depois do ano de encerramento, trabalhei mais 19

anos, procurando dar sempre o máximo de mim. Lembro que atravessei três gerações administrativas, a saber: a primeira, do senador Roberto Simonsen, depois dos filhos, netos e, por último, da Magnesita S/A, sentindo na carne os acertos e erros de cada administração.

Agradeço aos meus chefes Urames Pires dos Santos, Raphael Indelicati, Carlos Roberto V. Cruz, Luciano Barzaghi, Paulo G. Rocha Azevedo e David Tavares. Agradeço à minha companheira de vida, Ilma Dias Mariano, com quem me casei em 31 de maio de 1958, ao meu filho Valdemir Antonio Mariano, que me deu os netos queridos Bianca e Murilo Mariano.

Até hoje, às vezes sonho que estou na minha Cerâmica São Caetano, trabalhando! Sou grato e feliz em ser um ex-ceramista de São Caetano! ■

MINHA TRAJETÓRIA

1946 -

Estafeta

1947-

Praticante de escritório

1949-

Funcionário de escritório

1963-

Chefe de escritório – área de estoque e produção

1968-

Chefe da Seção de Vendas – área de refratários

1969-

Supervisor de vendas - Escritório Central (Avenida Paulista)

1971-

Gerente de Vendas

1972 -

Gerente Promotor de Vendas

1973 a 1992 -

Coordenador de Vendas (Magnesita S/A)

Valter Mariano
hoje aposentado, trabalhou na Cerâmica São Caetano durante 45 anos.
(Colaboração de Cristina Ortega)



Escritório de Valter Mariano na fábrica da Cerâmica São Caetano, no início da década de 1960



Escritório de Valter Mariano no setor de vendas da fábrica da Cerâmica São Caetano. Foto da década de 1980



Carteirinha de identificação para entrada nas dependências da fábrica. Foto da década de 1980

Dona Minervina, uma cidadã da história de São Caetano do Sul

Dona Minervina durante a entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no dia 22 de fevereiro de 2019

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



MINERVINA MARIA DE FRANÇA nasceu em Sumé, interior da Paraíba, no dia 10 de julho de 1919. Ainda em território paraibano, casou-se com José França Sobrinho. Após o matrimônio, ocorrido em 1943, rumou com o marido para Caruaru, município situado no Estado de Pernambuco. Em busca de me-

lhores condições de vida, França Sobrinho partiu para São Paulo, acompanhando o fluxo migratório de nordestinos, que, na época (segunda metade da década de 1950), já era intenso e bastante significativo em direção à região paulista. No Grande ABC, a entrada de migrantes teve, nesse período, um considerável aumento, em razão, sobretudo, do desenvolvimento e incremento da indústria automobilística e de suas derivadas (autopeças).¹

Passados 11 meses, aproximadamente, da partida do marido, Minervina, corajosamente, decidiu deixar Caruaru com os seus então sete filhos (um nasceria, depois, em São Caetano do Sul) e vir ao encontro de José França Sobrinho, que se encontrava em Utinga (Santo André). Foi uma viagem penosa, que durou cerca de nove dias, em um precário pau de arara, veículo muito utilizado, na oca-

sião, para transportar migrantes oriundos de diferentes localidades do Nordeste.

Em Utinga, as dificuldades também não foram poucas, mas o reencontro com o marido deu-lhe alento e esperança para prosseguir, afinal, a família estava unida novamente. Era 1958. A chegada a São Caetano, naquele ano, marcaria, para sempre, a vida da paraibana Minervina e a dos seus familiares. Instalados, inicialmente, na Rua Bom Pastor, iniciaram uma caminhada de luta na cidade.

Para auxiliar o esposo no sustento dos filhos, Minervina passou a costurar peças de vestuário, como camisas e calças, para uma fábrica localizada no bairro paulistano do Brás. Posteriormente, os seus serviços como costureira foram de grande valia para França Sobrinho. Sapateiro de ofício, contava com a ajuda direta da esposa nas atividades de costura

Minervina Maria de França e José França Sobrinho com os filhos Cleusa (à esquerda), Neusa, Edileusa e Lourival. Foto tirada em Caruaru (PE), no dia 29 de abril de 1949



(...)
as dificuldades também não foram poucas, mas o reencontro com o marido deu-lhe alento e esperança para prosseguir, afinal, a família estava unida novamente.

dos sapatos que eram confeccionados e consertados.

E foi assim que Minervina conseguiu juntar o necessário para a construção da casa onde reside até os dias de hoje, situada na Rua São Bento, no Bairro Olímpico. Com a expansão da urbanização, as áreas do território do município que ainda não tinham sido ocupadas começaram a ser loteadas e vendidas. Entre os principais compradores desses terrenos, estavam grupos de nordestinos, que, desde pelo menos o final da primeira metade do século passado, vinham engrossando, sistematicamente,



Minervina e José França Sobrinho, em foto tirada por ocasião da realização das Bodas de Prata do casal, em 1968. O casal teve dez filhos e parte de sua história construída em São Caetano do Sul



Celebração das Bodas de Prata do casal, na Paróquia Nossa Senhora da Candelária. A cerimônia foi ministrada pelo padre José Caruso



Aniversário de 90 anos de Minervina, no dia 10 de julho de 2009. A partir da esquerda, a filha Edileusa (blusa vermelha), os netos Yara, Fábio, Eduardo e Valtinho (de boné), Ester (no colo), o filho Edvaldo, os netos Nestor e Daniele e a bisneta Alana (no colo), a neta Angélica e a nora Célia

o contingente populacional sul-são-caetanense. Sob tal contexto, passaram a ocupar diferentes bairros da localidade.²

Minervina acompanhou o crescimento do Bairro Olímpico, testemunhando suas transformações e principais acontecimentos. Alguns marcos de referência do bairro povoam suas lembranças, como a Paróquia São Bento, que a recebia todos os domingos para a celebração da missa, e o Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, onde pôde prestigiar festas e outros eventos.

Com uma trajetória centenária, esta aguerrida paraibana constitui exemplo para a sua numerosa prole. Teve dez filhos, dos quais dois faleceram ainda pequenos no Nordeste. As outras gerações da família são formadas por seus 24 netos, 31

bisnetos e três tataranetos. No dia 23 de fevereiro deste ano, Minervina Maria de França foi homenageada pelo projeto *Cidadão da História*, promovido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul durante a realização do *Governo em Movimento*, programa mantido pela prefeitura municipal. Na qualidade de uma das moradoras mais antigas do Bairro Olímpico, dona Minervina foi agraciada

com esta singela homenagem. A sua caminhada de trabalho, protagonismo e perseverança serve de inspiração não só para os seus familiares e amigos próximos, mas também para São Caetano do Sul. **(Cristina Toledo de Carvalho)** ■

Notas

¹ CARVALHO, Cristina Toledo de. *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 46.
² *Ibidem*, p. 45-46.



A tradição dos Baader

Odete Baader em foto de fevereiro de 2019

▣ Cristina Ortega

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA BAADER remonta ao império alemão na Idade Média. Dali, segue por centenas de anos, fazendo parte da aristocracia alemã. Mas vamos dar um salto nesta trajetória e partir da história do clã em São Caetano do Sul, conhecendo a origem do parentesco paterno de Odete Bina Baader, que nos relatou a trajetória de seu avô, Paull Gustav Baader.

Baader, nascido em Berlim, na Alemanha, em 3 de dezembro de 1879, veio para o Brasil, com sua esposa, Minna Menna Wihermine Lorenz Baader, passando primeiramente pela Argentina, onde tiveram três filhos: Paulo Baader Júnior, nascido em 1906; Luíza Baader, em 1909; e Ricardo Baader, que nasceu em 1911.

Ao chegar a São Paulo, Baader foi trabalhar na mansão da família Matarazzo, nas ime-

dições da Avenida Paulista. No Brasil, o casal teve mais três filhos: Olga Baader, Alberto Baader e Roberto Baader. Paull Gustav Baader faleceu no dia 30 de agosto de 1952, em São Caetano, na antiga Vila Paula, hoje Bairro Santa Paula, onde residia com a família na Rua Piauí, nº 541.

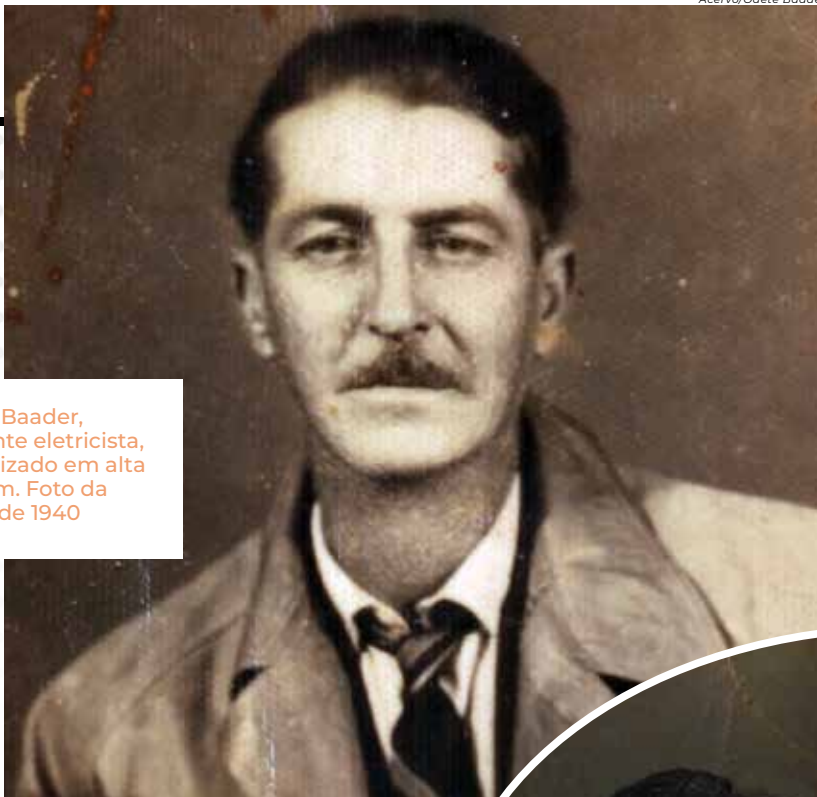
Ricardo Baader (em alemão, conforme certidão de nascimento, Richard Frank Fritz Baader), um dos filhos do casal Paull e Minna, é pai de Odete Baader, entrevistada para este artigo. Ele trabalhava como eletricitista, especializado em alta voltagem, com trabalhos solicitados por grandes empresas e cidades, entre elas a Estrada de Ferro Sorocabana e a Central do Brasil. No dia 24 de dezembro de 1931, casou-se com Francisca Bina, filha de imigrantes italianos. Logo após o casamento, foram morar na Ilha Barnabé, em Santos, onde trabalhou nas extensões elétricas em cabos submarinos



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

e realizou concertos em navios, inclusive de guerra. No período que moraram em Santos, nasceram os três primeiros filhos: Francisca (nascida em 21 de dezembro de 1932), Ricardo Júnior (em 2 de agosto de 1934) e Gustavo (em 19 de setembro de 1935).

Em 1937, a família retorna a São Caetano, instalando-se na Rua Coronel Camisão, no Bairro Oswaldo Cruz, onde nasceram Odete (em 1º de janeiro de 1940) e Alfredo Bina Baader (em 22 de março de 1941).



Ricardo Baader, experiente eletricitista, especializado em alta voltagem. Foto da década de 1940

O casal Francisca e Ricardo Baader, em foto da década de 1940



Como era muito requisitado, Ricardo Baader realizou toda a iluminação do entorno da Estação da Luz, em São Paulo, inclusive do relógio que se encontra em uma das torres da edificação. Boa parte do início do sistema de iluminação pública de São Caetano do Sul, naquela época instalado em postes de madeira, foi por ele realizada. Trabalhou também nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, General Motors, Swift e seu último trabalho foi na Quim Brasil, onde sofreu um acidente, falecendo em 1º de agosto de 1951.

No Bairro Santa Paula, a família frequentava as festas e bailes do Teuto (como era conhecida a Sociedade Cultural Esportiva Teuto-Brasileira, hoje União Cultural de São Caetano do Sul). Ricardo Baader cantava muito bem e tocava violino, com excelência.

Odete, terceira geração dos Baader em São Caetano do Sul, nasceu em 1940, quando a família morava na Rua Coronel Camisão, no Bairro Oswaldo Cruz. Iniciou seus estudos no então Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza, naquela época situado na Avenida Goiás, sendo depois todos os alunos transferidos para o Grupo Escolar Sylvio Romero. Formou-se professora e, em 1963, casou-se

com Nelson Lossilla. O casal teve um filho, Valmir Lossilla, nascido em 13 de janeiro de 1964. Odete e Nelson separaram-se em 1973.

Em 1957, Odete prestou o concurso público federal para fazer parte dos quadros do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (Iapi), hoje Instituto Nacional do Seguro Social, trabalhando no órgão, em São Caetano, até 1971.



Francisca Bina (ao centro, sentada) com os filhos Francisca, Ricardo, Gustavo e Odete Baader. Foto da década de 1950

Acervo/Odete Baader

Foi proprietária de uma escola de datilografia chamada Escola de Datilografia República, que ficava na Rua Boa Vista e que funcionou por curto período.

Hoje, Odete Baader vive no Bairro Mauá, e tem como lembranças familiares muitos álbuns de fotografias, de todo o clã Baader. Faz questão de escrever a árvore genealógica da família, para que seus herdeiros conheçam toda a trajetória dos Bina e Baader. A quinta geração dos Baader na cidade, os filhos de Valmir, é formada por: Ricardo, Felipe e Renata Freitas Lossilla. ■

Cristina Ortega é pedagoga e advogada. Atualmente é colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atuando na área de pesquisa, e membro de sua Comissão Editorial. É organizadora do livro *São Caetano em Crônicas*, editado em 2018 pela Fundação Pró-Memória.



Odete Baader, no início da década de 1960

Esporte, política e história

Caio Bruno

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni



Altevir Anhô em entrevista para *Raízes*, em abril de 2019

ALTEVIR VARGAS ANHÊ é daquele tipo de pessoa que todo mundo conhece em São Caetano do Sul. O que pouca gente sabe é o quão rica, complexa e importante é sua história e sua contribuição para o esporte e a vida pública do município. Vamos agora contar um pouco sobre o matemático, químico, esportista, jornalista, funcionário público e, acima de tudo, o cidadão Anhô, como é chamado por todos.

Nascido em 30 de outubro de 1944, em Birigui, interior de São Paulo, e filho de Maria Giampietro e de João Anhô (que viria a ser vereador por quatro mandatos e presidente da Câmara Municipal sul-são-caetanense),

nosso entrevistado veio para São Caetano com sua família aos 2 anos de idade. “O primeiro lugar onde morei foi uma casa na antiga Travessa São José, no Bairro da Fundação, aliás vivi em outras três residências lá. Tenho um carinho muito especial por aquele bairro”, disse.

Entre as lembranças dessa época, Anhô destaca os amigos, as festas aos fins de semana com as demais famílias tradicionais da cidade, o estudo no então Grupo Escolar Senador Fláquer, e o esporte, que entraria em sua vida para nunca mais sair, ao praticar basquete e futebol de salão no São Caetano Esporte Clube.

Aos 14 anos, iniciou sua carreira profissional como contínuo no Cartório de Ofícios, logo após, foi para a Cerâmica São Caetano, onde jogou por anos no time de futebol da lendária indústria.

O esportista - Talvez um dos capítulos mais importantes da vida de Anhê seja sua dedicação ao esporte, mais precisamente àquele jogado com os pés em um campo de terra, ou grama, com 11 jogadores de cada lado disputando a bola e o gol: o futebol.

Após a passagem pelo time da Cerâmica, ele não parou mais, seja como amador ou profissional, lá estava o lateral direito defendendo as cores de inúmeros times como: Monte Alegre, Associação Atlética Vila Alpina, 28 de Julho, Vila Bela, São Cristovão, América do Sul, Tamoyo, Amizade e União Jabaquara Futebol Clube.

Neste último, já como treinador, Anhê conquistou o campeonato municipal de São Caetano e a taça *Cidade de São Paulo*. Em ambas as competições o time do Bairro Prosperidade venceu de forma invicta. Além do Jabaquara, foi também técnico do Saad Esporte Clube e da Associação Desportiva São Caetano, onde treina até hoje a equipe de Masters.

Em 1989, foi um dos fundadores da A.D. São Caetano, o famoso *Azulão*, e seu primeiro diretor de futebol profissional.



Altevir Anhê,
aos 4 anos
de idade

“O primeiro lugar onde morei foi uma casa na antiga Travessa São José, no Bairro da Fundação, aliás vivi em outras três residências lá. Tenho um carinho muito especial por aquele bairro.”

“A fundação do clube teve importante apoio do então prefeito Luiz Olinto Tortorello, que reuniu amigos e pessoas comprometidas com o esporte na cidade e deu o incentivo. Quando estava como diretor de futebol, o clube subiu de divisão por três anos seguidos, em 1990, 1991 e 1992”, relembra.

Mesmo após deixar a função, Anhê continua participando da vida social do clube até hoje, como conselheiro, treinador e diretor de futebol Masters, levando o time com craques do passado para amistosos e campeonatos em diversas regiões do Estado.

No ano de 2001, o esportista busca ampliar seus horizontes. É quando surge o Tênis Clube de São Caetano, agremiação a qual preside desde sua fundação. Localizado na Rua Justino Paixão, nº 367, o local conta com toda estrutura necessária para o ensino e a prática do esporte, atendendo particulares e também mais de 200 alunos do Programa Esportivo Comunitário (PEC), da prefeitura de São Caetano, de forma gratuita.

“Nesses quase 20 anos de existência conseguimos vários títulos. Somos tetracampeões estaduais e mais de dez vezes vencedores dos Jogos Abertos e Regionais do Interior representando o município”, explica.

Ainda na área esportiva, Anhê participou como comentarista e jornalista de lendárias equipes

como as da Rádio Bandeirantes, comandada por Fiori Gigliotti, e da Rádio ABC, e apresentou, por anos, o programa *ABC Brasil Esportes*, no extinto Canal 45 – TV São Caetano.

Vida pública - Dizem que filho de peixe, peixinho é. No caso de Altevir Anhê o ditado

é verdadeiro. Convivendo desde a adolescência com seu pai já como vereador, sua relação de proximidade com a classe política e a vida pública o influenciou: “Lembro-me sempre das discussões e reuniões em que meu pai participava sempre como voz influente nas decisões de então”.

Acervo/Altevir Vargas Anhê



Altevir Anhê (o primeiro, à esquerda, de pé) como treinador do Saad E.C., na década de 1980

Primórdios da A.D. São Caetano, em 1990. Foram identificados: Carlos Alberto (Margarida), Luiz Pereira, Hilton, Giba, Paulinho Kobayashi, Alemão e Zelão. Anhê é o último, em pé, da esquerda para a direita



Acervo/Altevir Vargas Anhê



Acervo/Altevir Vargas-Anhê

Reunião no Centro de Pesquisas e Processamento de Dados da prefeitura de São Caetano do Sul, na década de 1970. Foram identificados: Oswaldo Martins Salgado, João Anhê, Sebastião Lauriano, Altevir Anhê, Antônio José Dall'Anese e Gentil Monte



Encontro político na década de 1970. Da esquerda pra direita, vemos: Domingo Glenir Santarneckchi, Altevir Anhê, Antônio José Dall'Anese e Claudio Musumeci

Em 1964, o jovem Anhê ingressa na seção de protocolo da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Após breve período, foi para a extinta Comissão Intermunicipal de Controle da Poluição das Águas e do Ar (CICPAA) trabalhar como químico. Em 1970, durante o segundo mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1969-

1973), Anhê assume o Centro de Pesquisas e Processamento de Dados (Cenpes). “Fizemos o início da informatização da prefeitura nesse período, implantação dos sistemas de folha de pagamento, impostos, cadastros, dívida ativa, etc, toda a base que existe até os dias de hoje”, explica.

Anhê foi o diretor do Cenpes por quatro gestões (Oswaldo

Massei, Hermógenes Walter Braidó, por dois mandatos, e Raimundo da Cunha Leite), totalizando 15 anos no comando do setor. O órgão foi extinto em 1985. Após esse período continuou participando do governo Braidó como assessor de gabinete e, a seu pedido, foi candidato a vereador em 1988, obtendo suplência. Nas gestões seguintes continuou desempenhando função de assessoria, sempre como conselheiro e influenciando os rumos da administração.

Homem de confiança de Luiz Olinto Tortorello (1989-1992, 1997-2004), Anhô foi designado pelo então prefeito para gerir diversas ações de seu governo, entre elas, o projeto *Governo Itinerante*, que levava os órgãos administrativos para atendimento aos moradores nos bairros da cidade.

Entre 2005 e 2012, teve como uma de suas funções, além da assessoria direta ao prefeito José Auricchio Júnior, a realização da tradicional Festa Italiana e na parte política, foi um dos idealizadores do Centro Avançado de Estudos e Pesquisas Sociais (Caeps). “Para mim é motivo de orgulho servir à cidade por tanto tempo. Sempre com muito trabalho e desenvolvendo o melhor”, resumiu.

Atualmente - Casado desde 1973 com Tereza, pai de Karina e Luiz Sérgio, e avô de Anna



Acervo/Anelvi Vargas Anhô



Acervo/Anelvi Vargas Anhô

Premiação na Federação Paulista de Tênis, no início dos anos 2000

Anhô apresentou por anos o programa *ABC Brasil Esportes* no extinto Canal 45 – TV São Caetano

Carolina e Lucas, Anhô continua na ativa, seja no esporte ou no setor público. Como técnico do Masters da A.D. São Caetano, viaja para as mais diversas cidades paulistas comandando o espetáculo de futebol e encantando os torcedores. Além disso, continua participando de transmissões esportivas, escrevendo textos, dando informações e opiniões sobre o esporte bretão e comandando o Tênis Clube. Na área pública, Anhô hoje está na Fundação Pró-Memória, como assessor, auxiliando a instituição em seus projetos com sua experiência e vivência.

Questionado sobre qual o maior legado dessa história riquíssima de vida, nosso entrevistado é taxativo. “O que valeu a pena em tudo isso foram as amizades que fiz e que conservo até hoje. É o maior tesouro”. ■

Caio Bruno é jornalista formado pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com extensão universitária em Gestão e Crise em Redes Sociais pelo Senac-SP e cursos livres na área de Gestão Cultural. É pós-graduado em Comunicação Empresarial pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é supervisor do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul.

Acervo Andrea Lucia Rocha



José Florindo Rocha (nascido em 4 de maio de 1939), conhecido como Zé Corinthiano, foi proprietário de um bar, localizado na Rua Boa Vista, nº 416, no Bairro Boa Vista, no período de julho de 1977 até seu falecimento, em 24 de março de 1991. O estabelecimento era decorado com emblemas, quadros e reportagens sobre o Sport Club Corinthians Paulista e costumava receber diversas personalidades políticas e esportivas. Rocha é nome de uma praça, inaugurada em junho de 1991, nas proximidades do bar, que foi vendido pela família em 1992

José Florindo Rocha (o terceiro, a partir da esquerda, em primeiro plano) recebe a visita dos então deputados estaduais Wadih Helu (presidente do S.C. Corinthians Paulista, de 1961 a 1971, na imagem, de terno) e Luiz Olinto Tortorello (que assumiria a prefeitura de São Caetano em 1989). O primeiro, à esquerda, é Elizeu de Barros Pinto Filho. Foto de 1988



Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação Maurício Munari

Convite de inauguração do então Parque Infantil Angela Massei, em 1968



PREFEITURA MUNICIPAL DE S. CAETANO DO SUL

Prezado Senhor

Tomou a valida honra de convidar V. S. e Com. Família para a solenidade de inauguração do Parque Infantil "Angela Massei" e Grupo Escolar "Francisco Massei" à Rua Walter Braido, no Jardim Santa Antonia, a realizarem-se no dia 10 de Março de 1968, às 10 horas.

Atenciosamente

H. WALTER BRAIDO
PREFEITO MUNICIPAL



Convite de inauguração do Ginásio Profª Yolanda Ascencio, também em 1968

PREFEITURA MUNICIPAL DE S. CAETANO DO SUL

Prezado Senhor

Tomou a valida honra de convidar V. S. e Com. Família para a solenidade de inauguração do Ginásio "Profª Yolanda Ascencio", Av. Tijocassi, Vila Paula, a realizarem-se no dia 10 de Março de 1968, às 10 horas.

Atenciosamente

H. WALTER BRAIDO
PREFEITO MUNICIPAL

Acervo Christina Galindo Munari



Casamento de Orlando Munari e Christina Galindo Munari, celebrado pelo padre Carlos Fabrini, em 13 de junho de 1959, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus (situada na Rua Padre Mororó, nº 425, no Bairro São José). O casal, ainda hoje residente no Bairro São José, tem quatro filhos: Mauricio, Luciano, Ricardo e Valéria

No dia 21 de maio de 2019, São Caetano do Sul perdeu Oscar Garbelotto

Uma grande saudade...

Oscar

Acervo/Família Garbelotto



Último registro da família, realizado em 2018, quando Garbelotto recebeu o título de professor emérito da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Em primeiro plano, a partir da esquerda: Mirela Pardi Garbelotto Belli (neta), Oscar Garbelotto e Elizabete Pardi Garbelotto (esposa). Em segundo plano, vemos: Nilton Belli Filho (genro), Mariluce Pardi Garbelotto Belli (filha), Marcelo Garbelotto Rodegher (neto), Morisa Pardi Garbelotto (filha) e Pedro Garbelotto Rodegher (neto)

NASCIDO NA CIDADE, em 13 de dezembro de 1932, Garbelotto foi um grande entusiasta da área cultural, contribuindo, inestimavelmente, para o seu desenvolvimento, em suas diferentes esferas no âmbito municipal. Como diretor do então Departamento de Educação e Cultura (Depec), durante o primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braidó (1965-1969), foi responsável por inúmeras realizações, das quais merecem destaque a instituição do Salão de Arte Contemporânea e a organização do Festival de Música Coral, ambos os eventos assinalados em 1967. Nesse período, teve ainda significativa participação nas articulações para a criação da Fundação das Artes e da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais (posteriormente, Instituto Municipal de Ensino Superior – Imes – e, hoje, Universidade Municipal de São Caetano do Sul – Uscs), entidades que comemoraram o seu Jubileu de Ouro em 2018.

No segmento da memória, o seu legado foi também marcante e indiscutível. Integrou o primeiro Conselho Editorial da revista *Raízes*, a partir de 1989, e presidiu a comissão constituída pelo então prefeito Luiz Olinto Tortorello para a criação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, instituição surgida em 1991 e da qual foi o primeiro presidente. Em tal função, esteve até 1996.

A 56ª edição de *Raízes*, de dezembro de 2017, trouxe, na seção *Poesias e Crônicas*, um texto de autoria de João Tarcísio Mariani, em que diversos aspectos da trajetória de Oscar Garbelotto foram apresentados, em reconhecimento aos seus relevantes serviços ao município. Em maio do ano passado, Garbelotto deixou um precioso relato à Pró-Memória, o qual serviu de fonte para o artigo *Reminiscências*, publicado no número 58 daquele periódico (de dezembro de 2018).

No ano em que comemora três décadas de circulação, marca para a qual, diga-se de passagem, Oscar Garbelotto colaborou, na qualidade de conselheiro e articulista assíduo, a revista *Raízes* presta-lhe uma singela homenagem, reverenciando, por meio de um rol de imagens, variados momentos de sua vitoriosa caminhada. ■



O pequeno Oscar, ao lado do pai, Arthur Garbelotto, durante passeio na cidade de Santos, em 1937



Família Garbelotto em foto da década de 1940. Em segundo plano, vemos, a partir da esquerda: Vilma Garbelotti Vick (irmã de Oscar), Oscar Garbelotto e Arthur Garbelotto (pai). Sentada está sua mãe, Thereza Piccolo Garbelotto e Antonio Nardino Garbelotti (irmão)



Garbelotto em foto da década de 1930



Foto oficial da formatura, em Direito, pela Universidade Católica, em 1960



Casamento de Oscar Garbelotto e Elizabeth Pardi Garbelotto, realizado no dia 2 de fevereiro de 1964, na Igreja Matriz Sagrada Família



O então chefe de gabinete da prefeitura municipal (na gestão de Oswaldo Massei, de 1957 a 1961), Oscar Garbelotto, discursa durante evento em homenagem aos fundadores da cidade, no dia 28 de julho de 1959, na Praça Ermelino Matarazzo, no Bairro da Fundação



Oscar Garbelotto foi diretor do então Instituto Municipal de Ensino Superior – Imes – e, hoje, Universidade Municipal de São Caetano do Sul – Uscs, de 1973 a 1977. Na imagem ele aparece (de beca branca) ao lado do governador Laudo Natel (à direita de Garbelotto), em formatura da turma de Administração e Economia, em 4 de maio de 1973



Inauguração do Centro de Documentação e Memória da Uscs, projeto idealizado por Garbelotto, em 5 de agosto de 2000

Luiz Emiliani: o farmacêutico, o político e o homem

No balcão de sua farmácia onde esteve por mais de 50 anos

Acervo/FPMSCS

O PASSAR DO TEMPO é implacável em suas mais diversas faces. Promove mudanças estruturais, comportamentais, pessoais e profissionais. Vejamos como exemplo alguns ofícios que hoje inexistem, como o *lanterninha* do cinema e o datilógrafo. Outros passaram por transformações por força da tecnologia, das novas formas sociais, da legislação e por diversos outros motivos. Quer ver um deles? O farmacêutico. De quase médico, aplicando injeções e aconselhando seus fregueses, hoje este profissional praticamente entrega o medicamento solicitado em silêncio.

Bons tempos do amparo, da conversa e da preocupação com o semelhante. O personagem desse texto é desse período e, acima de tudo, seja no balcão da farmácia, nas associações em que participou, ou na política, sempre manteve uma característica digna que nunca envelhece: o dom de servir ao próximo.

Nascido em 14 de abril de 1929, em Agudos (SP), e filho de João Emiliani e Assumpta Delavalli, Luiz Emiliani ficou pouco tempo em sua cidade natal. Aos 3 anos chegava junto de sua família a São Caetano do Sul, indo residir nas proximidades do atual Bairro Oswaldo Cruz. Apesar da infância modesta, sem luxos e nem privações, seus primeiros anos no novo município foram pacatos e tranquilos. Aos 9, iniciou-se no batente para ajudar no sustento da casa limpando os vidros de um local que ditaria toda sua vida: uma pequena farmácia no bairro.

Era um caminho sem volta que duraria as próximas oito décadas. Com o tempo, Luizinho, como já era chamado, iniciou ascensão profissional no estabelecimento se tornando balconista e dando todo o suporte nas rotinas do local, como caixa, negociando com fornecedores e, claro, atendendo a população, que, a cada dia, adquiria mais confiança na-



quele jovem atencioso. Disposto a galgar cada vez mais postos maiores, nosso personagem se formou em técnico de Farmácia naquele período também.

Na vida pessoal, mudanças aconteceram também naqueles idos da passagem dos anos 1940 para os anos 1950. Em 9 de junho de 1951, Luiz Emiliani casou com Irene, companheira de vida por longos 67 anos. Da união vieram dois filhos: Iara, em 1952, e Luiz Emiliani Júnior, em 1957.

Em fevereiro de 1962, o Brasil vivia as tensões da ainda recente renúncia do presidente Jânio

Quadros e a breve experiência parlamentarista do governo João Goulart. Pelé e Garrincha eram as grandes esperanças brasileiras para trazer o bicampeonato da Copa do Mundo de futebol, que seria realizada no Chile, em maio e junho daquele ano. Quem comandava o recém-inaugurado paço municipal da Avenida Goiás era o prefeito Anacleto Campanella. Entretanto, apesar desses fatos todos, o maior evento daquele mês para Emiliani foi a inauguração de sua farmácia, localizada no Bairro Santo Antônio.

Trabalhando com medicamentos industrializados e também com os de manipulação, o estabelecimento fez sucesso de imediato e se transformou em ponto de encontro e de referência. Amizades foram feitas, conversas estendidas e laços foram estreitados no balcão da Farmácia Monte Alegre, onde a figura carismática e central do proprietário dava a tônica do ambiente.

Em 1967, Emiliani foi convidado para participar do Rotary Club, uma das mais conceituadas e beneméritas instituições mundiais, integrando, assim, o recém-fundado clube Oeste da organização. Entre as atividades realizadas pelos rotarianos, uma das que mais o orgulhava era a Feira das Nações. O evento, realizado entre 1967 e 1992, a princípio no extinto Clube da Cerâmica São Caetano e, depois, em outros lugares, consistia em gincanas e comidas típicas de di-

versos países com a renda obtida totalmente revertida para instituições de caridade.

Outro feito do qual Luiz Emiliani se orgulhava muito era o de ter participado da criação do Colégio Eduardo Gomes, em 1981. Presidente do Rotary Club de São Caetano do Sul – Oeste na época, ele teve atuação decisiva na instituição da Fundação dos Rotarianos do município, o que possibilitou a criação da unidade escolar. Sua identidade com os valores e sua ligação eram tão profundas que permaneceu ativo no Rotary até os últimos dias de sua vida, sempre com presença assídua nas reuniões, eventos assistenciais e demais ações.

Ainda nos anos 1980, assumiu a presidência do Billings Country Club onde ficou por quase 20 anos e devido à sua popularidade crescente foi, como se diz no jargão, picado pela mosca azul da política. Participando da criação do Partido Liberal (PL) em São Caetano, foi convidado e encorajado por amigos a disputar o cargo de vereador nas eleições municipais de 1988. Foi sem muita esperança de vitória e não teve gastos de campanha. O resultado? Foi eleito com 691 votos em um pleito marcado por forte renovação na Câmara sul-são-caetanense. Luiz Olinto Tortorello foi eleito prefeito na ocasião.

Em seu primeiro mandato, integrou a chamada Câmara Constituinte, responsável pela formulação da Lei Orgânica do Município,

promulgada em 4 de abril de 1990 e em vigor até hoje, e foi vice-presidente da Comissão de Organização Político-Administrativa.

Nas eleições de 1992, que elegeram Antônio José Dall'Anese prefeito municipal, Luiz Emiliani tentou a reeleição para vereador e, apesar de ter aumentado seu número de votos (conquistou 888 sufrágios), não conseguiu renovar o mandato.

Já na disputa seguinte, em 1996, quando seu amigo Tortorello retornou ao comando do Palácio da Cerâmica, Emiliani também voltou à vereança, sendo eleito com 1.586 votos, o maior apoio de sua história eleitoral. Neste segundo mandato, teve ações voltadas ao meio ambiente, como a diminuição da produção de papel e a substituição do programa *Vigilantes do Meio Ambiente*, além de projetos visando à segurança de crianças e idosos e pessoas com deficiência.

Em dezembro de 1998, Luiz Emiliani alcançou o auge de sua carreira política quando foi eleito, por 19 votos, presidente da Câmara Municipal para o biênio 1999/2000. Sua gestão foi marcada pela grande participação social e transparência, sendo, inclusive, uma das primeiras a utilizar a internet como ferramenta pública de prestação de contas ao munícipe. Nesse período, se tornou prefeito de São Caetano interinamente no mês de outubro de 2000 durante licença de Tortorello e de seu vice, Sylvio Torres. Naquele ano, em sua quarta eleição, conseguiu



Abertura da XII Feira das Nações realizada pelo Rotary Club em 1978. Vemos, da esquerda para direita: Toninho dos Esportes, Rubens Puccetti, Oscar Leite, João Caparroz, Luiz Emiliani, Raimundo da Cunha Leite e Floriano Leandrini



Luiz Emiliani (ao telefone) com amigos, na edição de 1998 da Festa das Nações, esta realizada também pela prefeitura de São Caetano

Presidindo sessão na Câmara Municipal de São Caetano, na condição de presidente, em 2000



Registro oficial de seu período como presidente da Câmara Municipal, no biênio 1999/2000



Recebendo o cargo de prefeito de São Caetano interinamente das mãos do prefeito Luiz Olinto Tortorello durante licença deste e de seu vice, Sylvio Torres (ao fundo), em 5 de outubro de 2000

991 votos, insuficientes para a recondução à vereança. Foi sua última disputa.

Nos anos seguintes, Emiliani continuou se dedicando à farmácia, ao Rotary, aos amigos e principalmente à família. Corinthiano inveterado, frequentava estádios, assistindo aos jogos do time do Parque São Jorge desde jovem, adorava falar de futebol em suas horas vagas, principalmente ao lado da esposa, dos filhos e netos, nas reuniões familiares e no sítio da família.

Era um verdadeiro *paizão* e gostava de reunir a família, sendo uma pessoa agregadora, sociável e querida por todos. Conseguiu sucesso em todas as áreas da vida. Foi homenageado pela

Câmara Municipal em 2014 ao receber título de Cidadão Sul-sancaetanense em sessão solene em homenagem aos 65 anos do Legislativo local e, em 2017, ao receber a Medalha dos Autonomistas, dedicada a personalidades que contribuíram para o desenvolvimento do município.

Luiz Emiliani faleceu aos 89 anos, em 27 de julho de 2018, um dia antes do 141º aniversário de São Caetano, deixando esposa, dois filhos, quatro netos e uma bisneta. Ainda hoje quem passa próximo de seu estabelecimento farmacêutico, na Rua Amazonas, lembra com carinho da figura amável de Luizinho da Farmácia, como era conhecido. ■
(Caio Bruno) _____

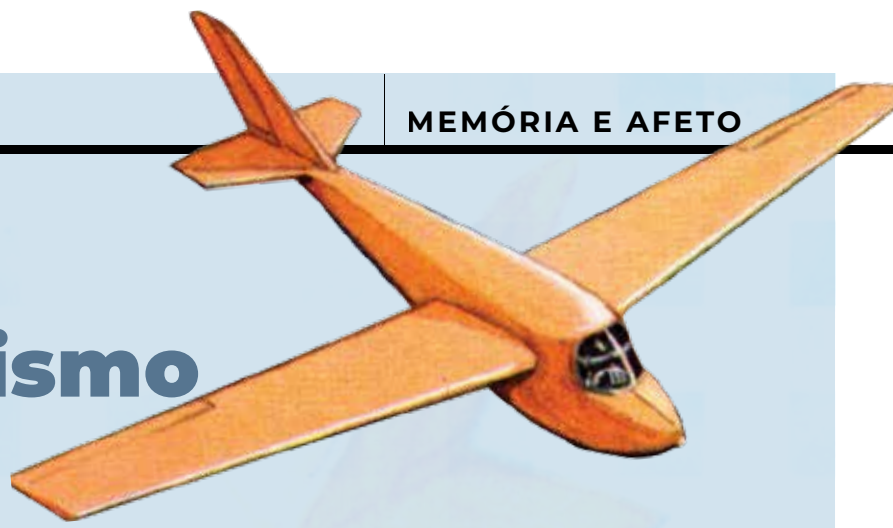


Luiz Emiliani com a esposa Irene e a bisneta do casal, Manuela



Almoço em família, realizado no ano 2000. A partir da esquerda, vemos: Luiz Emiliani Junior, Luiz Emiliani, Irene, Marli (sobrinha), Hilda e Evelyn (nora)

A pista de aeromodelismo DA CIDADE



A **RELAÇÃO DO SER HUMANO** com o espaço pode criar memórias afetivas. Muitos lugares nos despertam emoções, lembranças, aromas que ficam marcados em nossa memória para sempre. E quando bate aquela saudade de um lugar especial que já não existe mais? Buscar fotografias antigas é um recurso para reter o tempo em nossas lembranças cheias de apegos.

Acervo/FPMSCS



Pista de aeromodelismo na década de 1970

Acervo/FPMSCS



Raízes passará a revisitar alguns lugares de São Caetano do Sul que não existem mais. Damos início a esta seção com a pista de aeromodelismo da cidade, criada pelo decreto nº 3.268, de 17 de março de 1969, e que recebeu o nome de Giacomo Benedetti Sobrinho. Localizada no Bairro São José, passou a sediar o Clube de Aeromodelismo da cidade, sendo muito frequentada pelos interessados em observar a prática. O arquiteto Mamor Sugo foi o responsável pelo projeto do local.

Desde o início do ano 2000, a pista foi transformada no Parque Catarina Scarparo D'Agostini, até hoje ali instalado, e que funciona como um anexo do Espaço Verde Chico Mendes. ■

Evento de aeromodelismo realizado na pista na década de 1990

Os calções de couro de um índio de São Caetano - 1760

 José de Souza Martins

FOI EM UM SÁBADO, dia 28 de setembro de 1760, que o padre-gastador do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, dispendeu a quantia de Rs. 2\$240 (dois mil e duzentos e quarenta réis) em “uns calções de couro para um administrado de S. Caetano”. Era muito dinheiro, em se tratando de vestuário para um índio em regime de servidão. A roupa do escravo e do índio administrado era sempre barata e feita de algodão. Em um período de cem anos, foi a única vez em que houve registro de despesa com semelhante vestimenta.

Calção era a veste masculina comum dos escravos, como se vê em anotação de maio de 1760, quando foram gastos 80 réis, quatro vinténs, menos de um tostão, na compra de “linhas d’oeiras para coser os calções dos escravos”. Era uma espécie de ceroula.

É bem possível que o vestuário de couro, aqui raro, estivesse relacionado com o tipo de trabalho realizado por quem o usava, o trato do gado. Na segunda metade do século 18, os pastos da Fazenda de São Caetano eram a invernada do gado trazido da fazenda beneditina de Curitiba. A pecuária era uma das fontes de recursos para manutenção do mosteiro.

Segundo registros do arquivo do Mosteiro de Tibães, em Portugal, em 26 de fevereiro de 1754, a Fazenda de São Caetano tinha, no pasto, 70 cabeças de gado, entre machos e fêmeas, além de dez cavalos e éguas. Em 27 de março de 1769, havia nela 63 cabeças de gado *vacum*, o que incluía 14 bois mansos de carro, sem contar os bezerros nascidos no ano. Foram amansados cinco bois, além de cinco animais comprados já mansos. Eram bois de serviço, para tração de carros, especialmente os que traziam da jazida o barro utilizado na fabricação de louças, telhas, lajotas, tijolos e outros produtos cerâmicos.

Pelos números do rebanho e pelo fato de que a maior parte do gado era bravia, pode-se intuir o motivo da vestimenta de couro para o índio administrado da Fazenda: a proteção do trabalhador no pastoreio. O que sugere a qualidade difícil dos pastos.

Ainda em 1907, pelo que se vê em uma notícia de homicídio no morro do Penteado, hoje Heliópolis, em São Paulo, que fez parte de São Caetano até 1889, nos pastos doados por Fernão Dias Paes, agregados à fazenda beneditina do Tijucuçu em 1671, havia capões de matos, o que tornava adverso o trato do gado.

Devido à natureza juridicamente peculiar da sesmaria do capitão Manoel Temudo, no século 17, antecessor de Fernão Dias, os pastos do Tijucuçu eram de “comum uso público”, o que não ocorria com os capões de matas. Portanto, não era do



Rio Tamanduateí, em 1910, nas proximidades da Várzea do Carmo e do antigo Porto Geral de São Bento, destino das canoas da Fazenda de São Caetano, que eram conduzidas por índios barqueiros.

que o das sete ou oito mil cabeças de gado que o mosteiro, um século antes, poderia apascentar nos pastos do Tijucuçu. Era o que alegava Francisco Velho de Moraes, em 1660, que nesse ano pedia de volta os pastos do curral da Mooca, para acomodar os filhos adultos, pastagens que arrendara aos monges de São Bento. Ainda em 1668, o litígio não estava resolvido.

Ali nascera a futura Fazenda de São Caetano, na margem esquerda do ribeirão da Mooca e na margem direita do Rio Tamanduateí, antes de ser o curral transferido para o Tijucuçu, na parte do território que mais tarde seria São Caetano.

No Tijucuçu, tinham os beneditinos agora, dizia à Justiça o querelante que pedia o despejo, as terras que iam do Rio Tamanduateí até a Borda do Campo, à margem direita do atual Rio dos Meninos. Elas lhes haviam sido doadas em 19 de setembro de 1631, pelo capitão Duarte Machado, herdadas de seu sogro, Paulo Rodrigues. Eram remanescentes de sesmaria obtida por Garcia Rodrigues, pai deste último, ainda na época da vila de Santo André da Borda do Campo, extinta em 1560 (único

interesse do sesmeiro suprimir os capões para inteirar os pastos, pois isso os integraria às terras do comum.

Duplicidade que se manifestou, em 1883, quando Paulo Hamellin, engenheiro da São Paulo Railway, cercou terras de pasto nesse lugar, em proveito próprio, e ali construiu casa, o que provocou a revolta dos posseiros das terras, cerca de 30, herdeiros dos direitos de seu uso. Aliás,

todos presos e processados. Foram defendidos pelo advogado Carlos Garcia, ativo participante da Irmandade e da festa de São Caetano nos meses de agosto. Hamellin era influente, aparentado com generais do Exército. Em consequência da rebelião, chegou a ter escolta.

De qualquer modo, na época da compra do calção de couro para o índio de São Caetano, era o rebanho muito menor do

remanescente territorial precisamente identificado do tempo da vila de João Ramalho).

Na época da compra dos calções de couro para o índio administrado de São Caetano, em 1760, a organização do trabalho da “gente de S. Caetano” já estava bem estabelecida. O registro documental relativo ao seu traje de trabalho acrescenta uma informação esclarecedora sobre a divisão do trabalho entre as duas escravidões na época vigentes no Brasil, e também aqui na região, a dos índios administrados sujeitos à servidão, e a dos escravos negros, de origem africana, escravos-mercadoria, sujeitos ao cativo e à compra e à venda.

No começo da segunda metade do século 18, negros de origem africana começaram a chegar a São Caetano. Mas, ainda em abril de 1750, eram eles apenas dois, portanto um único casal, com quatro filhos. Os índios administrados eram 15, entre homens, mulheres e crianças.

Os negros propriamente ditos dedicavam-se preferencialmente ao trabalho na fábrica de produtos cerâmicos, constituída de três fornos. O chamado “forno pequeno”, para queima da louça vidrada, produzia cerca de meio milheiro de cada vez: 592 peças, em 1767, e 496 peças, em 1768; e os dois fornos grandes para telhas, tijolos e lajotas.

Através das anotações do Livro da Mordomia, dos séculos 17

e 18, é possível ter uma ideia razoavelmente clara de quais eram as funções que no serviço da Fazenda também tinham os indígenas. Em São Caetano, além da lavoura e do trato do gado, eles são mencionados como canoeiros da frota de três canoas, que, em meados do século 18, faziam o transporte regular de produtos da fábrica beneditina de louças, telhas, tijolos e outras peças de cerâmica, entre o porto da Fazenda e o Porto Geral de São Bento.

Essa navegação regular já era antiga. Em 1698, o Mosteiro gastara 12 mil réis em uma canoa para o serviço da fazenda. Pelo preço, muito provavelmente uma canoa grande, pois em junho de 1758, por “uma canoa pequena para conduzir a telha de S. Caetano no tempo de poucas águas no rio”, o padre-gastador pagaria 6\$400 (seis mil e quatrocentos réis). Canoa grande era grande mesmo, segundo observação de um abade, cerca de dez metros de comprimento.

Em junho e julho de 1686, meses de frio, em duas ocasiões, o Mosteiro enviou duas medidas de aguardente para “os negros do Tujucuçu” e para “os oficiais carapinas e à gente do Tujucuçu”. No ano seguinte, em agosto, novamente no tempo do frio, mandam pano de algodão “para todos os servos que estão no Tujucuçu”. Em julho de 1691, ainda no inverno, mandam “três

medidas de aguardente para os negros que levantaram as casas no Tijucuçu”. Negros era a designação dos negros da terra, isto é, dos servos indígenas.

O nome tupi do lugar começava a assumir forma mais definida na pronúncia e na escrita em português, um século e meio depois da fundação de São Paulo. Ainda que oscilando entre Tujucuçu e Tijucuçu, por conta do som da pronúncia da primeira sílaba, entre *tu* e *ti*, na verdade, nem uma nem outra, era um som intermediário. Cem anos antes, a documentação oficial registrava a pronúncia indígena original *TuyucuSu*, quando ainda não se usava o cê-cedilha, mas adotava-se a consoante maiúscula na sílaba tônica para indicar o som que mais tarde será indicado pelo cê-cedilha. E o jota indígena ainda não tinha o som aportuguesado do *gê*, mas o de um *i*. Portanto, *Tuiucuçu*, mais próximo da língua geral que ainda se falava por aqui.

Tanto o jota quanto o cê viviam a incerteza das palavras em uma época em que a vestimenta dos desvalidos ainda era o calção. Muita história social contida em meras palavras. ■

José de Souza Martins é sociólogo, membro da Academia Paulista de Letras, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Entre outros livros, autor de *Diário de Uma Terra Lontana* (Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul), *A Sociabilidade do Homem Simples* (Contexto) e de *O Coração da Paulliceia ainda Bate* (Editora da Unesp/Imprensa Oficial).

Notas sobre cultura e migração



☰ Lilian Crepaldi

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.¹

MIGRAR FAZ PARTE DA HISTÓRIA. Dos primeiros homens que viviam em constante dependência das variações da natureza aos contemporâneos refugiados de guerra, sair do local de nascimento em busca de melhores condições de vida é uma constante. Quem se desloca, desloca consigo suas memórias, e as reconstrói para sobreviver nas novas condições, necessariamente diferentes daquelas às quais estavam habituados. O local de chegada sempre impõe novas vivências. Migrar é mudar de localidade, mas, sobretudo, mudar as percepções.

Em São Paulo, no século 19, as novidades se impunham já no navio. Atravessar o Atlântico

era um empreendimento difícil, repleto de sofrimentos, como a falta de higiene e comida. Muitos morreram no caminho, sobretudo crianças.

Apesar de a convivência com outras famílias, às vezes de diferentes grupos culturais, nem sempre ser amigável, diversos imigrantes da época apontam o estabelecimento de fortes laços de solidariedade com quem enfrentava a mesma jornada a caminho do desconhecido. Para o migrante, vive-se, concomitantemente, em dois tempos: o do local de origem e o da chegada.

Na Hospedaria dos Imigrantes, o novo, mais uma vez, se impunha. Conviver nos alojamentos, pátios e refeitórios, po-

rém, era necessário antes de ser encaminhado ao destino final: as enormes fazendas de café.

No caso dos migrantes, externos e internos, as mudanças culturais iniciavam-se na travessia, não somente de um continente para outro, mas, sobretudo, do certo para o incerto, da realidade concreta – na maior parte das vezes, a realidade da pobreza –, para a virtualidade da pujança. Guimarães Rosa dizia:

Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! — só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou (...) o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.²

Parte-se do seguinte conceito de migração, estabelecido pela Organização Internacional para as Migrações em seu Glossário:

Movimento de população para o território de outro Estado ou dentro do mesmo que abrange todo movimento de pessoas, seja qual for o tamanho, sua composição ou suas causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desarraigadas, migrantes econômicos.³

O mesmo glossário insere o migrante em todos os casos em que a decisão

de migrar é tomada livremente pela pessoa em decorrência (concernida) de “razões de conveniência e sem a intervenção de fatores externos que a obriguem. Desta forma, esse termo se aplica às pessoas e a seus familiares que vão para outro país ou região com vistas a melhorar suas condições sociais e materiais, suas perspectivas e de seus familiares.⁴

Já o *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores* afirma que:

o uso do termo *migrante* (no lugar de *imigrante*) e *migração* (no lugar de *imigração*) nos permite enfatizar as dimensões múltiplas tanto de movimento, trânsito e fluidez quanto de temporalidades e motivações que marcam as migrações contemporâneas e que podem variar em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais.⁵

Além da crise econômica, dos desastres naturais e das guerras, há diversos outros motivos para emigrar, como trabalho e estudo. De acordo com o relatório *International Migration and Development*⁶, os migrantes não provocam muitos impactos nos salários e empregos da população local em geral, mas sim naqueles com pouca qualificação. Normalmente, os migrantes aceitam as ocupações que, quem já estava no local, evitava.

Quem chega, nem sempre sonha em voltar. Mas sonha,

sempre com o melhor para sua vida e a de sua família. Para isso, quais relações estabelece com os moradores que lá já estavam? Quais decepções sofrem? Há ou não mestiçagem⁷ cultural no encontro?

A cultura é composta de várias camadas e não podemos analisar somente sua superfície. A mestiçagem e a variação, por conseguinte, estão sempre presentes. A ideia de cultura, por exemplo, se transformou e se transforma a cada dia, gerando múltiplas interpretações. De acordo com o historiador Fernand Braudel,

História e Sociologia são as únicas ciências globais, suscetíveis de entender sua curiosidade a não importa que aspecto do social. A história, na medida em que é todas as ciências do homem no imenso domínio do passado, a história é síntese, é orquestra. E se o estudo da duração sob todas as formas lhe abre, como penso, as portas do atual, então ela está em todos os lugares do festim. E aí se encontra regularmente nos costados da sociologia, que também é síntese por vocação e que a dialética da duração obriga a se voltar para o passado quer ela queira, quer não.⁸

Toda história é naturalmente híbrida, real e forjada. “História – da história vivida e memorizada e da história científica com base em documentos.”⁹ Ao corroborar este posicionamento, e compreender que a Comuni-

cação Social precisa de outras Ciências Humanas para ser mais bem compreendida e analisada, recorreu-se a autores de diferentes campos para formar um panorama sobre cultura. A palavra cultura é uma das mais complexas e está sujeita a múltiplas interpretações. Somando-se a isso, “os processos culturais são lidos em chaves distintas”, conforme complementa García Canclini.¹⁰

Da cultura como oposto à natureza, da dialética entre artificial e natural, entre o dado e o criado, o antropólogo inglês afirma que “a natureza produz cultura que transforma a natureza”¹¹, ou seja, se a natureza elabora formas de se superar, não é possível pensar em cultura somente neste viés dual e determinista, pois “os seres humanos não são meros produtos de seus ambientes”¹². Apesar de o humano fazer parte da natureza que o criou, ele é alterado e altera a própria natureza cotidianamente, mesmo que de forma imperceptível.

Alfredo Bosi¹³ ressalta a importância da natureza como parte constituinte da cultura, sobretudo se considerarmos as tradições populares: “as fases da lua, as partes do dia, os ciclos biológicos da mulher, as idades da vida humana, dando a todos um peso, uma qualidade, um significado, cujo conhecimento é parte integrante da sabedoria popular em toda parte do mundo.”¹⁴

Essa relação com a natureza, na maioria das vezes, faz alusão

(...) a relação humano-natureza-cultura sempre estará presente, independentemente do grau de desenvolvimento da população.

Procura-se, por meio da ciência, controlar os fenômenos naturais, mas o incontrolável é também imprevisível e interfere em várias esferas da vida.

a povos de “raízes”, ou seja, sem ou com pouco contato com as cidades. Entretanto, no centro ou na periferia, na América ou na África, aqui ou ali, a relação humano-natureza-cultura sempre estará presente, independentemente do grau de desenvolvimento da população. Procura-se, por meio da ciência, controlar os fenômenos naturais, mas o incontrolável é também imprevisível e interfere em várias esferas da vida.

Por conseguinte, a semântica da palavra cultura alterou-se de acordo com as próprias mudanças históricas e sociais da humanidade ao longo do tempo, sendo a cultura “uma questão de auto-superação tanto quanto de auto-realização.”¹⁵

Em *Palavras-chave*, Williams destrinchava a palavra e seus significados com uma amplitude bem maior, perpassando ideais de várias ciências, da filosofia à comunicação. E avisa: não há um sentido verdadeiro ou adequado para a palavra. Ele acreditava na complexidade dos sentidos:

Em geral, o que é significativo é o leque e a sobreposição de sentidos. O complexo de significados indica uma argumentação complexa sobre as relações entre desenvolvimento humano geral e um modo de vida, e entre ambos e as obras e práticas da arte e da inteligência.¹⁶

Cultura tem a ver com as práticas vividas, conforme pre-

conizava Stuart Hall¹⁷, para quem as culturas estão sempre em movimento, em processo de reelaboração e transformação contínuas. Sempre há algo mais em jogo nos estudos da cultura, principalmente a política.

Já García Canclini passa de uma definição operacional de cultura - “os processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”¹⁸- para um entendimento mais complexo e, por que não dizer, latino-americano, mestiço e contemporâneo. Passou-se de um mundo multicultural para um mundo intercultural e globalizado. Enquanto no primeiro se aceita o diferente, o heterogêneo e a diversidade, o que pode levar a segregações, no segundo, na realidade intercultural, “os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos.”¹⁹

Tanto semelhanças quanto diferenças são construídas socialmente e, é somente a partir desta compreensão, que é possível uma sociedade intercultural. Mais do que a mera crítica das diversas

Ciências Sociais, é preciso que o pesquisador também saiba mostrar os esforços de convivência. Dessa forma,

a estranheza da alteridade e a recusa de sua diferença muitas vezes se formam ao irmos depositando características que negamos na nossa vida para proteger a coerência da nossa imagem (...) Conhecer nossa alteridade reprimida, admitir o que nos é inaceitavelmente próprio e que desafogamos no migrante, no diferente ou no transgressor – isto pode servir para libertar as forças libidinais positivas e as convergências culturais que nos aproximam dos outros. Pode tornar visíveis as semelhanças e talvez nos integrar apesar das diferenças. Talvez nos habilite a passar da exclusão à conexão, à intercomunicação. Finalmente, ao se reconhecerem as diferenças como construídas, é possível desfazê-las ou modifica-las. Não são fatais.²⁰

A cultura é
dinâmica e seu
dinamismo
expressa-se
nas relações
sociais e suas
representações,
textuais e
imagéticas.



O intercultural proposto por García Canclini percebe as negativas, as carências, quem não pertence ou não possui. Para o autor, colocar-se no lugar do outro não é saber quem somos. O esforço do autor é para entender os fracassos políticos e, para isso, é preciso revisar ideias consolidadas e propor novos conceitos. “Para entender cada grupo, deve-se descrever como se apropria dos produtos materiais e simbólicos alheios e os reinterpreta.”²¹

A cultura é dinâmica e seu dinamismo expressa-se nas relações sociais e suas representações, textuais e imagéticas. Apesar de ao longo de seus estudos ter demonstrado confiança no potencial transformador da diversidade cultural, Stuart Hall, referência nos estudos culturais e um dos primeiros autores a falar de híbridos, mostrava-se pessimista em sua última entrevista antes de morrer, concedida ao jornal *The Guardian*, em fevereiro de 2012.

Na entrevista ressaltava o papel do receptor na mídia.²² A leitura não é estática e está condicionada aos modos de vida dos leitores dos textos culturais. Os significados atribuídos a uma mensagem são resultado da negociação mental do próprio leitor. Ou seja: a mensagem não chega exatamente da forma como pensada e operada pelo emissor. “A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra

ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear.”²³

Pinheiro²⁴ retoma os estudos de Alejo Carpentier e lembra as simbioses, as transmutações e os códigos múltiplos na América Latina. Para Carpentier, o latino-americano é original desde o princípio, mesmo antes do encontro com o europeu e da posterior coerção cultural. “Já éramos originais de direito e de fato, muito antes que o conceito de originalidade nos fosse dado como meta.”²⁵

Para Carpentier, existe, sim, uma identidade latino-americana, e sua base de formação é barroca, já que exibe os opostos, a antítese. “Toda simbiose, toda mestiçagem, engendra um barroquismo.”²⁶ O barroquismo seria, neste contexto, uma das vias possíveis de análise para as culturas da América Latina. A mestiçagem formulada por Pinheiro faz referência à mistura de culturas diversas e “não há uma hierarquia entre diferenças, não se busca uma relação de poder.”²⁷

A ideia da mestiçagem cultural diz que o encontro entre culturas pressupõe trocas e não imposição absoluta, sem qualquer resistência, reflexão ou criatividade. “O termo (*mestiçagem*) aqui não remete à cor, mas a modos de estruturação barroco-mestiços que acarretam, pela confluência de materiais em mosaico, bordado e labirinto, outros métodos e

modos de organização do pensamento.”²⁸

Isso não significa afirmar que não haja dominação, tendo em vista que as culturas não se encontram de forma equiparada. Por outro lado, não podemos aceitar a noção de destruição completa do outro: o outro persiste, insiste, modifica-se e mostra sua presença de maneiras múltiplas. A cultura sobrevive sempre de modo conflituoso. ■

Notas

- ¹ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004, p.33.
- ² ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.52.
- ³ GLOSSÁRIO SOBRE MIGRAÇÃO. *Organização Internacional para as Migrações*, 2009, p.38.
- ⁴ Idem, p.41.
- ⁵ COGO, Denise Maria & SOUZA, Maria Badet. *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores: Migrantes no Brasil*. Bellaterra: Instituto Humanitas Unisinos, Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013, p.12.
- ⁶ Idem, p.2.
- ⁷ O pesquisador Amálio Pinheiro estuda o caráter mestiço das culturas da América Latina. Ver: PINHEIRO, Amálio. (Org.). *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- ⁸ BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.99.
- ⁹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990, p.72.
- ¹⁰ GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, p.15.
- ¹¹ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005, p.12.
- ¹² Idem, p.14.
- ¹³ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- ¹⁴ Idem, p.325.
- ¹⁵ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005, p.15.
- ¹⁶ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007, p.122.
- ¹⁷ HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2006.
- ¹⁸ GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, p.41.
- ¹⁹ Idem, p.17.
- ²⁰ Idem, p.266.
- ²¹ Idem, p.25.
- ²² WILLIAMS, Zoe. *The Saturday interview*. Stuart Hall. *The Guardian*. 11.fev.2012. Disponível em: www.theguardian.com/theguardian/2012/feb/11/saturday-interview-stuart-hall Acesso em: 10.maio.2014.
- ²³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.334.
- ²⁴ PINHEIRO, Amálio. (Org.). *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p.10-11.
- ²⁵ CARPENTIER, Alejo. *A literatura do maravilhoso*. São Paulo: Vértice, 1987, p.36.
- ²⁶ Idem, p.121.
- ²⁷ PINHEIRO, Amálio. (Org.). *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p.34.
- ²⁸ Idem. Introdução. In: PINHEIRO, Amálio. (Org.). *Comunicação e cultura*. Campo Grande: UNIDERP, 2007, p.10.

Lilian Crepaldi

é doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), mestre em Ciências da Comunicação (USP) bacharel em Jornalismo (UMESP) e bacharel e licenciada em História (USP). É professora universitária na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e na Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom) e repórter de cultura. É autora do livro *Babel nas terras alagadiças: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul*, publicado pela editora Gênio Criador.

FERNANDO PIVA



Retrato de
Fernando
Piva na
década de
1950

FERNANDO PIVA é o nome de uma Escola Municipal de Educação Infantil localizada na Rua Cavaleiro Ernesto Giuliano, nº 1050, no Bairro Olímpico, inaugurada em janeiro de 1968, e também de uma rua, localizada no Bairro Cerâmica.

Acervo/PMSCS



Fachada da EMEI Fernando Piva
no final da década de 1960

Piva nasceu em 28 de julho de 1897, na cidade de Pedreiras (Maranhão). Chegou a São Caetano do Sul em 1924, onde desempenhou intensa atividade política e social. A partir da década de 1930, passou a integrar o grupo de teatro amador do São Caetano Esporte Clube, participando de inúmeras peças. Foi proprietário de um escritório de contabilidade e adquiriu a Empresa de Transportes Coletivos Monte Alegre. Ainda no mesmo decênio, foi subdelegado de polícia, juiz de paz e diretor da Coletoria Estadual. Muito interessado pela política, foi um dos líderes do movimento autonomista de São Caetano. Na década de 1950, jogou futebol no São Paulo Futebol Clube, esporte ao qual muito se dedicou. Casou-se com Julia Capuzzo Piva, com quem teve três filhas: Juracy, Jacyra e Jandyra. Faleceu no dia 17 de fevereiro de 1964. ■

Acervo José De Mattei



Ana Chiumo De Mattei com os filhos Giro De Mattei (em pé, nascido em 1942) e José De Mattei (nascido em 1944), na residência da família no Bairro do Brás, em São Paulo, em 1946. No mesmo ano da foto, a família mudou para São Caetano, instalando-se na Rua São Paulo, em trecho próximo da Avenida Vital Brasil Filho



Nicola De Mattei, pai de José De Mattei, com sua neta Sandra, em foto de 1968, na casa da família, em São Caetano



José De Mattei com sua esposa Ana Maria De Mattei. O casamento aconteceu no dia 22 de outubro de 1966, na Igreja Matriz Sagrada Família. Na foto, o casal segura a filha Sandra Regina De Mattei Perrella, nascida em 1967. A família de José De Mattei residia no mesmo endereço de seus pais, onde ficaram até a década de 1970



Escudo do União Jabaquara Futebol Clube, cujo campo localiza-se na Avenida Prosperidade, nº 800

75 anos de dois patrimônios do esporte sul-são-caetanense

 Rodrigo Marzano Munari

EM 15 DE MAIO DE 1944, foi fundado o Clube Atlético Tamoyo. Naquele mesmo ano, em 20 de julho, comemora seu nascimento o União Jabaquara Futebol Clube. Ambos completam, em 2019, seus 75 anos de existência na cidade de São Caetano do Sul. Ambos nascidos em torno do futebol, pelo e para o futebol, suas trajetórias compartilham espaço com as dos diversos clubes e times amadores que fazem parte da história do município – e não apenas de seu intenso e movimentado passado esportivo, mas também dos modos de ser, viver, entreter e socializar de seus habitantes.

Em meados da década de 1940, quando o Tamoyo e o Jabaquara foram criados no então distrito de Santo André (São Caetano ainda não tinha sido elevada à condição de município), a imagem do “país do futebol” estava sendo construída e recebia fortes estímulos dos círculos governantes da época, sendo propagandeada graças à cooperação de alguns notáveis intelectuais. O futebol seria então apresentado como uma das marcas da identidade nacional brasileira – e isto por conta de algumas características que seriam próprias do futebol brasileiro, do *jeito brasileiro* de jogar, marcado pelas influências das “raças” e etnias que, miscigenadas, compõem o “povo brasilei-

ro”. Gilberto Freyre, um dos maiores formuladores dessa visão, já em 1938 apontava, em artigo denominado *Foot-ball mulato* e publicado no *Diário de Pernambuco*, que a contribuição do elemento de origem africana teria sido fundamental para tornar o “nosso futebol” – o brasileiro – único em razão de certas peculiaridades:

O nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual (...). Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses (...), tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.¹

Enquanto se criava o “futebol, paixão nacional”, esse esporte era praticado cotidianamente nos muitos espaços vazios, nos diversos campos de terra que existiam no atual território sul-são-caetanense, justificando plenamente que a ele se desse o nome de “futebol de várzea”, sobretudo naquela São Caetano cortada por rios e terrenos alagadiços. No começo da década de 1940, disputava-se aqui o chamado “Campeonato Varzeano” dirigido pela Liga Santoandreense de Futebol, com subliga localizada em São Caetano. Os clubes de futebol tinham dois times – primeiro e segundo quadros – que jogavam, sempre aos domingos à tarde, em campos geralmente bastante precários, como escreveu Narciso Ferrari: “isso, porque eles não possuíam alambrado, tampouco qualquer demarcação de cal que representasse as áreas e a linha divisória do meio-campo, nem mesmo havia redes nos gols”.² Além disso, diferenciava-se do futebol atual quanto à formação dos quadros: goleiro, dois zagueiros, três médios e cinco avantes, estes incumbidos de fazer gol. Com seus toques de bom-humor, Manoel Claudio Novaes conta que se costumava adotar a terminologia inglesa, “se bem com a pronúncia bastante alterada. Aportuguesada. *Goal-Keeper* que deu goleiro, mas que para nós era gortipa mesmo; *beques*; *half* direito, *half* esquerdo e *center-half*. Para nós eram os alfos; o *center-forward* era o center-flor”.³ Apesar das agruras, da pobreza e das condições precárias, não se pode negar que, naquele tempo (mais do que hoje), as “bolas improvisadas, os pés descalços, o solo irregular aperfeiçoavam o domínio da bola e a criatividade”; daí se poder dizer que, em certa medida, o futebol é esporte da carência.⁴

Outra característica desse futebol de outrora era que se tratava de um elemento de integração da comunidade, tendo em vista que “o esporte era vivido como uma atividade de bairro, vivida de forma coletiva pela comunidade ali situada”; tornando-se, mais do que uma modalidade esportiva, um meio de afirmação e apropriação física e simbólica do espaço varzeano pelos ítalo-brasileiros e seus clubes⁵, então instalados no distrito sancaetanense. Com efeito, em São Caetano, os clubes, na maioria das vezes, representavam seu bairro e não tinham sede própria, pois que, geralmente, seu ponto de reunião era o bar cujo proprietário era presidente ou dirigente do clube.⁶ Exemplo disso é a sede social do próprio Tamoyo que, de 1946 a 1968, aproximadamente, esteve situada em três bares (a primeira foi no porão de um bar na Rua Oswaldo Cruz, que depois tomou o nome de Tamoyo) e em uma residência, até que fosse transferida para a Rua Tenente Antônio João, nº 70, e para a Rua São Paulo, nº 200, onde até hoje se localiza.⁷

Em maio de 1944, uma equipe de futebol denominada Juvenil Brasil reuniu-se na então Vila Gonzaga, atual Bairro Oswaldo Cruz, e decidiu oficializar a criação de um clube para disputar os campeonatos realizados pela Liga de Santo André. Assim nasceu o Clube Atlético Tamoyo, que no início não tinha

Outra característica desse futebol de outrora era que se tratava de um elemento de integração da comunidade, tendo em vista que “o esporte era vivido como uma atividade de bairro, vivida de forma coletiva pela comunidade ali situada”

campo nem sede. Participava apenas de partidas de futebol em campos adversários, com times da cidade ou de fora. Por volta de 1948, com a emancipação político-administrativa e a consequente criação do município de São Caetano do Sul, o Tamoyo conseguiu seu primeiro campo, cedido pela empresa proprietária

por tempo determinado, na confluência das ruas Morumbi (atual Av. Dr. Augusto de Toledo), Caputira (atual Rua Nossa Senhora de Fátima) e Bertolino Cunha.⁸ O clube atuou em outros campos até que tivesse o seu próprio construído no terreno da Rua São Paulo, nº 200, durante a gestão de Antônio José Dall’Anese (presidente do clube de 1965 a 1969), que teve papel relevante na construção da nova sede.⁹

Em sua segunda gestão à frente do município de São Caetano do Sul, entre 1973 e 1977, o prefeito Hermógenes Walter Braido colocou em prática o *Planesporte*, projeto que, entre outros objetivos, visava fundir os vários clubes existentes na cidade (havia, por vezes, diversos em um mesmo bairro) para reduzir o número de agremiações e possibilitar a construção de centros esportivos em cada bairro. Em 11 de novembro de 1973, foi concretizada a fusão entre o Clube Atlético Tamoyo e o Clube São Bento, daí resultando o Clube Recreativo Esportivo Tamoyo, cujo primeiro presidente foi Pedro Domingos Sasso.¹⁰ Inaugurado no mesmo lugar em que havia o campo de futebol (Rua São Paulo, nº 200), o CRE Tamoyo (atual Centro Esportivo Recreativo Pedro Furlan) passou a oferecer uma variedade de práticas esportivas: futebol, futebol de salão, basquete, judô, handebol, ginástica, balé



Time campeão do Tamoyo na divisão principal do campeonato da cidade, no ano de 1971. Da esquerda para a direita, vemos: Sebastião Toledo (técnico), Pedro Sasso (presidente), e os jogadores Taíde, Peru, Joel, Vagner, Zeca, Néo e Mário Romano (massagista). Agachados: Fernando, Paulinho, Sauá, Canhotinho e Eduardo

e as escolinhas infantis de diversas modalidades, inclusive as de natação; além de tornar-se centro de atividades sociais, onde se realizam festas e bailes.

Sebastião Toledo, que foi jogador, técnico, dirigente e presidente ao longo de diferentes momentos da trajetória do clube, foi também um dos fundadores do Tamoyo (e hoje dá nome a seu centro social). Seu filho, Vagner Toledo, jogador (desde 1966) que vestiu a camisa do time em suas vitórias históricas nos campeonatos da cidade¹¹, durante entrevista realizada em abril de 2019, contou-nos um pouco a respeito dos bastidores do primeiro título (na categoria principal) alcançado pelo clube

em São Caetano: “O Tamoyo tem uma história muito bonita e sempre foi um time respeitado em São Caetano. Porque sempre foi time bom, mas quando chegava ao fim dos jogos... Um dos motivos que me fizeram brigar para o Tamoyo ser campeão foi ver meu pai chorar. Na década de 1950, o Tamoyo foi vice-campeão de São Caetano de 1950 a 1959. Um dia porque o goleiro se vendia, um dia porque o juiz roubava, um dia porque o técnico inventava... E o Tamoyo foi nove vezes vice-campeão, mas nunca tinha sido campeão. Até que foi campeão em 1971, 27 anos depois (da fundação do clube). Foi seu primeiro título. Estava o clima de euforia da vitória do Brasil

na Copa de 1970. Antes disso o Tamoyo já era um clube muito respeitado e grande, mas sempre afinava na hora da decisão, tinha uma torcida elitizada, que não era de brigar tanto... Isso existia muito no futebol antigamente. O Tamoyo não era de briga, era um time de futebol. E foi campeão em 1971, 1973, 1974, 1980, 1981 e em várias outras ocasiões”.

Dentre os maiores rivais do Tamoyo nos campeonatos locais, um deles justamente se destacava por uma das mais fortes e populares torcidas de São Caetano; não por acaso conhecido como o “Leão da Vila Prosperidade”, com suas cores vermelho e amarelo. O União Jabaquara foi fundado em 20 de julho de 1944 após cisão com outro time local, o Vila Prosperidade Futebol Clube,

equipe mais antiga, já existente desde 1929. A histórica rivalidade entre os dois clubes manteve-se forte, pelo menos, até o início dos anos 1970, como relatou Inácio Gandolpho (ex-presidente da Sociedade Amigos do Bairro local e depois dirigente do Centro Recreativo), no ano de 1976, em comentário transcrito pelo jornalista Ademir Medici: “Era uma rivalidade maior que a existente entre o Corinthians e o Palmeiras. Na semana que antecederesse um jogo entre os dois times, o comentário era só um na Vila. Ninguém falava em outra coisa. Nada mais importante existia do que o clássico”.¹²

Com os esforços dos fundadores e da comunidade local, em relativamente pouco tempo o Jabaquara pôde constituir sua sede social e tornou-se um dos clubes de maior número de torcedores em toda a região do ABC, disputando, com êxito, os campeonatos amadores de Santo André, nos quais obteve diversos títulos. Cumpre destacar que, em 1949, quando foi instalado o município de São Caetano do Sul, a então Vila Prosperidade não foi incorporada a ele. Os clubes, como o Vila Prosperidade e o União Jabaquara, foram também, como escreveu Medici, as primeiras formas de organização popular do lugar, visto que se engajavam com o objetivo de divulgá-lo,

Time campeão do Tamoyo, no ano de 1974. Da esquerda para a direita, vemos: Sebastião Toledo (técnico), Alan, Zé Pretinho, Vagner, Português, Anhô, Edson, Moacir Zucatelli. Agachados: Mário Romano (massagista), Valdir, Alemão, Naná, Canhoto e Ramon. Último jogador agachado, não indentificado



Acervo/FPMSCS

Esportistas que fazem parte da história do Tamoyo desde sua criação, em 1944. Da esquerda para a direita: Chiquinho, Romera, Benedito, Mezadri, Pedro, Neraldo e Antonio



Acervo/FPMSCS



Fachada do Clube Recreativo Esportivo Tamoyo, atual CER Pedro Furlan – Tamoyo, localizado na Rua São Paulo, nº 200, no Bairro Cerâmica

“através do esporte e de atividades sociais, e de chamar a atenção para os problemas que existiam no bairro”.¹³

Os problemas eram tantos que, em 1963, um plebiscito realizado no local decidiu (por maioria dos votos dos moradores) que o bairro fosse desanexado de Santo André e incorporado a São Caetano, o que oficialmente ocorreu em 1967. Desde então o Jabaquara passou a disputar os campeonatos promovidos pela Liga Sancaetanense de Futebol, e assim, conforme Alberto do Carmo Araújo, “continuou sua marcha vitoriosa de conquistas inesquecíveis, firmando-se, seguramente, como o clube de uma das maiores torcidas da cidade”.¹⁴

Em 1972, durante a gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei, foi criado o Centro Recreativo Esportivo União dos Amigos do Bairro Prosperidade (Creua), fruto das fusões entre o Vila Prosperidade, o Jabaquara e a Sociedade Amigos local. Mas os jabaquarenses antigos não se conformaram com a extinção de seu tradicional clube, um dos mais importantes da cidade e da região. Em junho de 1981, eles se organizaram e refundaram o clube com o nome de Sociedade Esportiva Recreativa (SER) União Jabaquara, habilitando-o a voltar às disputas e novamente apresentar-se vitorioso em várias ocasiões, ajudado pela mesma animada e por vezes fanática torcida que sempre o acompanhara.¹⁵

Finalmente, em 4 de dezembro de 1989, o Jabaquara serviu de instrumento para a criação de uma equipe profissional na cidade, por iniciativa do então prefeito Luiz Olinto Tortorello, com apoio de centenas de esportistas e da comunidade sul-são-caetanense. Nessa ocasião, o Jabaquara concordou e alterou sua denominação para Associação Desportiva São Caetano, isto é, cedeu sua razão social para inscrição da A.D. São Caetano, que tem o Estádio Municipal Anacleto Campanella como seu campo oficial.¹⁶

Isso aconteceu, segundo Altevir Vargas Anê (na época, assessor de gabinete da prefeitura)¹⁷, por exigência da Federação Paulista de Futebol, já que, para filiar-se, a entidade deveria ter partici-

pado dos três últimos campeonatos amadores da cidade e estar filiada à Liga Sancaetanense de Futebol. Assim, o Jabaquara fez surgir no futebol profissional a A.D. São Caetano. Mas o “Leão da Vila Prosperidade” não desapareceu e voltou com força ao cenário esportivo regional, pois já em 29 de dezembro daquele ano a Sociedade Esportiva Recreativa União Jabaquara, sem deixar de ser o antigo e tradicional Jabaquara Futebol Clube, foi refundada – e veio a receber das mãos do prefeito Tortorello o sonhado estádio distrital, denominado Roberto Righetto, atual Campo do Jabaquara (Avenida Prosperidade, nº 800).¹⁸

Muitas são as histórias por trás das conquistas e dos títulos alcançados por esses dois tradicionais clubes da cidade, Tamoyo e Jabaquara, cujas trajetórias se confundem com as atuações de tantas pessoas (aqui não citadas, mas que merecem o devido crédito) que dedicaram suas vidas não só aos clubes ou ao esporte (ao futebol, em particular), mas também às suas comunidades, às antigas vilas e atuais bairros que fazem parte do município de São Caetano. É preciso não esquecer que, embora seja costume destacar as vitórias, ambos os clubes comemoram 75 anos de lutas, entraves e dificuldades (de toda ordem) para se sustentarem e sobreviverem como espaços atuantes nas localidades. Fazer memó-



Reunião da primeira diretoria do CRE Tamoyo em 1973. Na foto, podem ser identificados, da esquerda para a direita: Osvaldo Ricci, Antônio Romera, João Fiori, Sebastião Toledo, Pedro Sasso, Antônio José Dall’Anese, Juracy Oliveira Rocha, Julio Narciso e Ademar Siorilli

Acervo/FPMSCS



Jabaquara recebe faixa de campeão de São Caetano do Sul, na categoria principal, no ano de 1979. Ao centro, vê-se Alberto do Carmo Araújo (Giba)

Acervo/FPMSCS



Time do Jabaquara Futebol Clube, na década de 1980. Em pé, podem ser vistos: João Mulinha, Nieto, Zé Leite, Robertão, Gilberto, Reginaldo, Paulinho, Celsinho, Didi, Gera, Sr. Mané. Agachados: Zé Carlinhos, Beto, Lalo, Binha, Nilton, Joãozinho, Luizinho e Ildefonso. Foram campeões na categoria principal do campeonato da cidade, em 1979



Então prefeito Luiz Olinto Tortorello entrega troféu para Francisco Nieto, treinador e depois presidente do Jabaquara, durante campeonato municipal amador de 1989

Acervo/FPMSCS

Troféus conquistados pelo Clube Jabaquara em suas vitórias nos campeonatos da cidade



Acervo/Altevir Vargas Anhe

ria é olhar para o passado com os olhos de hoje e, portanto, com a consciência voltada para os problemas com que nos deparamos e as conjunturas em que vivemos. Por seus percursos, seus êxitos e, sobretudo, sua importância para a coletividade, comemorar os aniversários do Tamoyo e do Jabaquara é também desejar-lhes vida longa e criatividade para subsistirem como espaços promotores do esporte e da sociabilidade em São Caetano do Sul. ■

Notas

- ¹ - FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato*. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 143, ano 113, p. 4, 17 jun. 1938. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (<http://bdigital.bn.br/hemeroteca-digital/>).
- ² - FERRARI, Narciso. Futebol varzeano da cidade teve época marcante nos anos 40. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, dez. 1998, p. 41.
- ³ - NOVAES, Manoel Claudio. "Jogando" futebol. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991, p. 27.
- ⁴ - JÚNIOR, Hilário Franco. Brasil, país do futebol? *Revista USP*, São Paulo, n. 99, set/out/nov. 2013, p. 48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/5861>
- ⁵ - SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. São Paulo: dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo (USP), 2013, p. 153.
- ⁶ - FERRARI, Narciso. Futebol varzeano da cidade teve época marcante nos anos 40. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, dez. 1998, p. 42.
- ⁷ - CRE Tamoyo completa 58 anos. *Tribuna do ABCD*, São Caetano do Sul, 2002. Recorte de jornal cedido para consulta por Vagner Toledo, a quem agradeço pelos materiais emprestados.
- ⁸ - *Ibidem*.
- ⁹ - *Ibidem*. Cf. também: Tamoyo disse adeus ao "tabu" de 27 anos. Foi o campeão. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 23 jan 1972, p. 19. Recorte de jornal cedido para consulta por Vagner Toledo.
- ¹⁰ - PERDIGÃO, Nelson⁹ Há quatro décadas, o Planesporte dava novo rosto ao esporte de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 49, jul. 2014, pp. 76-81.
- ¹¹ - Cf. ARAÚJO, Alberto do Carmo. Com mais de 50 anos, o Tamoyo é um dos clubes mais antigos da região. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 13, jul. 1995, p. 66-67.
- ¹² - MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993, p. 523.
- ¹³ - *Ibidem*.
- ¹⁴ - ARAÚJO, Alberto do Carmo. Jabaquara: um clube com mais de meio século de tradições e glórias. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, dez. 1998, p. 37-38.
- ¹⁵ - *Ibidem*.
- ¹⁶ - LAGE, Ana Luisa; SALVADORI, Talita Scotã. São Caetano: uma cidade com vocação para o esporte. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 54, dez. 2016, p. 16.
- ¹⁷ - Entrevistado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em abril de 2019. A ele devo meus agradecimentos pelo constante auxílio prestado durante a realização da pesquisa que resultou no presente artigo.
- ¹⁸ - ARAÚJO, Alberto do Carmo. Jabaquara: um clube com mais de meio século de tradições e glórias. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, dez. 1998, p. 39-40.



Comemoração da equipe e dos torcedores do União Jabaquara Futebol Clube, campeão invicto no ano de 2002

Rodrigo Marzano Munari

é historiador. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), onde atualmente é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social. É membro da Comissão Pró-Memória Histórica da Diocese de Santo André e colaborador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atuando na área de pesquisa.

Coutinho, um craque desfilando sua categoria em São Caetano

Renato Donisete Pinto

Acervo/Diário da Grande ABC
Foto/João Colavatti

Equipe do Saad Esporte Clube durante partida com o Santos, realizada em 14 de janeiro de 1973, em São Caetano. Em pé, da esquerda para direita, aparecem: Oscar, Celso, Arnaldo, Joel Camargo, Fininho, Flávio e Clodoveu Beolchi. Agachados, estão: José Peres, Dorval, Coppini, Coutinho, Márcio e Waldir



NO DIA 11 DE MARÇO DE 2019 FALECEU COUTINHO, um dos maiores atacantes do futebol brasileiro e mundial. O dono da camisa 9 foi parceiro do Pelé naquele fantástico ataque do Santos Futebol Clube, da década de 1960. No início de 1973, ele atuou em São Caetano do Sul pelo Saad Esporte Clube.

Antônio Wilson Honório, ou simplesmente, Coutinho, filho de Waldemar e Antonia, nasceu no dia 11 de junho de 1943, na cidade de Piracicaba, no interior paulista. Começou a jogar futebol nas equipes de base do Palmeirinha de sua cidade natal quando tinha de 11 para 12 anos. Em maio de 1958, chegou ao Santos e se tornou o mais jovem jogador a vestir a camisa oficial do time principal com apenas 14 anos!

Em pouco tempo conquistou o mundo com aquela equipe fantástica, ao lado do rei do futebol. Na década de 1960, formou o “quinteto mágico” do ataque santista. Este grupo era formado por Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Ficaram na memória as famosas “tabelinhas” com o Pelé que, invariavelmente, resultavam em gols para a equipe santista.

Coutinho foi o terceiro maior artilheiro do clube, com 370 gols em 457 jogos. Ganhou seis títulos paulistas (1960, 1961, 1962, 1964, 1965 e 1967); quatro Torneios Rio - São Pau-

lo (1959, 1963, 1964 e 1966); e quatro vezes a Taça Brasil (1961, 1962, 1963 e 1964). Foi bicampeão da Copa Libertadores da América (1962 e 1963) e do Mundial Interclubes (1962 e 1963), além de alcançar títulos em diversos torneios internacionais. Foi artilheiro na maioria dos campeonatos dos quais participou.

Além do alvinegro praiano, o atacante teve rápida passagem por outros clubes. Vestiu a camisa do Vitória da Bahia (1968), da Portuguesa de Desportos (1969), do Atlas do México (1971) e do Bangu (1972). Encerrou a carreira de jogador de futebol profissional em São Caetano do Sul, defendendo o Saad Esporte Clube.

Pela seleção brasileira, Coutinho disputou 15 jogos oficiais e marcou seis gols. Só não foi titular na Copa do Mundo de 1962, no Chile, pois teve uma contusão às vésperas do mundial e ficou no banco de reservas. Vestiu a camisa verde-amarela de junho de 1960 até 21 de novembro de 1965, conquistando cinco títulos para o Brasil: Taça do Atlântico (1960); Taça Osvaldo Cruz (1961/1962); Taça Bernardo O’ Higgins (1961); Campeonato Mundial no Chile (1962); e Taça Roca (1963).

Passagem pelo Saad E.C. - Graças a um convite do presidente Felício Saad, antes de

encerrar sua carreira de jogador, o atacante Coutinho teve uma breve passagem por São Caetano do Sul, no começo de 1973, atuando pelo Saad Esporte Clube.

Saad queria montar uma grande equipe para projetar o nome do clube e disputar a divisão especial do Campeonato Paulista. Para tanto, além de Coutinho, Saad também trouxe para a equipe sul-são-caetanense os consagrados ídolos santistas Joel Camargo (quarto-zagueiro) e Dorval (ponta direita), que também defenderam a seleção brasileira por diversas vezes. Dorval vestiu a camisa do Saad E.C. por 12 partidas (um gol) e Joel Camargo por seis oportunidades (um gol).

A estreia de Coutinho (como também de Joel Camargo e Dorval), com a camisa do Saad E.C., aconteceu no dia 14 de janeiro de 1973, num amistoso frente ao seu ex-clube, o Santos Futebol Clube. O estádio do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida ficou cheio para ver o empate de 2 a 2, com direito a um gol do atacante estreante. Coutinho marcou aos 32 minutos do primeiro tempo. Os outros gols foram feitos por Oscar (contra), Marçal e Coppini.

Sob o comando do técnico Baltazar, o Saad atuou com Fininho; Celso, Flávio, Oscar e Arnaldo, Joel Camargo e Már-

cio; Dorval, Coppini, Coutinho (Mário) e Waldir (Fernandes). A equipe santista entrou em campo com Willians; Altivo, Paulo, Marçal e Turcão; Pitico e Iaponam (Roberto); Manoel Maria (Leacir), Arlindo, Eusébio e Ferreira. Era também a estreia de Arlindo Fazolin no Santos,

que após três meses de empréstimo, retornaria para São Caetano do Sul defendendo o Saad E.C..

Coutinho participou de dez jogos durante os seis meses os quais atuou no Saad. Só não jogou mais devido a um estiramento muscular que sofreu. Mesmo assim conseguiu marcar cinco

gols e mostrar toda sua qualidade técnica e seu belo futebol. Seu último compromisso com a camisa alviceleste foi no dia 3 de junho de 1973, em um amistoso, em Rio Claro, contra a equipe local. Em São Caetano do Sul, o torcedor nunca presenciou uma derrota com o craque em campo.

JOGOS DO COUTINHO PELO SAAD E.C.

14/1/1973

Saad E.C. 2 x 2 Santos F.C. (Santos/SP) – Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, em São Caetano Amistoso (Coutinho fez um gol);

21/1/1973

Saad E.C. 1 x 0 A.A. Portuguesa (Santos/SP) Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, em São Caetano Torneio Laudo Natel;

18/2/1973

Paulista F.C. (Jundiaí/SP) 1 x 3 Saad E.C. Estádio Jaime Cintra, em Jundiaí (SP) Amistoso (fez dois gols);

25/2/1973

Saad E.C. 2x2 A. Ferroviária E. (Araraquara/SP) Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, em São Caetano Amistoso (fez um gol);

11/3/1973

Saad E.C. 3 x 2 Marília A.C. (Marília/SP) Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, em São Caetano Amistoso;

18/3/1973

Saad E.C. 4 x 0 A.E. Velo Clube (Rio Claro/SP) Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, em São Caetano Campeonato Paulista – primeira divisão (fez um gol);

25/3/1973

São José E.C. (São José dos Campos/SP) 1 x 0 Saad E.C. Estádio Martins Pereira, em São José dos Campos (SP) Campeonato Paulista - primeira divisão;

1/4/1973

E.C. Vasco da Gama (Americana/SP) 2 x 2 Saad E.C. Estádio Victório Scuro, em Americana (SP) Campeonato Paulista - primeira divisão;

8/4/1973

A.E. Velo Clube (Rio Claro/SP) 2 x 1 Saad E.C. Estádio Benedito Agnelo Castellano, em Rio Claro (SP) Campeonato Paulista - primeira divisão;

3/6/1973

Rio Claro F.C. 2 x 3 Saad E.C. Estádio Municipal de Rio Claro Amistoso.

Após encerrar a carreira de jogador, só voltou a trabalhar com futebol em 1977, utilizando sua experiência como treinador. Voltou para São Caetano do Sul em 1992, desta vez para treinar a Associação Desportiva São Caetano por um curto período de tempo sem nenhuma derrota. Como comandante da A.D. São Caetano disputou cinco partidas do Campeonato Paulista, da divisão intermediária:

3/5/1992 –

Sertãozinho 1 x 1 A.D. São Caetano

10/5/1992 –

A.D. São Caetano 1 x 1 Jalesense

17/5/1992 –

A.D. São Caetano 2 x 0 Fernandópolis

24/5/1992 –

A.D. São Caetano 2 x 2 Taquaritinga

7/6/1992 –

A.D. São Caetano 0 x 0 Votuporanguense ■

Flagrante da partida entre o Saad E.C. e a Portuguesa Santista, realizada em São Caetano, no dia 21 de janeiro de 1973, pelo Torneio Laudo Natel. Coutinho é o quarto, em primeiro plano, a partir da esquerda (uniforme branco)

Agradecimentos

Cecília Del Gesso (Banco de Dados do Diário do Grande ABC) e José Pires Maia (Zezé).

Referências Bibliográficas

DIOGO, Julio Bovi; PINTO, Renato Donisete; Stella Jr, Rodolfo Pedro. *Almanaque do Saad Esporte Clube – 1961-1992*. São Paulo: Edição dos autores, 2019.
GOLACÃO de Coutinho com a "9" do Saad. *A Gazeta Esportiva*. 16 jan. 1973.
SCHINNER, Carlos Fernando. *Coutinho: o gênio da área*. Santos-SP: Realejo, 2012.
72 ANOS DE HISTÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA. *Revista Placar*. São Paulo: Editora Abril, 1986.

Renato Donisete Pinto

é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul, é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos autores, 2019).



Bairro da Fundação
 Bairro Centro
 Bairro Santo Antonio
 Bairro Santa Paula
 Bairro Barcelona
 Bairro Olímpico
 Bairro Oswaldo Cruz
 Bairro Cerâmica
 Bairro Boa Vista
 Bairro Santa Maria
 Bairro Jardim São Caetano
 Bairro Nova Gerty
 Bairro Mauá
 Bairro Prosperidade
 Bairro São José

Você conhece
 a Vila Ressaca?



Os bairros da cidade

OS BAIRROS DE SÃO CAETANO DO SUL foram organizados da maneira como conhecemos hoje no ano de 1968. O decreto municipal nº 3.064, de 15 de fevereiro, estabeleceu a divisão em 15 partes.

Muitos anos antes disso, quando a expansão urbana teve início, a cidade era dividida em vilas e loteamentos, em número de cerca de 150. O Bairro Barcelona, por exemplo, foi a junção das vilas Ressaca e Barcelona; já o Bairro Nova Gerty nasceu das vilas Gisela, Nova, Gerti, Palmeiras, Angelo Ferro, Leormínia, Marlene, Checchia, São Francisco e Aurora. ■

Fonte
 Medici, Ademir. *Migração e Urbanização: A presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.*

Acervo Alberto Sidekerskis



Equipe do Paulistano Futebol Clube, da Vila Barcelona, na final do Campeonato de Futebol de São Caetano do Sul da segunda divisão, realizada no dia 12 de dezembro de 1965, no estádio do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. O Paulistano F.C. foi campeão, vencendo o Universal Futebol Clube por 3 a 1. A equipe do Paulistano atuou com Valter; Freitas e Zé Júlio; Mundoca, Juba e Sinésio; Guido, Wilson, Alemão, Sabará e Portugêis

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Doação Alberto Veiga Potas



Kateryna Potas e Alexander Potas seguram o neto Alberto Veiga Potas, em foto de outubro de 1986, na residência da família, na Alameda São Caetano. O casal de poloneses chegou a São Caetano em 1947. Tiveram três filhos: Sérgio, Walentyna e Vera Alexandra. Alberto, nascido em 24 de março de 1986, é filho de Sérgio e Maria da Graça Faria Veiga. A família continua residindo em São Caetano

A partir da esquerda, vemos: Maria da Graça Faria Veiga, Kateryna Potas, Alberto Potas e Alexander Potas. Sérgio, filho de Kateryna e Alexander, nascido em 2 de maio de 1955, está em primeiro plano, no chão. Foto de janeiro de 1988




O BAIRRO BARCELONA JÁ TEVE UMA VIDA NOTURNA AGITADA E DISPUTADA. Depois daquele primeiro período em que reinou em seus domínios a lanchonete SNO, no início dos anos 1980 (mencionada em artigo de minha autoria publicado na revista *Raízes* nº 58), a tradicional vila voltou às vacas magras no quesito “balada da noite”. Claro, ainda havia a presença do imponente Buso Palace, casa de shows e bailes fundada em 1976, na época ainda em plena atividade, mas a “boemia aberta”, aquela das ruas, calçadas e estabelecimentos de portas abertas, vivia uma visível entressafra.

Restou, por um bom tempo, a velha panificadora Canoa e a sorveteria na esquina das ruas Taipas e Oriente. Até que ali pela segunda metade da década, por culpa do famigerado bilharzinho da tarde, eu e alguns amigos da turma descobrimos um boteco grande, espaçoso e com uma bela mesa verde no centro: o mesmo bar que em pouco tempo teria o nome de Chaplin e tiraria o sono do diretor/professor/ator Milton Andrade (falecido em 2009, aos 72 anos), vizinho do estabelecimento, na mesma calçada da Avenida Goiás.

Barcelona



 Marcos Eduardo Massolini

Notívaga

Durante sua atribulada existência, o Chaplin passou por diversas fases e vários donos – e teve frequentadores assíduos e persistentes como eu e o Átila, dupla que “absorveu” todas as etapas. Mas naquele primeiro momento, o Chaplin ainda não era Chaplin, apenas um simpático botequim, com bilhar, azulejo na parede e cebolinhas em conserva, frequentado por metalúrgicos da redondeza

em retiro de lazer pós-turno puxado. A gente aparecia para um jogo e um tira-gosto vez em quando – eu, Marcio, Quequé, Lupa, Fran, Maguila, Wirtão, João Alfredo, Neno – até que em um belo dia topamos com o local em reforma. Foi a reviravolta.

Do dia para a noite, surgiu, no número 3.261 da Avenida Goiás, o Chaplin, primeiramente bolado como “lancheria” pelos

proprietários Zete e Miro, e, depois, capitaneado por dois casais – Marcão, sua esposa, o cunhado e a cunhada –, com som ao vivo, balcão americano, mesas em dois ambientes... Um barzinho noturno no melhor estilo e que até então a “Barcela” ainda não tinha abarcado em sua história.

O início foi difícil – as turmas do bairro não estavam acostumadas com este tipo de estabeleci-



Desenho a caneta retrata Betinho Moraes e Marcelo Mazuras, no Chaplin Bar. Autoria e data desconhecidas

mento – mas, aos poucos, tanto no boca a boca quanto na curiosidade dos passantes, a casa pegou fama. Figuras novas, sumidos e chegados do bairro surgiram no pedaço e ocuparam os espaços. E, desde o começo, o Átila deu uma força no som ao vivo, cantando Elvis Presley, rock dos anos 1980, músicas próprias e rock clássico.

A Turma do Ponto (devidamente perfilada em *Raízes* nº 58) se dispersava. Comecei a bater cartão no Chaplin e fiz novas amizades. Conheci o grande Grama, professor, cervejeiro e filósofo, que ficava horas no balcão com o jornalista Marcelo Mazuras - meu amigo diluviano - em um embate sem fim sobre Palmeiras x Corinthians. Conheci também o Aires e o Correia.

O primeiro era quietinho, na dele, até beber seu primeiro *drink*. A partir daí, o Aires virava o Marinheiro, desbravador dos sete bares, apreciador de tesouros escondidos e carros envenenados. Já o Correia foi uma das pessoas mais misteriosas que surgiram por estas plagas: o sujeito não bebia e tinha uma con-

versa totalmente desconcertante, entre o tom conservador e aventureiro, repleta de investigações mirabolantes e ações heróicas. O fato é que ninguém sabia nada da sua vida. Alguns achavam que ele era detetive disfarçado e os mais férteis até cogitavam estar ali um agente da CIA (agência de inteligência norte-americana) ou coisa parecida. Na minha humilde opinião ele era mesmo um baita de um ator. Outra presença marcante era o Marqueta, um dos bons amigos da Turma do Ponto, que vinha direto do trabalho, na General Motors, sempre de gravata e terno.

Neste ínterim, a direção do Chaplin mudou de mãos: Marcão e sua tropa, totalmente “família” e sem cacoete para aturar boêmios insistentes, passaram o bastão para a dupla Alemão e Tigui. Estes sim, acostumados com a *night*, seus prazeres e seus perigos (eles mesmos, frequentadores do local). Do bairro, apareciam nessa fase, além do Lupa, Quequé, Celeste, Neno, Marcelo Mazuras, Dinho, Romano, Edson Fotógrafo, Pig, Ieié e agregados;

Munir, Alemão, Dió e alguns da turma do Idalina, entre outros.

O Edson Fotógrafo, que tinha a profissão como apelido, merece um breve perfil: morador de uma vila na Avenida Goiás, idade próxima dos 50 anos, judeu, gostava de beber *arak* e, entre suas manias, tinha o hábito de comer duas cabeças de alho no desjejum. Além de sua total falta de vírgulas e pontos em conversas infundáveis, que deixavam seus ouvintes zonzos, embora estupefatos diante de sua cultura.

A turminha dos frequentadores assíduos ia crescendo: Belinho, Carlão, La Bamba, Vera e Mário. A ferveção prosseguia. O som continuava a toda, com Átila à frente, mas também com apresentações especiais (Tinho, Pan, Duó, Fabrício, Betinho Moraes). Um músico que se fixou foi o Ricardão, de São Paulo, polivalente baterista que já tocara na *Hino Mortal*, histórica banda punk. Outro que fez história na casa foi o incrível Luciano Lammenda (aquele pra quem vendi meu bongô nos tempos dos festivais do Idalina, também co-

Átila e banda
no palco do
Chaplin Bar



Acervo/Átila Raglia

Ricardão, Átila,
Satan e amigos
na entrada do
Chaplin Bar



Acervo/Átila Raglia

nhecido como Tatu), que assumiu a chapa e elaborou lanches fenomenais e gigantes, que fizeram estrondoso sucesso e alcançaram fama além-bairro.

No auge do Chaplin, nova mudança: Alemão e Tigui passam a bola para dois novos sócios, Gladys e Magno. O primeiro era o vizinho do Égon e do Vevé, na Rua Alegre; o segundo morava na Vila Liviero, em São Paulo, e trabalhava com o Gladys na Mercedes-Benz, em São Bernardo. Na mesma época surgiu uma vocalista de nome Benê, com a cara e os trejeitos da Marina, e que logo fez sucesso com suas performances, quase sempre acompanhada da dupla Átila & Ricardão.

Outro músico que aparecia, e ia ficando, era o Betinho Moraes, falecido em 1994. Ex-guitarrista do Devotos de Nossa Aparecida, grupo do VJ e apresentador Luiz Thunderbird, tinha entrado na banda *psychobilly* de São Caetano Kães Vadius e adorava ser o último cliente a sair do recinto – apanhava um violão e enquanto passavam o rodo ao seu lado, ia desfilando nas cordas todo o seu repertório eclético, de Cartola a Jimi Hendrix, de Elvis Presley a Novos Baianos.

Eu já frequentava o bar, por baixo, há uns quatro anos e me sentia cada vez mais “em casa”. Quando o Magnão, lá do balcão, me avistava cumprimentando o povo na calçada antes de adentrar o recinto, já colocava no mesmo instante uma *old song* dos Rolling Stones, fazendo com que minha entrada fosse sempre triunfal. Uma vez, conheci um cidadão que se autointitulava Mick e era só olhar para sua boca e sua magreza para imediatamente o sobrenome Jagger se juntar ao conjunto da obra. Como eu tinha já fama de ser “o maior fã dos Rolling Stones” do pedaço, foi só uma questão de tempo para que propusessem um duelo – não com espadas ou armas – mas com caras, caretas e movimentos performáticos, tendo ao fundo o clássico sessentista *Satisfaction*. Bem no meio do bar, entre cadeiras, mesas e espectadores inflamados, o

Mick me deu uma lavada, fazendo da minha interpretação um “chinfrim” simulacro. Mas a farra valeu.

O balcão próximo à cozinha ganhava agora novos integrantes: além do *derby* Grama x Mazuras, compareciam Denis Animal (baterista do Kães Vadius), sua irmã Tânia, a amiga Regina e Wilsão (o primeiro punk que vi na vida, no início dos anos 1980).

Simultaneamente ao Chaplin Bar, o penúltimo quarteirão da Rua Conselheiro Lafayette também vinha se transformando já há alguns anos. No final da década de 1980, apresentava uma sequência considerável de bares, graças ao fluxo de uma geração elétrica de estudantes do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano Sul (Imes), atual Universidade Municipal (Uscs). Bar do Japonês, Taberna, os dois botecos de esquina da Rua Joana Angélica (que ainda existem), um outro sem nome, o trailer de lanches e o bar dos Lammenda (Tutaia) – eis os *points* que fervilhavam e apinhavam de gente, principalmente de quinta a domingo, a outrora pacata Barcelona. Essa movimentação reverberou nas redondezas e propiciou a inauguração de novas casas como o Dentro da Lei (depois Dida’s), na Avenida Goiás, com shows de bandas de rock locais, e o Rancho, na Rua Alegre, com gastronomia e coquetéis únicos.

Mas nada se comparou, em imponência e importância cultural, ao Marina’s Bar, na esquina da Rua Joana Angélica com a Conselhei-

Folheto do Chaplin, da década de 1980

CHAPLIN BAR

apresenta:



TODAS AS SEXTAS E SÁBADOS
COM BENÊ, ÁTILA E RICARDÃO.

VOCÊ NÃO PODE PERDER !!!

Av. Goiás, 3261 - São Caetano do Sul.

ro Lafayette, bem em frente a um dos velhos botecos. O bar era totalmente fechado e lá dentro a luz era suave, quase meia-luz, o que lhe dava ares de pub. O garçom, também músico (e hoje em dia *luthier*), era o Helio, sobrinho do famoso professor de música da Barcelona, João Viola. Mas o principal e o que diferenciava o local do trivial eram suas atrações.

Graças à audácia e às boas relações artísticas do dono, Valtão (Valter Polido), grandes personalidades da música brasileira passaram pela

casa, como Zé Ketí, Belchior, Ná Ozzetti, além de conjuntos instrumentais consagrados. Eu, particularmente, vi a Ná Ozzetti ao vivo e fiquei sabendo do Zé Ketí. Quanto ao Belchior, não só o vi cantando, como testemunhei, pelo menos por duas vezes, sua presença como espectador, acompanhado de amigos em uma mesinha apertada do bar.

Em momentos diferentes, arrastei pra lá grandes amigos: Átilla, Luiz, Lupa, Égon, Ana, Magrão, Rogério, Valmir, Marela e Mazuras. Aliás, lembro muito bem de



Tinho (o primeiro, à esquerda), La Bamba (agachado) e turma no Dida's Bar, na década de 1990



Em primeiro plano, o casal Solange e Magno (com a filha Natália no colo) e Mário, no Chaplin Bar, em 1993

uma noite em que estava no Marina's, com o Luiz e o Átila e, ao voltar do banheiro, presenciei uma cena surreal: em mais uma de suas motivações existenciais, Átila empunhava a Bíblia e discutia acaloradamente sobre religião com membros da mesa ao lado. Com grande persuasão, ele fez a turma vizinha compartilhar a nossa mesa pelo resto da noite e desfiou desde assuntos polêmicos do Velho Testamento até comprovações científicas acerca do apocalipse.

O Marina's não durou muito, o que foi uma pena... mas logo, em seu lugar, surgiu uma choperia, que também marcaria a história daquela esquina... O Bierglas foi erguido no lugar do Marina's e era exatamente o seu oposto. No lugar de meia-luz, claridade excessiva e terraço com vista para a rua; em vez de clima intimista, festa e explosão; números musicais suaves foram substituídos por rock de telão e eventuais sons ao vivo, com a predominância do pop e do samba; no lugar de *drinks* mais elaborados,

chopp, muito chopp. Mas, independente das diferenças, logo a casa carimbou sua identidade forte entre os nossos e rapidamente viramos "sócios".

No comando, o polivalente Chichão. Os garçons preferidos eram o Maradona (que depois reencontraríamos no Rudge Ramos) e o Orlando, velho chapa do bairro. Os comparsas eram os de sempre: Átila, Lupa, Magrão, Égon e, de vez em quando, Luiz e Rogério. Entre os novos colegas de "serpentina", Ieie (Ricardo), que tinha uma turminha de meia dúzia, quase vizinho nosso (morador da Rua Flórida) e que estudou na mesma época da minha irmã Heloísa. Fazia parte dessa ala o saudoso Nilsinho, excelente persona do bairro, que no início do novo milênio nos deixou precocemente. Um momento impactante na calçada em frente ao Bierglas foi uma conversa entre Edson Fotógrafo e Mário, que descambou para a política, adentrou a noite e a madrugada e só foi interrompida com a entrada triunfal do caminhão de lixo.



Folder do Marina's Bar, do final da década de 1980

“Pois foi só bater o olho na Cristina – eu no balcão, bebericando uma cuba libre, e ela atrás do balcão, na minha frente, lavando louça –, que toda essa minha resistência ruiu como um castelo de cartas.”

Enquanto isso no Chaplin, que atingia seu ápice com a gestão Magno-Gladys, a música continuava rolando solta, com performances arrebatadoras de músicos locais, principalmente de Pan, Fabrício, Denis e companhia, que arrebatavam com a versão de *Freedom of Expression* (do grupo Jim Bowen Pickers), aquele mesmo tema instrumental que abre o programa *Globo Repórter* até hoje. Antes dos shows “de verdade”, eu tinha o costume de inaugurar os trabalhos no pequeno palco com algum *rap* feito algumas horas antes, ou paródias de músicas famosas. Nesses momentos *stand up*, quem sempre participava da bagunça era o Ricardão, na bateria.

Foi nessa mesma época que passei por um susto digno de filme: estava no Bar do Japonês, ao lado do então Imes, quando um lunático na calçada em frente, armado, começou a gritar e a atirar para o alto. Os frequentadores se assustaram e correram para o fundo da casa – ficamos ali até não ouvirmos

mais os tiros. Mais ou menos feito do susto, fui até o Chaplin contar para os amigos sobre o ocorrido e fico sabendo que o franco-atirador tinha passado por ali também, deixando uma marca de tiro na parede da cozinha, a poucos centímetros da chapa do Lucianinho!

No meio de tantas emoções, uma acabou marcando minha vida para sempre: foi ali, no Chaplin, que me apaixonei perdidamente pela irmã do proprietário, Magno, que aparecia para ajudar o mano nos afazeres, quando o bar fervilhava de clientes. Eu tinha fama de não me prender a compromissos – meus namoros duravam poucas semanas e minha frase predileta era: “Não me prendam, que eu sou como um pássaro”. Pois foi só bater o olho na Cristina – eu, no balcão, bebericando uma cuba libre, e ela, atrás do balcão, na minha frente, lavando louça –, que toda essa minha resistência ruiu como um castelo de cartas.

Logo em seguida ao primeiro flerte, fomos a uma das famosas excursões que o Carlão fazia para São Thomé das Letras (Minas Gerais) e cujo ponto de partida do ônibus era justamente na porta do bar. Não ficamos juntos nessa primeira viagem, mas na volta, o primeiro beijo aconteceu em uma mesa lotada de amigos ruidosos que já torciam pelo nosso namoro. Mesa no interior do Chaplin, claro.

Nessa nova turma que se formava, além da Cris e eu, tinha também o Dinho, a Andrea, o La Bamba (Roberto), o Dió, o Ricardinho, o Nilson, entre muitos

outros. As excursões para São Thomé continuaram e nosso namoro pegou no breu, num movimento inverso ao Chaplin, que, por problemas financeiros e de bastidores, teve mais uma vez uma mudança de sócios. Nossas baladas noturnas continuaram firmes e fortes, mas como a Cris morava em São Paulo e estudava em São Bernardo, frequentávamos menos a rediviva noite barcelonense, que duraria ainda alguns bons anos. Da saudosa e saudável boemia do bairro, guardo um carinho incomensurável. Foi em seu turbilhão que o amor me encontrou e perpetuou um relacionamento que já completou 26 anos, e me presenteou com dois filhos magníficos.

Hoje, o Chaplin não existe mais, nem aquele quarteirão da Conselheiro Lafayette, que foi desapropriado e absorvido pelo campus da Uscs. O bairro voltou ao seu *status* diurno, mas ainda há resquícios de boemia ao redor da universidade. Para mim, ex-boêmio que, na atual conjuntura, tem sono quando tocam as badaladas das 22h, ficam as boas lembranças e uma certeza que encontra eco na voz do saudoso Cazuzza, no LP do Barão Vermelho que acabei de colocar na vitrola. Ele que tão bem cantou aqueles tempos: “A noite nunca tem fim”. ■

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e, no ano passado, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis*.

Eleições no ABC do século 19: votantes de São Bernardo e de São Caetano em uma lista de 1847

ELEIÇÕES FREQUENTES PARA ELEITORES, juízes de paz, vereadores, deputados provinciais (às respectivas assembleias legislativas das províncias, atuais Estados), deputados gerais (à Câmara dos Deputados) e senadores faziam parte da realidade de parcela dos homens livres que habitavam as mais diferentes regiões do país ao longo do século 19.

Refiro-me, mais especificamente, ao período em que o Brasil era governado por uma monarquia constitucional e hereditária, o denominado Império do Brasil, regime estabelecido após a

Independência (1822) e fundado numa Constituição outorgada pelo imperador Dom Pedro I em 25 de março de 1824. Apesar de outorgada (e de não ter sido fruto de uma Assembleia Constituinte eleita), a Constituição consagrava princípios liberais, que vinham orientando e presidindo a construção de regimes representativos em boa parte do mundo ocidental da época. Em outras palavras, ela definia e restringia os poderes do monarca, dantes absolutos, e concedia direitos aos cidadãos, ampliando o número daqueles que podiam participar da política

e dos negócios públicos. Isso foi possível, dentre outros mecanismos, graças ao estabelecimento de corpos representativos (com atribuições legislativas), como a Câmara dos Deputados e o Senado, cujos postos eram preenchidos por meio de eleições.

Seria um equívoco pensar que uma simples freguesia do subúrbio da cidade de São Paulo, como era então a freguesia de São Bernardo, criada por resolução régia de 23 de setembro de 1812, estava (ou deveria estar) alheia a esse novo universo político-institucional. Eleições

não eram eventos excepcionais no cotidiano dessa e de outras povoações. Praticamente todos os anos havia uma eleição para um cargo eletivo, sem contar os atos preparatórios do pleito, isto é, a qualificação anual. Os moradores da freguesia qualificados para votar elegiam diretamente juízes de paz para a localidade e vereadores à Câmara de São Paulo, bem como os eleitores que deveriam escolher deputados provinciais, deputados gerais e senadores.¹ Para se compreender melhor o assunto, entretanto, é preciso observar que as eleições daquela época eram bem diferentes das atuais.

De acordo com a Constituição de 1824, as eleições para deputados e senadores eram indiretas, ou seja, o grosso da população politicamente ativa (habilitada para votar) não escolhia diretamente os seus representantes à Câmara e ao Senado. Os cidadãos ativos reuniam-se em assembleias paroquiais para escolher os eleitores de província; e estes, reunidos em colégios eleitorais, elegiam os representantes da nação e da província. O número de eleitores dado por cada freguesia e o de deputados por província, assim como o modo prático de realização das eleições, seriam estabelecidos por sucessivas leis regulamentares, que se estendem do início ao fim do Império. As alterações normativas visavam, principalmente, eliminar fraudes e corrigir numerosos

abusos que dominavam os pleitos daqueles tempos.

Fixemos aqui apenas o caso das primeiras eleições (da escolha dos eleitores), também conhecidas como eleições primárias, que aconteciam regularmente numa freguesia como São Bernardo, a qual também elegia diretamente, como determinara uma lei de 1º de outubro de 1828, seus nomes ao juizado de paz local e à Câmara Municipal de São Paulo. A freguesia ou paróquia, unidade de caráter eclesiástico, era a circunscrição básica do processo eleitoral no decorrer do século 19. Os moradores de cada paróquia deveriam votar nas eleições primárias de sua própria localidade. O or-

De acordo com a Constituição de 1824, as eleições para deputados e senadores eram indiretas, ou seja, o grosso da população politicamente ativa (habilitada para votar) não escolhia diretamente os seus representantes à Câmara e ao Senado.

denamento legal definia que só na matriz canonicamente ereta poderiam ter lugar os atos eleitorais; o processo de qualificação dos votantes deveria ser feito no consistório da igreja matriz, ou, caso este não fosse espaçoso o suficiente, no próprio corpo da igreja, onde aconteciam as votações. Nela os votantes eram chamados, um a um, com suas cédulas em mãos, diante dos membros da mesa paroquial ali constituída, presidida pelo juiz de paz mais votado do distrito da matriz; cédulas que eram recolhidas a uma urna e, posteriormente, contadas e apuradas. No dia da eleição, uma missa do Espírito Santo celebrada pelo pároco antecedia a organização da mesa eleitoral e o início dos trabalhos; findos os quais, e reunidos os homens já escolhidos para eleitores, seria cantado um solene *Te Deum*, com toda a dignidade que o ato exigia. O fato de a votação ser realizada no interior da igreja e de estar envolta em solenidades religiosas, que conferiam um atributo de sacralidade ao voto, não impedia que, em várias ocasiões, os templos fossem profanados por discussões calorosas e mesmo atos abertos de violência, haja vista que até objetos e imagens sacras podiam servir como projéteis nas mãos dos contendores políticos, amiúde homens liderados pelos chefes partidários locais.²

Mas quem poderia votar nessas eleições? Apesar de o voto



Capa da Constituição de 1824, cujos originais encontram-se no Arquivo Nacional (RJ). Nela figura o brasão do Império do Brasil

ser censitário, isto é, a despeito da exigência de certa renda líquida anual (por bens de raiz, indústria, comércio ou empregos) para alguém ser qualificado votante, alguns historiadores já demonstraram que a renda exigida era baixa e possibilitava a participação política de uma camada significativa da população masculina livre. Libertos ou ex-escravos também podiam votar nas eleições primárias, mas não podiam ser eleitos para nenhum cargo. Os escravos, dado que não eram considerados cidadãos, estavam obviamente excluídos do direito ao voto. As mulheres só obteriam o direito de votar em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, décadas após a proclamação da República (1889).

Mas havia ainda outras restrições, que são relevantes quando se considera o caso da freguesia de São Bernardo e do bairro

de São Caetano. Além dos que não tivessem a renda mínima de 100\$000 (cem mil réis), não podiam votar os que tivessem menos de 25 anos, exceto se fossem casados e oficiais militares, maiores de 21 anos, e bacharéis formados e clérigos de ordens sacras; os filhos famílias em companhia dos seus pais, salvo se servissem ofícios públicos; os criados de servir, excetuando-se dessa classe os guarda-livros, os primeiros caixeiros das casas de comércio, os criados da casa imperial, que não fossem de galão branco, e os administradores das fazendas rurais e fábricas; por fim, também estavam excluídos do voto os “Religiosos, e quaisquer, que vivam em Comunidade claustral”.³

A exclusão dos religiosos, estabelecida pela Carta de 1824, não só os proibia de participar do processo eleitoral, como também apartava das instituições políticas do Estado nascente, a meados do século 19, uma parte considerável do que se pode denominar – tomando de empréstimo os termos de José de Souza Martins – como espaço regional da freguesia de São Bernardo, isto é, a parte dela que se compunha da fazenda administrada pelos monges beneditinos; e como espaço regional do Tijucuçu, ou seja, especificamente a área compreendida pela Fazenda de São Caetano, assim denominada após a construção da capela dedicada a esse santo,

pelos beneditinos, entre 1717 e 1720.⁴ Ambas as fazendas beneditinas, como é sabido, eram povoadas por índios administrados e escravos negros, excluídos não apenas do direito de voto, mas também, e principalmente, de um direito civil básico e anterior à aquisição de qualquer prerrogativa política: no dizer do Marquês de São Vicente, conhecido analista da Constituição do Império, o “ser senhor de sua pessoa, e contar certo com seus direitos pessoais”. Não sendo senhor de si mesmo, era inconcebível que um escravo pudesse manifestar uma opinião ou uma preferência política, uma vez que os direitos políticos eram considerados “fa-

culdades ou prerrogativas” que competiam “não aos homens e nem mesmo aos simples nacionais ou simples cidadãos, mas sim e somente aos cidadãos ativos, de participar na formação do poder público e intervir no governo do Estado na forma da lei política ou constitucional”.⁵

Em realidade, no Brasil do século 19 prevalecia, com algumas nuances, uma concepção cara ao liberalismo europeu daquela época: a de que, para garantir a qualidade dos representantes eleitos, que fossem realmente preocupados com os “interesses nacionais”, seria preciso estabelecer que apenas pessoas qualificadas pudessem

votar. Elementos capazes de prover essa qualificação ou distinção do eleitorado poderiam ser, entre outros, a independência material, concretizada pela propriedade ou pela renda, e a capacidade intelectual, fornecida pela educação. Daí a adoção de critérios de limitação da cidadania política.⁶

A exclusão dos religiosos, dentre os quais os de São Bernardo e São Caetano, deve ter obedecido a argumentos dessa espécie. Não que os monges não fossem suficientemente independentes (materialmente) e cultos; ao contrário, eles se notabilizavam tanto num quanto noutro aspecto. No entanto, se



Os imperadores Dom Pedro I (que governou o Brasil de 1822 a 1831) e Dom Pedro II (1840 a 1889) em litografias de Sébastien Auguste Sisson, reunidas em sua *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (1861)



Arquivo Digital da Biblioteca Brasileira Cultura e José Mindlin

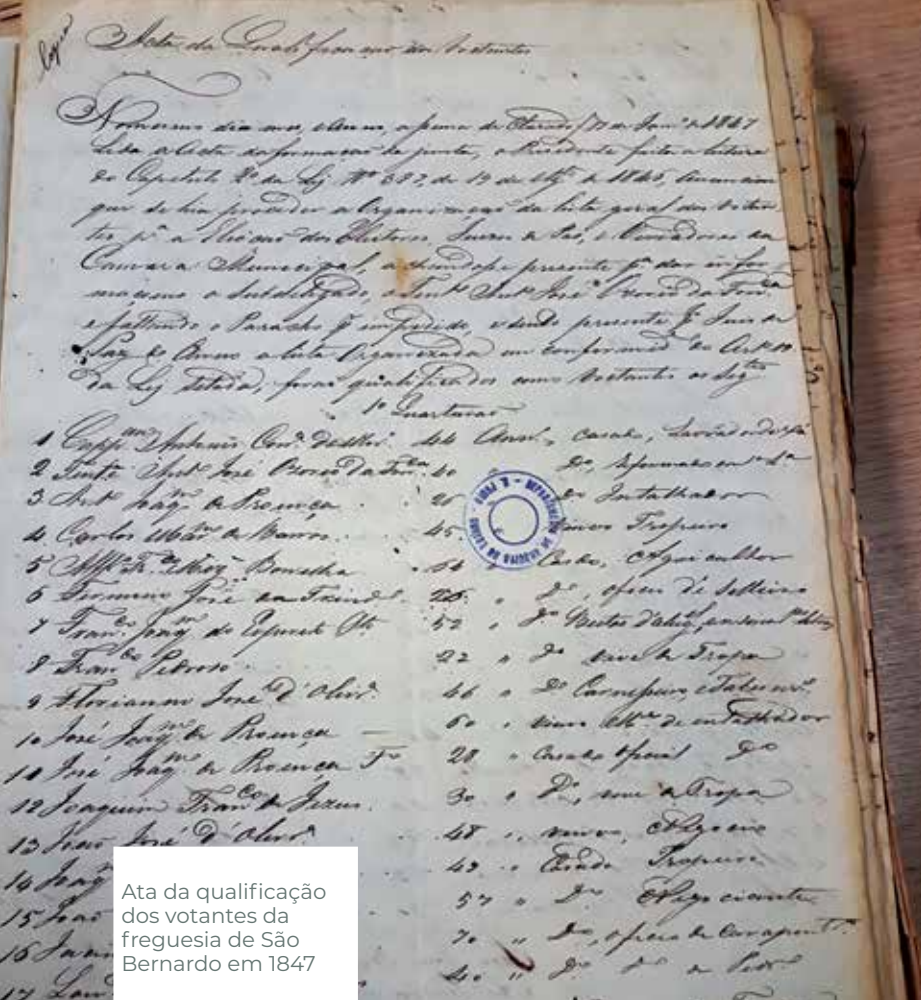
aos religiosos era negado o direito de voto, também recusado aos indivíduos sujeitos ao pátrio poder (os “filhos famílias”) e aos criados de certas qualidades, era porque lhes faltavam – ou se presumia que faltassem – algumas das “faculdades ou prerrogativas” que garantiam a certos cidadãos as habilitações necessárias para participar dos negócios públicos. Essas exigências visavam resguardar a independência do eleitor, não apenas em sentido econômico. Os clérigos regulares, assim como os monges, estavam sujeitos a voto de obediência – sendo perfeitamente de se supor que, caso participassem das eleições, eles votassem em plena conformidade com as escolhas de seus superiores.⁷ De qualquer forma, e provavelmente como decorrência de sua maior independência em relação ao Estado (maior que a do clero secular, já que bispos e padres eram nomeados e remunerados pelo governo), o clero regular foi alvo de um processo de cerceamento que refletia um confronto mais amplo entre o Estado e a Igreja no Brasil imperial.

Mas se as fazendas beneditinas estavam do lado de fora do universo eleitoral, não se pode dizer o mesmo a respeito da população livre que habitava no interior e além de seus limites, em ambas as localidades referidas. Tenhamos como exemplo uma lista de votantes qualificados (para participar das eleições) da freguesia de São Bernardo no ano de 1847. Trata-se da primeira lista de qualificação feita em São Bernardo após a lei de 19 de agosto de 1846, lei básica do processo eleitoral no Império até 1881. A junta paroquial da localidade qualificou 112 votantes que, futuramente, teriam direito a escolher os eleitores da freguesia (em número de cinco, naquela ocasião).⁸ Esses votantes equivaliam, em média, a pouco mais de 8% da população total da freguesia (em 1838); percentual expressivo se se considerar, para efeito de comparação, que “em torno de 1870 a participação eleitoral na Inglaterra era de 7% da população total; na Itália, de 2%; em Portugal, de 9%; na Holanda, de 2,5%”.⁹

No censo da província de São Paulo publicado, em 1838, pelo marechal Daniel Pedro Müller¹⁰, a freguesia de São Bernardo possuía uma população total de 1.347 pessoas, aí incluídas as mulheres e os escravos. Se considerarmos apenas a população masculina livre, branca e não branca (pardos, pretos crioulos e pretos africanos), encontramos um total de 478 pessoas; destas, a porcentagem da população não branca (195), constituída sobretudo por pardos livres (176), era de mais de 40%, um percentual bastante significativo. Comparando-se o total dessa população masculina livre com o total de votantes da lista de 1847, e considerando o intervalo de tempo entre as duas fontes, pode-se dizer que cerca de 20% dos homens livres da freguesia devem ter sido qualificados votantes naque-

le ano. Porcentagem que tende a ser maior, na verdade, caso se desconte do total da população aqueles que tinham menos de 25 anos e que não reuniam as demais condições necessárias para participar dos pleitos. Não se dispõe de fonte para verificar até que ponto o critério da renda teria contribuído para excluir os moradores pobres das eleições; mas não resta dúvida de que pessoas pobres votavam nessa freguesia e que muitas eram, inclusive, não brancas. Nesse sentido, é importante atentar para os perfis dos 112 votantes qualificados, cujas ocupações, empregos ou funções constam da lista referida.

Em torno de 44% dos votantes qualificados dedicavam-se, prioritária ou exclusivamente, ao transporte de mercadorias em carros de bois, um negócio diretamente tributário do Caminho do Mar, que atravessava o território da freguesia e cujas variantes cruzavam o bairro e a Fazenda de São Caetano, conectando-os ao comércio de exportação (principalmente do açúcar, a partir da segunda metade do século 18) que ligava o interior da província ao porto de Santos. “Trapeiro”, “tropa”, “vive de tropa”, “tropa e rancho”, “vive de bestas de aluguel”, “rancho e pasto de aluguel”, “carro de aluguel”, “tropa de aluguel”, “rancho e carros de aluguel”, “olaria e carros de aluguel”: tais eram as principais ocupações mencionadas nos documentos em relação a esse grupo de votantes.



Ata da qualificação dos votantes da freguesia de São Bernardo em 1847

ras letras”. Entre esses votantes havia, certamente, pessoas influentes, como o padre Tomás Inocência Lustosa, mestre de primeiras letras, mas também proprietário de terras e notável membro do Partido Conservador em São Bernardo. Outros, contudo, viviam de ofícios modestos e, se participavam das eleições, era porque tinham apenas a renda mínima necessária para serem qualificados votantes.

Uma lista de qualificação da freguesia de São Bernardo em 1876, quando já deveriam ser registrados, por lei, o domicílio de cada cidadão e a renda conhecida, provada ou presumida, permite observar que a grande maioria não tinha mais que os 200\$000 (duzentos mil réis) então exigidos para qualificar os votantes.¹³ Dentre os anotados nessa lista como moradores do Tamanduateí, localidade vizinha ao Rio dos Meninos, atual Rudge Ramos, denominação aquela que, em meados do século 19, alcançou toda a área atualmente constituída pelos bairros São José, Jardim São Caetano e Mauá (em São Caetano do Sul)¹⁴, alguns nomes podem ser destacados, como o de Manoel Leandro Soares, carreiro, filho de Leandro Soares, que fora alistado em 1847 e vivia de tropa de aluguel; e o de Francisco de Paula Soares, lavrador, filho de Manoel Caetano Soares, este tendo sido alistado em 1847, quando então vivia de tropa de

Um segundo grupo menos numeroso, mas ainda muito importante, corresponde a 35% dos votantes. Eram os que se dedicavam à lavoura ou à agricultura, entre os quais se encontravam, sem dúvida, alguns dos homens mais ricos da freguesia, concentrados nas regiões de mata¹¹; como o capitão Antonio Correa de Moraes e o alferes Francisco Martins Bonilha, lavradores de chá, o juiz de paz presidente da junta de qualificação, capitão João José Barbosa Ortiz, o fazendeiro João Cardoso de Siqueira (proprietário da Fazenda do Oratório, no lado norte de São Bernardo, onde é hoje Santo André)¹² ou o alferes João Antonio de Camargo, também fazendeiro e apontado como fei-

tor da estrada (da Serra do Mar). Todos esses homens, entre outros que ocupavam cargos eletivos ou de nomeação na localidade, tomavam parte nos trabalhos das juntas e mesas eleitorais, em geral reservadas às elites locais. Um terceiro grupo, muito mais diversificado e que pode ser decomposto em outros agrupamentos, corresponde a 21% da amostra e inclui aqueles que se ocupavam de atividades diversas: “oficial reformado de 1ª linha”, “ofício de seleiro”, “entalhador”, “mestre entalhador”, “taberna”, “taberneiro”, “carniceiro e taberneiro”, “negócio”, “negociante”, “ofício de carpinteiro”, “ofício de pedreiro”, “olaria”, “serrador”, “madeireiro”, “mestre de primei-

aluguel. Ambos eram apenas votantes (e analfabetos), não possuindo a renda necessária para se elegerem. Há também vários nomes da família Toledo que se repetem nas listas de 1847 e 1876, com vínculos familiares evidentes e parentela que se espalhava tanto por São Bernardo quanto por São Caetano. Tal é o caso de João Floriano de Toledo, que aparece na lista de 1847, vivendo de carro de aluguel, e que, como menciona José de Souza Martins, “teve reconhecido seu direito à aquisição e legitimação de um sítio na Fazenda de São Caetano, de que era foreiro desde 1834”.¹⁵ “Esses e outros sobrenomes”, aponta Martins, “presentes no recenseamento de 1765 repetem-se do século 17 ao século 19, com indícios vários de serem mamelucos, o que se reforça com os nomes *nheengatu* da toponímia”.¹⁶ Certo Manoel Joaquim de Toledo, com 62 anos de idade, casado, negociante, sem saber ler e escrever, registrado como filho de João Floriano de Toledo, detinha renda conhecida de 1:000\$000 (um conto de réis), valor que o habilitava a ser candidato a deputado geral, mas não ao Senado.¹⁷

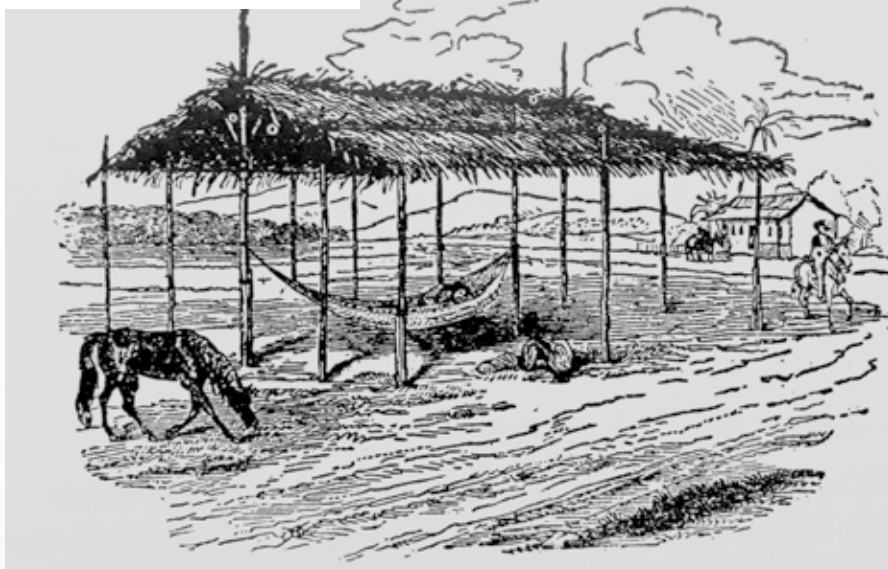
Muito mais se poderia dizer a respeito dessas listas eleitorais, que representam uma rica fonte de pesquisa para o conhecimento da população de diferentes localidades do país no século 19. Para concluir, é relevante sublinhar que, numa freguesia como

São Bernardo, as eleições contavam com a participação de um contingente expressivo e diversificado de cidadãos; e não apenas isso, eram também processos concorridos e questionados a um nível que indica, para além da simples existência de fraudes e irregularidades, a ocorrência de disputas políticas que por vezes transcendiam o âmbito local.¹⁸

São Bernardo e São Caetano, modestas localidades do subúrbio de São Paulo, tomavam a parte que lhes competia no regime representativo oitocentista e, ainda que mui distantes do centro de poder, na ordenação política e institucional do Estado brasileiro em construção. ■

(Rodrigo Marzano Munari)

Rancho de tropeiros no Rio Pequeno, em São Bernardo, a inícios de 1839, quando passou pelo lugar o missionário metodista Daniel P. Kidder



Notas

- Contudo, os senadores resultavam, em última instância, de uma escolha a ser efetuada pelo monarca. Os nomes mais votados na eleição compunham uma lista triplíce, a partir da qual o imperador escolheria os homens que ocupariam o cargo no Senado.
- Essa sucinta descrição do processo eleitoral baseia-se na lei de 19 de agosto de 1846. Quanto aos abusos cometidos no interior das igrejas, o relato é de Francisco Belisário Soares de Souza, em obra publicada em 1872. Foi só a lei eleitoral de 1881 que estabeleceu que as eleições não deveriam mais acontecer nos templos e dispôs a realização das cerimônias religiosas. SOUZA, Francisco B. Soares de. *O sistema eleitoral no Império*. Com apêndice contendo a legislação eleitoral no período 1821-1889. Brasília: Senado Federal, 1979.
- Constituição Política do Império do Brasil*, de 25 de março de 1824. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886, p. 19.
- MARTINS, José de Souza. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 4-17, jul. 1991.
- BUENO, José Antônio Pimenta. *Direito Público brasileiro e análise da Constituição do Império* (1857). In: KUGELMAS, Eduardo (org.). José Antônio Pimenta Bueno, Marquês de São Vicente. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 526-528.
- DOLNIKOFF, Miriam. Representação na monarquia brasileira. *Almanack Brasileiro* (online), n. 9, p. 41-53, maio/2009.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. *A Democracia Corada: teoria política do Império do Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017 (Coleção João Camilo de Oliveira Torres), p. 322.
- Ata de qualificação dos votantes da freguesia de São Bernardo, lavrada aos 17 dias do mês de janeiro de 1847, no corpo da Igreja Matriz de São Bernardo. Ordem C05911 – Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Cópia de mesmo teor foi lavrada no livro de registro da qualificação dos votantes da freguesia, arquivado pela Câmara Municipal de São Paulo. 0157 – Qualificações de eleitores de S. Bernardo (1847 a 1872) – Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHMSP).
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 31.
- MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio d'um quadro estatístico da provincia de S. Paulo: ordenado pelas leis provinciais de 11 de abril de 1836 e 10 de março de 1837*. 3ª ed. fac-similada. São Paulo: Governo do Estado, 1978, p. 171-172.
- MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Bernardo, na Colônia e no Império*. São Paulo: CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988, p. 11.
- Ibidem, p. 20.
- Devido ser avaliada em prata, a partir da lei de 1846, a renda exigida para ser votante passava de 100 para o equivalente a 200 mil réis anuais.
- MARTINS, José de Souza. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 4-17, jul. 1991, p. 11-15.
- MARTINS, José de Souza. *Diário de uma Terra Longe: os "faits divers" na história do Núcleo Colonial de São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 55.
- Ibidem, p. 58.
- Lista geral dos cidadãos da Paróquia de S. Bernardo qualificados pela Junta Municipal em sua 1ª reunião em 1876. 1480 – Qualificação de eleitores – S. Bernardo – 1873 a 1880, AHMSP.
- MUNARI, Rodrigo Marzano. *Deputados e delegados do poder monárquico: eleições e dinâmica política na província de São Paulo (1840-1850)*. São Paulo: dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo (USP), 2017.

Cine Tangará em Santo André

Letícia Polli

Priscila F. Perazzo

FOI NA DÉCADA DE 1950 que o cinema brasileiro ganhou impulso, marcado pelo amplo crescimento da cultura cinematográfica, principalmente pelo grande número de críticos presentes em jornais e revistas. Segundo Santoro (2005), nesse decênio, o número de salas triplicou em relação com a década de 1930, inaugurando mais de 150 salas na Grande São Paulo. Também foi nesse período que se deu o desenvolvimento da industrialização metalúrgica e automobilística na região do Grande ABC, movimentando assim, não apenas a economia local, mas a vida social e cultural dos moradores da região.

Inaugurado em 6 de setembro de 1950, com a exposição do filme americano *Aquele Beijo à Meia-Noite*, com roteiro de Bru-

ce Manning e Tamara Hovey, e direção de Norman Taurog, o Cine Tangará impressionou e deslumbrou a população do Grande ABC. Tecnologia, luxo e lazer apareciam para a cidade por meio da inauguração dessa sala de cinema. O imóvel, situado na esquina da Rua Coronel Oliveira Lima com a Avenida Queirós dos Santos, em Santo André, tornou-se propriedade da família Magini na década de 1940, tendo o escritório de arquitetura de Rodolfo Weigand desempenhado o projeto que daria existência àquele que seria um dos maiores cinemas da cidade.

Confrontado com os outros cinemas da região, o Tangará oferecia o que tinha de mais moderno em suas projeções, com lentes anamórficas que proporcionavam uma qualidade

de imagem superior, permitindo um formato de entrega mais “alargado”, com uma proporção horizontal maior.

Seu prédio era dividido em dois pavimentos, com mais de duas mil poltronas para espectadores, áreas técnicas e administrativas. Segundo recordações de Cleonício Vicente Perazzo, em testemunho realizado em julho de 2003, para o acervo HiperMemo, do Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), existiam duas variedades de poltronas: “A disposição delas era igual à das de hoje, porém eram de madeira (...) mas eles fizeram o balcão, que era na parte de cima, então era mais caro e as poltronas eram estofadas”. Suas grandes escadarias de mármore, aran-

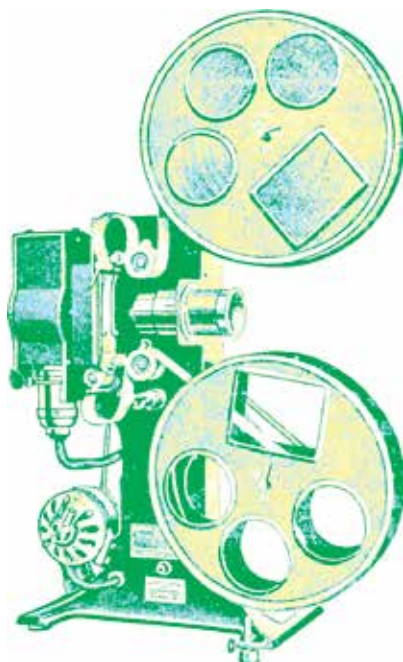
delas, tapeçarias e cortinas em veludo vermelho, além do *pull-mann*, uma espécie de mezanino, evidenciavam um estilo colonial, detendo reconhecida reputação de um dos cinemas mais luxuosos da região, se tornando o principal polo de cultura e lazer na cidade durante décadas.

Nas lembranças das pessoas da cidade, o Cine Tangará era uma sala de cinema charmosa, glamorosa e fascinante, onde não se poupava o luxo. Exigia-se que, às quintas-feiras e domingos, os homens utilizassem paletó e gravata. A elegância e o charme eram tão requeridos que armários com diversas gravatas existiam nos escritórios para que os esquecidos pudessem recompor seus trajes e adentrar a sala para assistir aos filmes.

Uma doceria com refrigerantes e chocolates existia logo na entrada, porém pipocas só eram encontradas do lado de fora do cinema, com pipoqueiros que permaneciam na porta.

Os filmes exibidos eram dos mais diversos. Romances, comédias, faroestes, épicos e religiosos... independentemente do gênero, era visível a predominância da filmografia norte-americana.

É indiscutível o sucesso das sessões dos filmes norte-americanos como *Os dez mandamentos* e *Sansão e Dalila*, ambos dirigidos por Cecil B. de Mille. E também dos filmes de faroeste



“Uma doceria com refrigerantes e chocolates existia logo na entrada, porém pipocas só eram encontradas do lado de fora do cinema, com pipoqueiros que permaneciam na porta.”

americano, além de chanchadas e comédias como *Jeca Tatu*, estrelado por Mazzaropi e dirigido por Milton Amaral em 1959. Todavia, improvável não recordar da exibição do filme *Jesus de Nazaré*, dirigido por Franco Zeffirelli, na década de 1970, reunindo um público de mais de 12 mil pessoas, fragmentadas em quatro sessões realizadas no mesmo dia.

O crescente interesse das pessoas por cinema demonstrava e confirmava o hábito de lazer coletivo. Há quem diga que ir ao cinema era uma prática codificada e datada, não representando apenas um hábito e sim uma diferenciação social e padrões de comportamento da população (SCHVARZMAN, 2015, p. 154).

O glamour desses espetáculos influenciou o cotidiano dos indivíduos, reproduzindo-se no estilo de vida dos espectadores, imitando penteados, bigodes, maneiras de beijar, andar, sorrir. Transformado em um marcante ponto de encontro para residentes de Santo André e região, o Cine Tangará se tornou um lugar para paquera, além das exibições de filmes, unindo diversos casais como, por exemplo, o ex-prefeito de Santo André, João Avamileno e sua esposa Ana Maria, que contam para o jornal *Diário do Grande ABC* (2004) os detalhes desse encontro, ocorrido em 1964, na sessão das 19 horas de uma se-

gunda-feira, quando era exibido o filme *Lawrence da Arábia* (1962), dirigido por David Lean.

Diversos fatores chamam a atenção nos relatos de memórias de pessoas que viveram na época do Cine Tangará. Relembrando o depoimento do apaixonado por cinema e estudioso da arte, Atilio Santarelli, realizado em julho de 2003 para o Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC/UsCs, arquivado no acervo HyperMemo, percebemos qual era o sentimento que o cinema trouxe aos envolvidos: “Os moços ficavam circulando, paquerando as moças, antes de começar a sessão, aí tocava o gongo, as luzes iam apagando devagarzinho. (...) Hoje em dia não tem projetorista, hoje existe passador de filme, o cara que opera o projetor. Naquela época era o projetorista, então, o cara tinha todo um ritual antes de começar o filme. (...) Você entrava, estavam apenas aquelas luzes laterais acesas, e todo o cinema tinha um prefixo, uma música, cada um dos cinemas tinha sua música. (...) Quando tocava a música o pessoal já sabia que ia começar o filme e as luzes iam apagando devagarzinho, apagando aqui, apagava ali, e, nesse ínterim, também tocando o gongo. O pessoal já ia se sentando, a luz ia apagando, apagava tudo, ficava só a tela iluminada, com as luzes no palco. O palco era mais ou menos alto e tinha uma testeira, em madeira, onde ficavam as pequenas

luzes escondidas. Tudo colorido. E aquelas luzes vazavam na tela branca. Era a coisa mais linda, e a cortina ia abrindo bem devagarzinho, vermelha. O gongo tocando, a música tocando, a cortina ia abrindo, aí começava o filme.”

Com o passar do tempo, modernas salas de cinema em shopping centers inaugurados na região a partir da década de 1990, começaram a surgir, manifestando o interesse da população, pois os mesmos forneciam mais entretenimentos, com praças de alimentação e lojas. Por outro lado, a falta de segurança nas ruas expandiu-se, estimulando e impulsionando a ida do público para os centros comerciais fechados.

Mesmo assim, o tradicional e deslumbrante Tangará se transformou no Tangará 2, adaptando em apenas uma sala de projeção para 240 pessoas em seu famoso *pullmann*, apostando no mercado adulto, deixando de exibir seus tradicionais filmes, substituindo por filmes pornográficos.

O restante do admirado prédio do cinema Tangará se tornou um estacionamento de carros, resistindo até a metade da década de 1990, transformando-se, posteriormente, em uma sede da igreja Universal do Reino de Deus.

Devido à falta de políticas mais efetivas de preservação do patrimônio na região, o edifício do Tangará foi motivo de disputa jurídica. Após três anos, o prefeito João Avamileno decidiu que o

prédio na região central de Santo André não seria mais tombado como patrimônio histórico e cultural do município, de acordo com publicação feita por Elaine Granconato, no jornal *Diário do Grande ABC*, em 6 de junho de 2004.

Contudo, diante dos testemunhos de indivíduos que viveram e desfrutaram de experiências no decorrer dos mais de 40 anos de história do luxuoso cinema, constata-se a memória como a possibilidade de conservar algo que se sucedeu no tempo, assegurando a continuidade temporal, e possibilitando e construindo as relações do passado, presente e futuro, fazendo com que revisitem seu passado, visualizando suas experiências e ações, edificando e reforçando uma memória social. ■

Referências Bibliográficas

- SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n. 49, 2005, p. 153-174. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a08v2549.pdf>. Acesso em 30 mai. 2019
- SANTORO, Paula Freire. A relação da sala de cinema com o espaço urbano em São Paulo: do provinciano ao cosmopolita. *Anais do ANPUR - XI Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, Salvador, 23-27/março/2005. Disponível: <http://www.xienanpur.ufba.br/611.pdf>. Acesso em 30 mai. 2019
- GRANCONATO, Elaine. Tangará perde última chance de preservação. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 6 jun. 2004, p. 5.

Letícia Polli

é estudante de Publicidade e Propaganda da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Pesquisadora do Laboratório Hiper mídias da UsCs. Membro do grupo de pesquisa do CNPq Memórias do ABC: Comunicação, Memória e Cultura, liderado pela Profa. Dra. Priscila F. Perazzo.

Priscila F. Perazzo

é doutora em História Social. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UsCs, é responsável pelo Laboratório Hiper mídias da USCS e líder do grupo de pesquisa do CNPq Memórias do ABC: Comunicação, Memória e Cultura.

Acervo Márcia Gallo



Festa de Natal da Escola Municipal de Educação Infantil Rosa Perrella, no Bairro Nova Gerty, em 1969. A partir da esquerda, vemos as professoras: Márcia Gallo, Neide Figueiredo, Sueli Zanchetta, Maria Helena Piotto e Dirce Gianello. A criança não foi identificada

Conhecer a história de sua cidade é exercício de cidadania

☰ Nereide Schilaro Santa Rosa



Agência Nereide S. Santa Rosa

Nereide Schilaro Santa Rosa em foto de 2019

AO SER CONVIDADA, GRACIOSAMENTE, PARA ESCREVER O LIVRO *A história de São Caetano do Sul*, no ano de 2015, pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, resgatei meus conhecimentos de educadora e escritora. Duas atividades que convivem perfeitamente em minhas publicações.

Afinal, todo livro assume um caráter didático no momento em que se torna alvo do trabalho pedagógico organizado por um professor. Esta publicação foi escrita para o público infantoju-

venil e conta a história do município de São Caetano do Sul, destacando os personagens que até hoje simbolizam cada etapa dessa jornada.

Desde antes da chegada dos portugueses ao Brasil, os campos de São Caetano atraíram moradores: dos indígenas aos bandeirantes, dos padres e escravos, imigrantes e migrantes, empresários, todos fizeram parte da história da cidade.

A etimologia da palavra história é grega e significa “conhecimento pela investigação”. E, por meio deste livro, distribuído gratuitamente e perfeitamente acessível a seus leitores, essa tarefa se torna mais profícua e eficiente.

A partir de sua narrativa, o texto do livro auxilia o entendimento de vários conceitos, desde conteúdo e linguagem até senso crítico, o estímulo à curiosidade e o compartilhamento social. E foi pensando no seu público-al-



vo, os alunos do ensino fundamental I da rede municipal da cidade, que escrevi a história de São Caetano dentro de uma linguagem informativa e, ao mesmo tempo, cativante ao pequeno leitor.

Como escreveu a poetisa mineira Barbara Heliodora, temos de incentivar o aluno a pensar e a refletir: “Meninos, eu vou ditar / As regras do bom viver; / Não basta somente ler, / É preciso meditar, / Que a lição não faz saber: Quem faz sábios é o pensar” (Poema *Conselho aos meus filhos* In: PARNASO brasileiro; ou, Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas. Org. Cônego Januário da Cunha Barbosa. Rio de Janeiro:

Tip. Imperial e Nacional, 1830. v.1, caderno 4, p.74-7).

A importância deste livro reside, não só pelo conhecimento dos fatos históricos e de seus personagens, mas, principalmente, por permitir ao leitor que se reconheça e participe de sua cidade, criando laços afetivos geradores para o envolvimento e respeito à sua comunidade.

O reconhecimento do aluno ao desenvolver a percepção de si mesmo no ambiente em que vive gera autoconhecimento e a consciência está na base de todo conhecimento.

A linguagem acessível, com características de aventura, associada ao cotidiano dos alunos gera empatia e interesse do leitor. As ilustrações e o projeto gráfico de Roberta Giotto foram fundamentais para o efetivo sucesso da publicação. Os aspectos formais e as configurações estruturais da linguagem e das imagens auxiliam na compreensão dos personagens históricos e na construção do sentido da interpretação por parte do leitor.

O educador, ao receber esse material, deve se considerar um mediador entre o texto e a cidade em si. Ele deve procurar fazer com que o aluno reflita sobre as ações que mudaram a história da localidade, e entenda que também terá

O aluno utiliza uma linguagem simbólica para expressar a realidade própria. Essa realidade é construída a partir da seleção de suas experiências em relação ao meio circundante e a si mesma, as quais discrimina e reestrutura de forma original. O livro é instrumento facilitador dessa condição.

um papel de agente transformador de seu município, a cada dia e a cada momento que ali vive, além de fazer com que aprenda a gostar de sua cidade e respeite a sua comunidade, desenvolvendo ações pelo bem de todos.

A tarefa do educador é extremamente dinâmica e instigante. Os educadores e os educandos devem se envolver juntos na leitura do texto, na confecção dos personagens, no



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Nereide entrega o livro *A História de São Caetano do Sul* para aluno da rede municipal durante lançamento da primeira edição da publicação, realizado no dia 25 de maio de 2015, no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns



desenvolvimento de dinâmicas, estratégias metodológicas na sala de aula, descobrindo novos caminhos, tornando cativante o ensino da história da cidade. A imaginação criadora é própria do ser humano, a partir da articulação da linguagem que transforma em ideias e sentimentos os fatos e as situações. A emoção motiva, a imaginação permite o perceber, o sentir, o pensar e a leitura, por meio da representação, acontece. É necessário usar a flexibilidade para que a produção seja investigativa, atuante com diferentes soluções e respostas.

O aluno utiliza uma linguagem simbólica para expressar a realidade própria. Essa realidade é construída a partir da seleção de suas experiências em relação ao meio circundante e a si mesmo, as quais ele discrimina e reestrutura de forma original. O livro é instrumento facilitador dessa condição. Para tanto, é extremamente interessante que se oportunize o contato e a leitura de histórias, para que o leitor construa uma leitura de mundo consistente, além de auxiliar na produção dos símbolos e da representação.

Conhecer sua história contribui significativamente para as elaborações perceptivas e reflexivas na criança. O conhecer surge do investigar e a história se constrói com o conhecimento, porém de maneira abrangente, dinâmica, levando em conta o contexto social, o desenvolvimento político e tecnológico de cada tempo. Ao



Aluno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Leandro Klein aprecia livro *A História de São Caetano do Sul* durante entrega da primeira reimpressão do material, no dia 5 de maio de 2016

O aluno crítico adquire uma compreensão consciente sobre a história, fato que proporciona ao educando perceber como as escolhas e atitudes dos personagens definiram os caminhos de desenvolvimento, produziram e reproduziram identidades, sejam individuais ou coletivas.

criar os personagens, meu objetivo foi aproximá-los dos seus leitores e, mais ainda, transformá-los em veículos de discussão e conhecimento para o futuro dessas gerações. Personagens que fazem parte do nosso cotidiano simbolizam nossos anseios e nossa esperança.

E o conhecimento é elemento essencial nesse entendimento. Conhecer a história de seu município, na escola fundamental, faz com que o educador leve aos seus alunos o universo de novos conceitos e a possibilidade de vivenciar novas experiências, por meio de reflexões e descobertas sobre como se constroem as cidades. Possibilita também o conhecimento no contexto interdisciplinar e a sua complementaridade com as Ciências Humanas e outros meios de comunicação.

O aluno crítico adquire uma compreensão consciente sobre a história, fato que proporciona ao educando perceber como as escolhas e atitudes dos personagens definiram os caminhos de desenvolvimento, produziram e reproduziram identidades, sejam individuais ou coletivas. Os personagens e eventos históricos são altamente significativos para a vida política, social e cultural da nossa sociedade. Os personagens se integram no cotidiano da cidade, e descrevem os momentos marcantes que constituíram os cidadãos que agora usufruem do resultado dessa história.

Conhecer como essa construção se realizou, os sacrifícios

e os empenhos de tantos personagens, e mais do que isso, entender os motivos, pensar nas causas e nas consequências de quem se propôs a mudar e fazer crescer uma cidade. Afinal, as cidades são feitas de seu povo, de suas futuras gerações. Sem a população, será apenas uma cidade fantasma, sem identidade. E aprender a viver e conviver em um mesmo espaço

demográfico se torna uma questão de cidadania e respeito, que nasce do conhecimento de sua história e de seus antepassados. Cabe a todo cidadão ter o privilégio de divulgar, analisar e fazer com que os jovens atuais reflitam sobre sua história e sua cultura.

A todos os meus leitores, alunos do ensino fundamental da rede municipal de educação de

São Caetano do Sul, deixo uma mensagem de apoio e incentivo a buscarem sempre a participação na construção de um mundo melhor e mais justo. De minha parte vou seguir a minha caminhada como escritora, com a alegria de ter tido a oportunidade de participar desse processo de formação de cidadãos conscientes e criativos. ■

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Fundação Pró-Memória realiza entrega simbólica da publicação da publicação para turma de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Benedito Paulo Alves de Souza, no dia 14 de maio de 2019

Nereide Schilaro Santa Rosa é pedagoga, arte-educadora e escritora especializada em Arte, História e Cultura. Escreve sobre arte-educação, biografias de artistas e exposições de artes. Atua como palestrante em instituições educacionais, organizações não-governamentais nos Estados Unidos e Brasil. Publicou cerca de 80 livros, é vencedora do Prêmio Jabuti, em 2004, pela coleção *A Arte de Olhar*, e de outros prêmios conferidos pela Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil, no Brasil.



O LIVRO

Na maioria das escolas, observamos que grande parte dos estudantes, e até mesmo os professores, desconhecem a história de sua comunidade, de seu município, sendo o ensino de História concentrado somente no âmbito nacional, desvinculado de sua realidade local.

A presença da matéria de História da cidade na grade escolar do 3º ano do ensino fundamental da rede municipal criou um desafio, devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, hoje muitas famílias residem há pouco tempo em São Caetano do Sul, não possuindo essas referências em sua história familiar.

A primeira edição do livro *A História de São Caetano do Sul* foi lançada em 2015, com distribuição a todos os alunos dos 3º anos do ensino fundamental da rede municipal. Em 2016, a Fundação Pró-Memória realizou a reimpressão da publicação, que seguiu o mesmo esquema de distribuição. No dia 14 de maio de 2019, a instituição lançou a segunda reimpressão do material e deu início à nova distribuição, desta vez para 18 escolas municipais.



A IMAGEM DE SÃO CAETANO DI THIENE

DEPOIS DE FICAR POR 55 ANOS NA CAPELA DO HOSPITAL LEÃO XIII, hoje Hospital São Camilo, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo, a imagem de São Caetano Di Thiene voltou a São Caetano do Sul no dia 7 de agosto de 2002, dia do padroeiro da cidade. A imagem pertencia à comunidade local e foi doada pelas Irmãs da Providência para a capela do hospital, erguida em 1947. Em 2002, a casa de saúde passou a ser administrada pela Ordem de São Camilo, e a estátua acabou retornando à cidade, sendo instalada em uma sala no recinto do Museu Histórico Municipal. A doação aconteceu por meio do capelão João Zago.

A peça, com 82 centímetros de altura, e que remonta à década de 1930, havia pertencido ao acervo da Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação, e foi recebida pela população, em 2002, durante uma carreata no centro do município, quando comemorava o dia do santo padroeiro. ■



São Caetano Di Thiene nasceu em Vicenza, em 1480, filho do Conde Gaspar Di Thiene e de Maria del Porto, e faleceu em Nápoles em 7 de agosto de 1547. Caetano fundou em Roma a congregação de clérigos regulares chamados Teatinos. É conhecido como Santo da Providência, patrono do pão e do trabalho.

Foto: Antônio Reginaldo Canioni/FPMS/CSJ

“O HOMEM TEM A PAISAGEM NO ROSTO.
A ROUPA ESCONDE O CORPO, MAS NÃO O ROSTO.”

KEN I CHI KANEKO



Artista: Ken I Chi Kaneko
Título: Sem título
Série: Lágrima dos Anjos
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensões: 70 x 100 cm
Sem data

KEN I CHI KANEKO (Japão, 1935) é um artista que participou dos Salões de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, realizados entre as décadas de 1960 e 1980. O acervo da Pinacoteca Municipal foi formado, inicialmente, por obras deste período. Kaneko participou da exposição *Contraste*, ocorrida na Pinacoteca em 2017, apresentando um percurso artístico totalmente diferente do preservado pela instituição.

No mesmo ano, realizou a doação da obra que aqui destacamos, sem título, da série *Lágrima dos Anjos*. Utilizando a técnica acrílica sobre tela, é uma obra autobiográfica e abstrata, que explora o lado espiritual do artista a partir da interação do homem com a natureza e o duelo entre as catástrofes naturais e a capacidade humana de superação. Faz referência, principalmente, à capacidade de regeneração peculiar da comunidade nipônica. ■

A Pinacoteca Municipal é um museu de artes visuais mantido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, que oferece uma programação anual de exposições, incentivando novos artistas e trazendo para a cidade nomes consagrados da arte contemporânea. **Visite a Pinacoteca! Saiba mais em www.fpm.org.br**

ROTEIRO PRÓ-MEMÓRIA



31
JAN
2019

Frequentadores dos Centros Integrados de Saúde e Educação da cidade, e participantes do programa *Atualizando a Maturidade*, durante visita ao Espaço do Forno



21
MARÇO
2019

Alunos da Escola Municipal de Ensino Profª Alcina Dantas Feijão visitando a Pinacoteca Municipal em mais uma edição do projeto *Encontro com o Artista*, durante o qual puderam conversar com Gladys Maldaun, artista cujos trabalhos integraram a exposição *Registros*, em cartaz de 26 de fevereiro a 3 de maio

O programa de visitas atende crianças a partir de 3 anos com atividades e linguagem adaptadas para cada faixa etária. Ele conta também com workshops e oficinas para professores e público em geral. O atendimento é realizado de segunda a quinta-feira. O agendamento pode ser feito através do telefone 4223-4780 ou pelo email acaoeducativa@fpm.org.br. Saiba mais em www.fpm.org.br

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS



De janeiro a julho, a Fundação Pró-Memória realizou exposições virtuais em seu site (www.fpm.org.br) começando com a mostra *Anúncios do Passado*, reunindo anúncios publicitários publicados no *Jornal de São Caetano* entre 1946 e 1956. Em março foi a vez de celebrar os 90 anos de uma conquista histórica do São Caetano Esporte Clube, que em 1929 se sagrou campeão paulista do interior. Abril foi a vez de abordar o escotismo, com fotos históricas dos grupos de escoteiros da cidade. Já em maio, a Pró-Memória homenageou o artista plástico por seu dia, celebrado no dia 8 daquele mês, com exposição virtual de obras do acervo da Pinacoteca. Junho foi a vez de celebrar as festas juninas de antigamente. Por fim, em julho, a Fundação Pró-Memória relembra as comemorações do centenário do município de São Caetano do Sul, comemorado em 1977.

SITE - FPM
JAN-2019 A JUN-2019

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

Representação Regional ABCD (RR ABCD) do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (Sisem)

Com dois museus (Museu Histórico Municipal e Pinacoteca Municipal), a Pró-Memória vem participando ativamente das reuniões da Representação Regional ABCD do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (Sisem). No primeiro semestre, foram realizadas duas reuniões. Em fevereiro e maio, respectivamente.

FPM
FEV-2019 A MAI-2019

Entoada Nordestina

A Pró-Memória marcou presença em mais uma edição da *Entoada Nordestina*, realizada no Espaço Verde Chico Mendes entre os dias 22 e 24 de março. Na ocasião, o público do evento pôde participar do Ateliê de Xilogravura do Espaço Cultural Casa de Vidro e também do *Jogo da História de São Caetano*.



ESPAÇO VERDE CHICÓ MENDES
MAR -2019

III Simpósio Comunicação e Cultura

Uma das organizadoras da atividade, ao lado da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), da Universidad de Colima (UdeC - México) e da Universidade Paulista (UNIP), a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul participou ativamente da programação do III Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: aproximações com Memória e História Oral -Diálogos entre Brasil e México, realizado de 6 a 8 de maio, nos campi Centro e Conceição da Uscs. O evento contou com pesquisadores, acadêmicos e profissionais de diversas instituições latino-americanas que participaram de seminários, palestras, colóquios e grupos de trabalho.

USCS
MAI-2019



PROJETO CIDADÃO DA HISTÓRIA



No primeiro semestre de 2019, a Fundação Pró-Memória deu andamento ao projeto *Cidadão da História*, que é realizado como parte do programa *Governo em Movimento*, promovido pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Registramos, a seguir, os bairros contemplados no primeiro semestre do ano, e os moradores, estabelecimentos comerciais, indústrias e entidades homenageados.

BAIRRO OLÍMPICO

DIA: 23/2/2019

LOCAL: FUNDAÇÃO DAS ARTES



MUNÍCIPES

Arnaldo Josuel Dias da Rosa - Bere-nice da Silva dos Santos - Giacomo Pirchio - Jose De Mattei - Lourdes Comici David - Maria Mariano Piffer - Minervina Maria de França - Moacyr Monte e Maria Aparecida da Silva Monte - Nelson Serafim de Moura - Neyde Troni - Norberto Rigotti e Clarice Sanches Rigotti - Odette de Andrade Hidalgo - Rosa Barbagallo da Silva - Claudir Maria de Castro - Thereza Padial - Thereza Thomazeli - Valmira Job Migliorini.

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS

Bar da Codorna (José de Carvalho Costa) - Chromossomos Imagens (Eugenio Marquezini) - Massas Tradição (Eliana Torres de Lima) - Pizzaria Olímpica Ltda ME (Gedilon Bezerra de Araujo).

ENTIDADES

Igreja Batista em Vila Gerte (Pastor Mario Pereira da Silva).

BAIRRO OSWALDO CRUZ

DIA: 23/3/2019

LOCAL: EMEF OSWALDO
SAMUEL MASSEI



MUNÍCIPES

Antonio de Souza -Aparecida de Souza- Delmira das Dores Bernardino - Edison Mas Herrera- Glória Azevedo Fábio - José Antonio Cecatto e Maria Elena Boltes Cecatto - Jose Fortunato Fazzani - Maria Alice Martins Lourenço - Maura da

Silva Virgulino - Odilio Vegnatto Fransozo e Guilhermina Wonhrath Fransozo.

BAIRRO NOVA GERTY

DIA: 13/4/2019

LOCAL: EMEF LEANDRO KLEIN



MUNÍCIPES

Afonso Mauricio Martins - Agostinho Martins - Alda Rose Coelho - Antonio Alexandre Cavallini e Vilma Aparecida Cavallini - Antonio Nelson Campana - Aparecida Paes - Helena Alonso Milani - Hiroko Kimoto - Maria Aparecida dos Reis - Maria José da Silva Rezende.

BAIRRO SANTA MARIA

DIA: 11/5/2019

LOCAL: TEATRO PAULO
MACHADO DE CARVALHO

MUNÍCIPES

Alcides Sérgio Piccolo - Amauri Chiandotti e Joana Tereza Bezerra Chiandotti - Eugênio Martins Martins - Geny Rocha de Souza Mello - Gertrudes Magna de Jesus - José Bernardino Régis - Manoel Carlos Guimarães e Tania Maria Fraga Guimarães - Palmira Troskaitis - Zenai-de Branco Aguilar.



EXPOSIÇÕES

Registros – Aquarelas de Gladys Maldaun

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio da Pinacoteca Municipal, apresentou a exposição *Registros – Aquarelas de Gladys Maldaun*. A mostra, com 51 obras da artista paulistana, foi a primeira individual do gênero realizada na instituição e contou também com catálogos e troféus conquistados pela artista ao longo da carreira. De 27 de fevereiro a 3 de maio.



PINACOTECA MUNICIPAL
FEV A MAI-2019

Cerâmica São Caetano: o resto e o silêncio

Em cartaz no Espaço do Forno, a exposição traz 32 fotografias, de autoria do sociólogo José de Souza Martins, que retratam as ruínas da Cerâmica São Caetano S/A, uma das indústrias mais importantes para o desenvolvimento econômico de São Caetano do Sul e

que encerrou suas atividades depois de cerca de 90 anos de funcionamento. Martins, que trabalhou no local de novembro de 1953 a fevereiro de 1958 (dos 15 aos 19 anos), realizou duas sessões fotográficas no local no ano de 2004. Quatro poemas, produzidos por Martins no momento da captação das imagens, foram inseridos na exposição. De 15 de março a 14 de setembro.

ESPAÇO DO FORNO
MAR A SET-2019

CLARO-ESCURO - XiloRosa, LitoRosa, Célio Rosa: sensível volta às origens



Inaugurada em 12 de abril, a exposição foi composta por 26 obras do artista Célio Rosa, entre xilogravuras e litogravuras, além de matrizes diversas, a mostra proporcionou ao visitante experimentar a técnica milenar da xilogravura, gravação e impressão. Os trabalhos expostos tinham a natureza como seu principal tema de pesquisa poética e plástica. Ficou em cartaz até 21 de junho.

**ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO – ATELIÊ
PEDAGÓGICO**
ABR-2019 A JUN-2019

O Processo é Incessante e Uma Janela para a Realidade da Arte Urbana

A Pinacoteca Municipal apresentou a partir de 23 de maio duas exposições. Com 47 obras de arte contemporânea, *O Processo é Incessante* apresentou o trabalho de oito artistas com técnicas e suportes singularizados que pretendiam apropriar-se do espaço expositivo explorando a tridimensionalidade que o ambiente oferecia, propondo uma experiência de reflexão sobre o processo criativo, endossando que a obra não é apenas um objeto em si, mas que se funde com o processo criativo.

Já *Uma Janela para a Realidade da Arte Urbana* foi uma mostra coletiva com cinco artistas, apresentando um mural de 11 metros dentro do espaço expositivo e mais 15 obras que usaram a técnica do grafite em suportes diferenciados e um vídeo com depoimentos dos artistas colocando a arte como agente transformador. Em cartaz até 16 de julho.

PINACOTECA MUNICIPAL
MAI A JUL-2019



PROJETOS

O Jogo da História de São Caetano

Lançado em março de 2018, o *Jogo da História de São Caetano* foi baseado no livro *A História de São Caetano do Sul*, lançado pela Fundação Pró-Memória em 2015, e reimpresso em 2016 e em 2019. Como forma de chamar a atenção das crianças, a Pró-Memória desenvolveu esse projeto, que consiste em um jogo de tabuleiro e outro 'no chão' que, além de estimular noções de estratégia e raciocínio lógico, irão apresentar a história do município, em caráter lúdico e divertido. A ação foi realizada durante todas as edições do ano do programa da Prefeitura de São Caetano, *Governo em Movimento*. Além disso, todos os participantes do *Encontro com a História* (programa de visitas monitoradas de alunos de escolas da cidade aos espaços da Fundação Pró-Memória com palestras e reuniões), também contam com a iniciativa, auxiliando ainda mais no conhecimento.

Roda de Memória

A Fundação Pró-Memória lançou em abril o projeto *Roda de Memória*, que consiste em encontros informais para bate-papo e troca de experiências sobre algum fato ou instituição histórica. Na edição inicial, foi realizada a conversa sobre a Cerâmica São Caetano, com a presença do sociólogo José de Souza Martins. No evento, os participantes puderam relembrar e compartilhar histórias e experiências sobre a empresa, uma das responsáveis pelo desenvolvimento econômico do município e que esteve ativa da primeira metade do século passado até a década de 1990.

ESPAÇO DO FORNO
ABR-2019

Palestra O que é ser artista – Reflexões sobre o fazer e pensar Arte

Em 27 de maio, celebrando o Dia do Artista Plástico (comemorado no dia 8 daquele mês), a Pró-Memória realizou gratuitamente a palestra *O que é ser artista – Reflexões sobre o fazer e pensar Arte*, ministrada pelo coordenador e curador da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes, Valdo Rechelo.



PINACOTECA MUNICIPAL
MAI-2019

Pinacoteca em Postais

Também em homenagem ao Dia do Artista Plástico foi lançado em maio a série *Pinacoteca em Postais*, contendo 18 cartões retratando obras icônicas do acervo do espaço com informações de cada um dos trabalhos.

PINACOTECA MUNICIPAL
MAI-2019

Visita aos Asilos

Em abril de 2019, a Pró-Memória, por meio da Pinacoteca, realizou ação pioneira e inovadora, levando arte e cultura aos idosos residentes no Abrigo Irmã Tereza, no Bairro Nova Gerty. A atividade faz parte do programa *Arte como Apoio Terapêutico*, realizado desde 2014 em parceria com os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) AD e Geral, e a Unidade de Saúde da Criança e do Adolescente (Usca), unidades municipais de saúde.

PINACOTECA MUNICIPAL
ABR-JUN 2019



Reservado para Menores

A proposta do projeto *Reservado para Menores*, que a Pinacoteca Municipal iniciou no mês de maio, é criar alguns momentos de estranhamento ou reflexão, com um público específico e muito importante – as crianças – procurando oferecer tudo de bom que a Arte pode trazer. A ação consiste em visitas monitoradas no espaço expositivo para grupos de crianças a partir dos 3 anos.

PINACOTECA MUNICIPAL
MAI-JUN 2019

PROJETO EDITORIAL

Livro *A História de São Caetano do Sul*



Lançado em 2015, o livro *A História de São Caetano do Sul* foi reimpresso em 2019 e distribuído para todos os alunos do 3º ano do ensino fundamental da rede pública municipal. A entrega simbólica foi realizada em 14 de maio, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Benedito Paulo Alves de Souza.

FPM
MAI-2019

VISITAS

Governador do Rotary-4420

O governador do Distrito 4420 do Rotary International (RI), Carlos Eduardo Torci e sua esposa, Sonia Mara Torci, visitaram, na tarde de 11 de abril, as dependências da Pró-Memória. Recepcionado pelo presidente da instituição, o casal conheceu a Pinacoteca Municipal, o Espaço Cultural Casa de Vidro – Ateliê Pedagógico, o Centro de Documentação Histórica e o Espaço do Forno, onde puderam prestigiar as exposições e se informar sobre o dia a dia da instituição.



FPM
FEV-2019 A MAI-2019

Luzia Fava Scarazzatto era parteira e exerceu o ofício em São Caetano de 1915 a 1948. Faleceu em 1955. Residia com a família numa casa da Rua Amazonas, perto da Rua Pará. Foto da década de 1920

Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS



Lançamento da Campanha do Metal em Santo André, ocorrida em 1942, durante o governo Vargas. Os metais (zinco, chumbo, latão, alumínio, bronze e ferro) seriam utilizados como material estratégico durante a Segunda Guerra Mundial. Na foto, foram identificados Verino Segundo Ferrari e Luiz Martorelli

Acervo/FPMSCS



No dia 22 de maio de 1953, durante o governo do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), por iniciativa da primeira dama Aracy Torres Campanella, foi fundada a Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância de São Caetano do Sul (Apami), com a finalidade de fornecer assistência às mães carentes. Aracy Torres Campanella foi a primeira presidente da entidade. Na foto vemos, à esquerda, Aracy, e Maria Tereza Tavares, durante trabalho de distribuição de roupas. Foto da década de 1950

Acervo/FPMSCS



Os médicos Antonio Souza Voto (à esquerda) e Abib João Kirche, com longo trabalho profissional na cidade. Na imagem, Voto transmite a Kirche a presidência do Lions Clube, em 1958

Acervo/FPMSCS



A CTBC (Companhia Telefônica da Borda do Campo) foi fundada em 22 de março de 1954 para cobrir a área do ABC paulista. Em 1958, quatro anos depois, instalou 7.600 telefones automáticos, dos quais dois mil em São Caetano. O ex-prefeito Ângelo Raphael Pellegrino ocupou o cargo de primeiro diretor técnico da empresa. Foto de 1958

Acervo/FPMSCS



Visita de Jânio Quadros a São Caetano do Sul, durante sua campanha para presidente da República. Eleito, governou de 31 de janeiro a 25 de agosto de 1961, data em que renunciou. Foto do início da década de 1960

Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Alunos do Parque Infantil Luiz José Giorgetti, atualmente Escola Municipal de Educação Infantil, localizada na Rua Graça Aranha, no Bairro da Fundação. À esquerda, vemos a diretora Zenaide F. Ferrigno. Foto do final da década de 1960



Ademir João Perrella e Ângela Maria fantasiados de Capitão Sete (super-herói brasileiro criado em 1954) e sua companheira, no carnaval do São Caetano Esporte Clube. Foto de 1961

Acervo/FPMSCS



IV Baile Branco de São Caetano do Sul, realizado no dia 7 de maio de 1966. Na foto, vemos: Adriana Galvão S. Campos, Dinah A. Barile, Eliane Brandão, Elvira Cristina A. Souza, Jussara Lia Cianfarani, Lúcia Gomes Barroso, Márcia Braidó, Maria A. Canteras, Maria Ondina Neves, Maria Paula Meirelles, Maria Sílvia Arruda Santos, Rosa Maria do Amaral Simonetti, Rosemari Oliveira Ovadia, Suely Nunes do Amaral e Walquíria Herbert Dotta

Acervo/FPMSCS

Avenida Almirante Delamare vista no sentido Ipiranga - São Caetano do Sul, com os veículos já na entrada da cidade. Foto da década de 1970



Acervo/FPMSCS



Construção de um forno refratário na Cerâmica São Caetano, na década de 1970. Um remanescente do conjunto de fornos da empresa está sob cuidados da Fundação Pró-Memória e funciona como espaço expositivo

Acervo/FPMSCS



Antônio Marino Morelato, cirurgião-dentista. Formado pela Universidade de São Paulo, era filho de Eugênio Primo Morelato, proprietário da Padaria Central. Foto da década de 1960

Acervo/FPMSCS



Carlos Miranda (de jaqueta), ator do famoso seriado *O Vigilante Rodoviário*, acompanhado de Lobo, seu cão pastor alemão, e fãs. Foto da década de 1970

Acervo/FPMSCS



Time de futebol do Centro de Pesquisas e Processamentos de Dados, antigo setor da prefeitura de São Caetano, no campo da Associação Desportiva Classista General Motors. Em pé, foram identificados, a partir da esquerda: Gerson, Davi, Carlos Rela, Fausto Minciotti, Toninho Siciliano, Luizão, Luiz Antonio Cicaroni, Wilson, Fernando Antonio Lopes. Agachados, vemos, da esquerda para a direita: Júlio Marcucci, Rubinho, Ademir, Silvio Minciotti, Airton, Luiz, Pimenta e Altevir Anhê. A criança não foi identificada. Foto da década de 1970

Acervo/FPMSCS



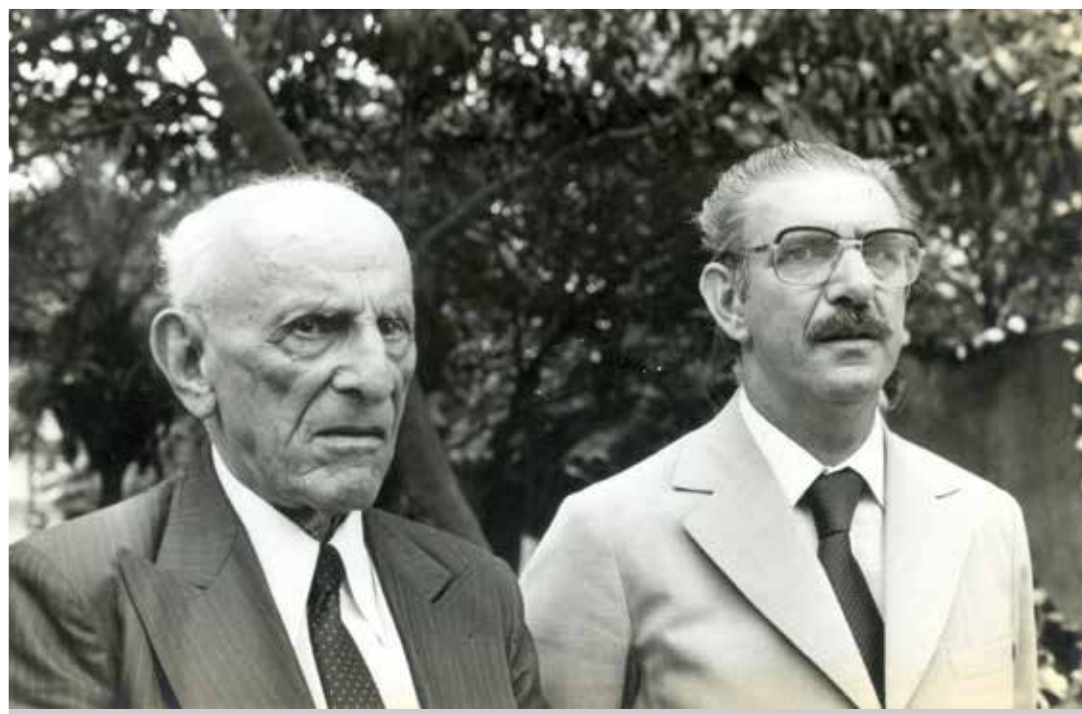
Fachada da ZF do Brasil, instalada em São Caetano do Sul em 1959, na Rua Senador Vergueiro, no Bairro Centro. A fábrica de engrenagens manteve uma unidade na cidade até 1997, quando transferiu toda sua operação para Sorocaba, no interior de São Paulo. Foto da década de 1970

Acervo/FPMSCS



Samuel Klein (à esquerda), fundador das Casas Bahia, recebendo o título de Comerciante do Ano, em 1979, das mãos de Mustapha Abdouni, então presidente da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul

Acervo/FPMSCS



Em um encontro político, vemos, à esquerda, o ex-prefeito Ângelo Raphael Pellegrino (primeiro prefeito de São Caetano, de 1949 a 1953), falecido em 1º de maio de 1990, e, Antonio Russo, advogado, ex-vice-prefeito (1969 a 1973) e ex-deputado federal (1978 a 1982), falecido em 8 de maio de 2009. Foto da década de 1980

Acervo/FPMSCS

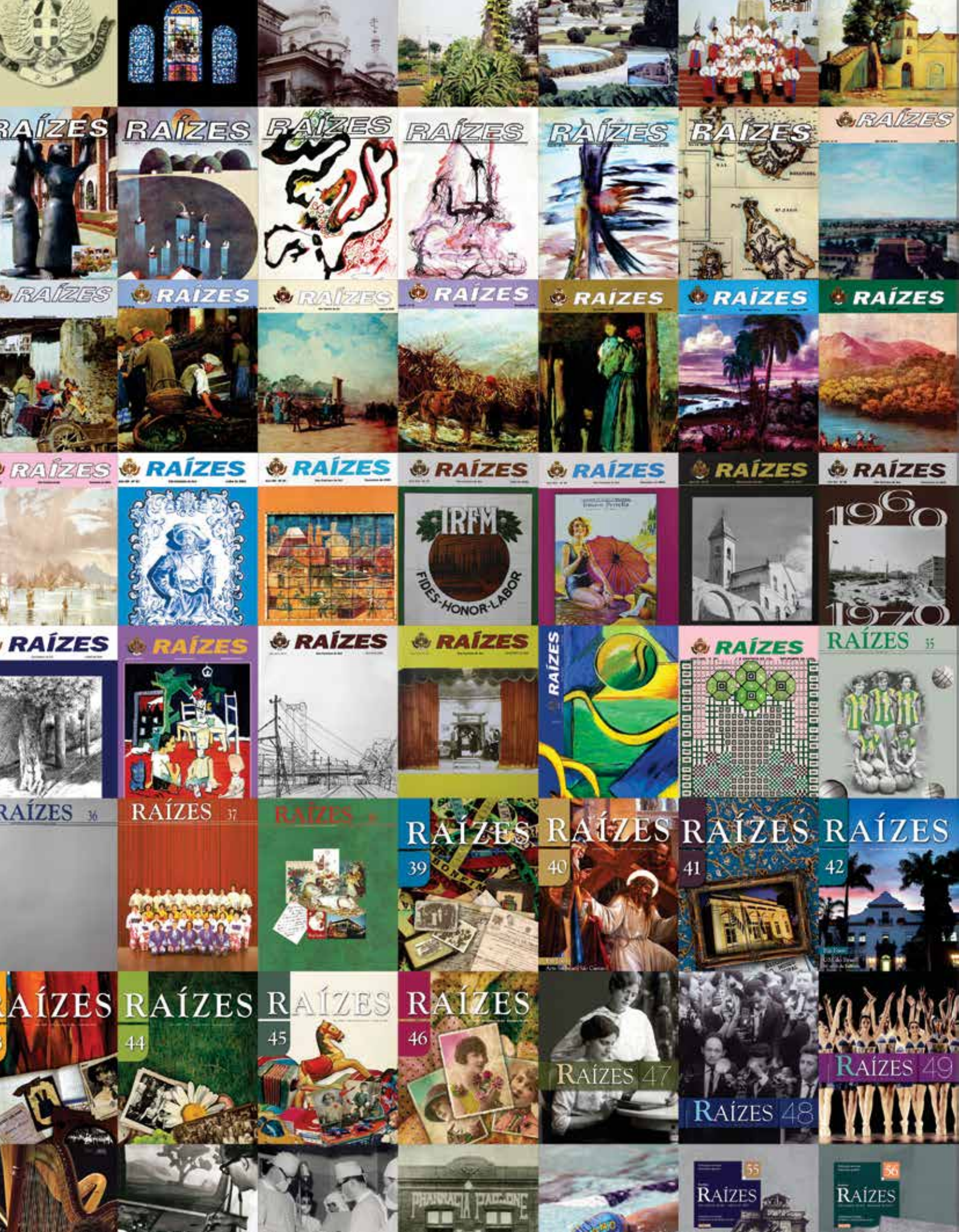


O médico Sylvio Torres nasceu em Minas Gerais, no dia 28 de junho de 1928. Em 1951, veio para São Caetano do Sul. Foi vice-prefeito da cidade de 1997 a 2000 e de 2001 a 2004. Ficou à frente da prefeitura de 17 a 31 de dezembro de 2004, após o falecimento de Luiz Olinto Tortorello. Na foto, o médico aparece em atendimento a um paciente, em posto de saúde não identificado. Faleceu em 14 de setembro de 2008. Foto de 1994

Acervo/FPMSCS



Bar e Restaurante Zangão, situado na Avenida Goiás, na esquina com a Rua Goitacazes, é um dos tradicionais pontos de encontro de São Caetano do Sul, em funcionamento até os dias de hoje. Foto de 1981



RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES

RAÍZES 35

RAÍZES 36

RAÍZES 37

RAÍZES 38

RAÍZES 39

RAÍZES 40

RAÍZES 41

RAÍZES 42

RAÍZES

RAÍZES 44

RAÍZES 45

RAÍZES 46

RAÍZES 47

RAÍZES 48

RAÍZES 49

RAÍZES

RAÍZES 55

RAÍZES 56



Praça Primeiro
de Maio, na
década de 1950

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

SEDE ADMINISTRATIVA PINACOTECA MUNICIPAL CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul – SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

(em manutenção)
Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul – SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

ESPAÇO EXPOSITIVO ESPAÇO VERDE CHICO MENDES

(em revitalização)
Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO

Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO DO FORNO

Praça do Forno do
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul – SP

Missa Campal na Praça
Cardeal Arcoverde, no
dia 3 de abril de 1949



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA MUNICIPAL
SÃO CAETANO DO SUL

